



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (FIC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ROLDÃO ALVES DE BARROS JUNIOR

**Os bastidores da notícia de ciência: levantamento do
comportamento informacional de jornalistas em Goiânia**

GOIÂNIA
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Roldão Alves de Barros Junior

3. Título do trabalho

OS BASTIDORES DA NOTÍCIA DE CIÊNCIA: LEVANTAMENTO DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE JORNALISTAS EM GOIÂNIA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Pereira Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 08/10/2021, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **ROLDÃO ALVES DE BARROS JUNIOR, Discente**, em 08/10/2021, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do



[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2406177** e o código CRC **66905748**.

ROLDÃO ALVES DE BARROS JUNIOR

Os bastidores da notícia de ciência: levantamento do comportamento informacional de jornalistas em Goiânia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de Pesquisa: Mídia e Informação

Orientadora: Professora Doutora Andréa Pereira dos Santos

GOIÂNIA
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Barros Junior, Roldão Alves de

Os bastidores da notícia de ciência [manuscrito] : levantamento do comportamento informacional de jornalistas em Goiânia / Roldão Alves de Barros Junior. - 2021.

CLVIII, 158 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós Graduação em Comunicação, Goiânia, 2021.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Comportamento Informacional Humano. 2. Jornalismo local – Goiânia. 3. Jornalismo on-line. 4. Divulgação científica. I. Santos, Andréa Pereira dos , orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **19/2021** da sessão de Defesa de Dissertação de **ROLDÃO ALVES DE BARROS JUNIOR**, que confere o título de Mestre em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **vinte e sete de agosto de dois mil e vinte um**, a partir das **oito horas**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“OS BASTIDORES DA NOTÍCIA DE CIÊNCIA: LEVANTAMENTO DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE JORNALISTAS EM GOIÂNIA”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Andréa Pereira dos Santos (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Erinaldo Dias Valério (PPGB/UFCA)**, membro titular externo; Professora Doutora **Ângela Teixeira de Moraes (PPGCOM/FIC/UFG)**, membro titular interno, com a participação de todos por videoconferência. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Andréa Pereira dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **vinte e sete de agosto de dois mil e vinte um**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Pereira Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 24/09/2021, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ângela Teixeira De Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 26/09/2021, às 08:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Erinaldo Dias Valério, Professor do Magistério Superior**, em 03/10/2021, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2370570** e o código CRC **ABD2AEF3**.

Referência: Processo nº 23070.043874/2021-66

SEI nº 2370570

08/10/2021 10:54

SEI/UFG - 2370570 - Ata de Defesa de Dissertação

Aos meus pais, Roldão Alves de Barros (em memória) e Maria das Graças Ferreira Barros, meus maiores mestres.

AGRADECIMENTOS

Não se faz nada sozinho, nem mesmo um mestrado – um caminho que imaginei ser tão solitário. Provavelmente vou soar injusto aqui para alguém, porque tive muita ajuda, mas não quis deixar esse espaço num clichê de “*agradeço a Deus e aos meus pais*”. Não que eu não seja grato a eles, mas o caminho aqui tem muita gente.

Quero deixar registradas minha eterna gratidão e admiração pela minha orientadora, a professora dra. Andréa Pereira dos Santos. Se você é o tipo de pessoa que lê agradecimentos em dissertações, saiba que eu chorei na minha defesa – de alívio – e ter chegado lá, naquele momento, tem muito das mãos dela, dos momentos de acolhimento e do jeito gentil e sábio de cobrar e fazer as coisas acontecerem mesmo nos momentos mais turbulentos. Nesse processo todo, meus amigos de orientação também foram fundamentais. Sou grato Josué, André e Keyla.

Essa dissertação também é consequência de uma sementinha plantada quando fui aluno especial do PPGCOM/UFG nos anos de 2015 e 2018 – ano esse em que perdi o meu pai, no último mês de aulas. Impossível não agradecer quem deu apoio nesse período e me ajudou tirando dúvidas e discutindo angústias e paixões: Kalyne, Rhayssa e João, muito obrigado.

Aos colegas e amigos da minha turma, também agradeço e espero vê-los por aí, em especial Daniele, Bernadete, Luana, Mayara, Arthur, Lucas, Larissa e Caroline, além dos já tão próximos Kalyne, Josué, André, Milena, William, Bárbara e Stephani.

Às professoras e professores do PPGCOM/UFG, nominalmente: Ana Rita, Magno, Simone, Lara, Suely, Douglas, Eduardo, Janaína e Goiamérico. De forma muito especial e carinhosa às professoras Ana Carolina, Rosana e Ângela e também às servidoras Tessa e Annelise, que estiveram próximas, atentas e de coração aberto nesse processo. Fora do PPGCOM, minha gratidão à professora Lisbeth. Vocês fizeram a diferença.

Às minhas bancas de defesa e qualificação que tanto contribuiram para a qualidade da dissertação final: professoras Gasque, Ângela, professor Erinaldo e, claro, minha orientadora maravilhosa, a Andréa.

Por fim, agora sim, agradeço minha mãe, que se animou com cada passo meu e comemorou cada vitória pequenininha como se eu fosse um gênio – o que obviamente não faz sentido. Deve ser coisa de mãe – e deve ser por isso que elas são tão especiais.

RESUMO

Esta dissertação apresenta o Levantamento do Comportamento Informacional de jornalistas atuantes em veículos de mídia *on-line* de Goiânia, capital do Estado de Goiás, na composição de notícias, reportagens, artigos e outros produtos jornalísticos relacionados à ciência, esta, aqui delimitada como pesquisa científica. Trazemos o percurso que orienta o estudo a partir da indicação do desenho metodológico adotado, da descrição pormenorizada do problema da pesquisa e sua justificativa, a apresentação e explicação do levantamento produzido e seus resultados conectados à literatura já produzida sobre o tema. Uma revisão de literatura sobre os estudos de Comportamento Informacional de jornalistas também é feita a partir de estudos listados em bases de dados nacionais e internacionais, além de aprofundar-se na definição do conceito de Comportamento Informacional Humano a partir da teoria geral sistematizada por Wilson (2016) em consonância com o Princípio de Incerteza de Kuhlthau (2004). Os resultados do levantamento apontam, entre outras coisas, que fatores como senioridade profissional e ambiente de trabalho influenciam o comportamento de jornalistas na busca, pesquisa, uso, validação e compartilhamento de informações sobre ciência. Também foi identificado que os(as) profissionais têm comportamentos tanto ativos quanto passivos na busca e manejo de informação. Por fim, o autor sugere que instituições científicas e pesquisadores(as) desenhem estratégias de relacionamentos com jornalistas locais e que a reflexão sobre o Comportamento Informacional Humano chegue aos currículos dos cursos de Jornalismo no país, fazendo com que gerações futuras tenham maior capacidade de sucesso na divulgação de informações científicas com qualidade e segurança, sem perder de vista a habilidade de comunicar-se em linguagem acessível, característica do Jornalismo – e vantagem – que visa a adesão popular.

Palavras-chave: Comportamento Informacional Humano; Jornalismo local – Goiânia; Jornalismo on-line; Divulgação científica;

ABSTRACT

This dissertation presents the survey of the Information Behavior of journalists working on online media in Goiânia, capital of the State of Goiás, in the composition of news, reports, articles and other journalistic products related to science, which is here delimited as scientific research. We bring the path that guides the study from the indication of the methodological design adopted, the detailed description of the research problem and its justification, a presentation and explanation of the survey produced and its results linked to the literature already inserted on the subject. A literature review on journalists' Human Information Behaviour studies is also made from studies corrected in national and international databases, in addition to deepening the definition of the concept of Human Information Behavior from the general theory systematized by Wilson (2016) besides with the Kuhlthau Uncertainty Principle (2004). The survey results indicate, among other things, that factors such as professional seniority and work environment influence the behavior of journalists in the search, research, use, validation and sharing of information about science. It was also identified that professionals have both active and passive behavior in the search and management of information. Lastly, the author claims that scientific institutions and researchers design referral mechanisms with local journalists and that reflection on Human Information Behaviour reaches the curriculum of Journalism courses in the country, making future generations of professionals have greater capacity for success in the dissemination of scientific information with quality and safety, without losing sight of the ability to communicate in an accessible language, a characteristic of Journalism - and an advantage of it - that seeks popular adhesion.

Keywords: Human Information Behaviour; Local Journalism - Goiania; Online Journalism; Science Communication;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O ciclo do conhecimento organizacional	58
Figura 2 - o modelo definitivo de Comportamento Informacional de Wilson	59
Figura 3 - Modelo de Wilson para estudos de comunicação e audiência	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Objetivos e propostas de ação	16
Tabela 2 – Descrição dos instrumentos metodológicos	23
Tabela 3 – Lista de veículos on-line em Goiânia	25
Tabela 4 – Lista de veículos considerados	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – o modelo ISP de Kuhlthau	56
Quadro 2 – modelo teórico de Choo para a busca e o uso da informação	57
Quadro 3 – As leis de Wilson e as hipóteses contemporâneas da comunicação	67
Quadro 4 – Motivos para destacar fatos e fontes	82
Quadro 5 – Por que compartilham?	84
Quadro 6 – Outros sentimentos ou sensações no processo de escrita	87
Quadro 7 – Perfil dos jornalistas entrevistados	88
Quadro 8 – Valores atribuídos às falas dos jornalistas	89
Quadro 9 – Nível de engajamento entre os jornalistas	90
Quadro 10 – Valor por código temático	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Autoria dos textos levantados na fase 1	28
Gráfico 2 - Autoria detalhada por agência na fase 1	29
Gráfico 3 - Fontes de informação mais confiáveis	48
Gráfico 4 - Fontes de informação menos confiáveis	48
Gráfico 5 - Sobre escrever sobre ciência no veículo em que trabalha	76
Gráfico 6 - Sobre temas de maior interesse	76
Gráfico 7 - Sobre reportagens complexas	77
Gráfico 8 - Frequência de reportagens complexas	78
Gráfico 9 - Quais fontes de informação trabalha	78
Gráfico 10 - Quais fontes são confiáveis	79
Gráfico 11 - Quais instituições são confiáveis	80
Gráfico 12 - Com quais instituições trabalham	81
Gráfico 13 - Sobre o sentimento de já ter sido mal interpretado	84
Gráfico 14 - Sobre falhas assumidas pelo grupo	85
Gráfico 15 - Sobre a influência de terceiros nos conteúdos publicados	86
Gráfico 16 - Valores por categorias temáticas	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Análise de Conteúdo
CC	Creative Commons
CEP/UFG	Comité de Ética em Pesquisa da UFG
CGEE	Centro de Gestão em Estudos Estratégicos
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil
ONG	Organização Não Governamental
PPGCOM/UFG	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG
SBPC/GO	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - Regional Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	SUMÁRIO COMENTADO	23
2	METODOLOGIA DO TRABALHO	25
2.1	DEFINIÇÃO DOS SITES DE NOTÍCIAS CONSIDERADOS	28
2.1.2	DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO DA PESQUISA	29
2.1.3	PARA A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	33
3	JORNALISMO, INFORMAÇÃO E A CIÊNCIA NO NOTICIÁRIO	37
3.1	EM BUSCA DE UM CONCEITO DE COMUNICAÇÃO E DE INFORMAÇÃO	37
3.2	PARA FALAR DE JORNALISMO	41
3.3	AS INTER-RELAÇÕES ENTRE O JORNALÍSTICO E O CIENTÍFICO	44
3.4	FACES DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	46
3.5	IMPACTOS DA CIÊNCIA NO DIA A DIA	50
4	O COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE JORNALISTAS	53
4.1	O QUE É COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	54
4.2	ALGUNS MODELOS RECENTES NA LITERATURA	58
4.2.1	O processo de busca de informação definido por Kuhlthau	58
4.2.2	A organização de conhecimento de Choo	59
4.2.3	Os modelos de Wilson	64
4.3	APROXIMAÇÕES COM AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO	67
4.3.1	Comportamento Informacional de jornalistas: uma revisão	70
4.3.1.1	Um pouco da discussão em língua portuguesa	71
4.3.1.2	Os estudos encontrados em espanhol	72
4.3.1.3	Os estudos encontrados em língua inglesa	73
5	IDENTIFICANDO COMPORTAMENTOS: ANÁLISE DOS DADOS	77
5.1	ANÁLISE DE DADOS DO QUESTIONÁRIO	77
5.2	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	90
5.2.1	Contexto	96
5.2.2	Ambiente	99
5.2.3	Necessidade	102

5.2.4	Busca	103
5.2.5	Uso e Compartilhamento	107
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS	111
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FINAL	116
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DAS ENTREVISTAS	127
	APÊNDICE C – TCLE ENTREVISTAS	128
	APÊNDICE D – TCLE QUESTIONÁRIO	132
	APÊNDICE E – ENTREVISTA JORNALISTA 1	134
	APÊNDICE F – ENTREVISTA JORNALISTA 2	139
	APÊNDICE G – ENTREVISTA JORNALISTA 3	143
	APÊNDICE H – ENTREVISTA JORNALISTA 4	148
	ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP/UFG N° 3.752.286	151
	ANEXO 2 - PARECER CONSUBSTANCIADO CEP/UFG 4.627.518 (EMENDA)	155

1 INTRODUÇÃO

O estudo aqui proposto é uma tentativa identificar, a partir do cruzamento de dados e de instrumentos metodológicos, como jornalistas de mídia *on-line* em Goiânia buscam, escolhem e utilizam as fontes de informação, ou seja, às informações acessadas por esses profissionais, para as matérias que produzem sobre ciência, ou, como aqui propomos, seu Comportamento Informacional (WILSON, 2000; 2016) nessa atividade. Buscamos, portanto, seu comportamento na construção de notícias, reportagens, artigos e outros produtos jornalísticos relacionados à ciência, esta, aqui delimitada como pesquisa científica. Isso inclui, dessa forma, a investigação sobre a busca e o uso de informação por parte dessa categoria profissional, com foco nas fontes de informação científica que esses/as jornalistas escolhem. Toda a pesquisa é feita com os/as jornalistas de mídia *on-line* atuantes na cidade de Goiânia, capital de Goiás, que foram autores de publicações sobre pesquisa científica em um período de 12 meses, entre dezembro de 2018 e dezembro de 2019.

A pesquisa tem como base veículos *on-line* da capital de Goiás, devidamente registrados na terceira versão do levantamento Atlas da Notícia, de 2019¹, pelos seguintes motivos: poucos são os veículos que resistiram ao modelo impresso na cidade, enquanto, ao mesmo tempo, veículos *on-line* têm se fortalecido na cidade, sendo o próprio jornal mais tradicional, a saber, O Popular, um dos principais no mercado. O fortalecimento da presença da internet no cotidiano dos goianos e a facilidade de compartilhamento da informação também pesam em nossa escolha. A partir deste contexto, o estudo é desenhado com a mescla de diferentes instrumentos metodológicos, à luz da teoria e modelos de Comportamento Informacional de Wilson (2016) e Kulhau (2004) com o intuito de responder a seguinte **questão-problema**: Qual o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia *on-line* de Goiânia para a seleção de fontes de informação em matérias sobre pesquisas e estudos científicos?

Partimos, aqui, da **hipótese** inicial de que os/as jornalistas que escrevem sobre pesquisas científicas nas redações de veículos *on-line* da cidade atuam mais de forma passiva que ativa na busca por informações sobre pesquisas realizadas nas instituições da cidade e que isso reflete qualitativa e quantitativamente no que é produzido pelos portais de notícia

¹ ATLAS DA NOTÍCIA. **Atlas da notícia**: mapeando o jornalismo local no Brasil. v. 3. nov. 2019. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br>. Acesso em: 17 dez. 2019.

goianienses. Para estudar tais suspeitas de forma científica, elencamos alguns **objetivos** para nos ajudar na estruturação da investigação, sendo o **geral**: identificar o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia *on-line* da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos. A pesquisa também traz quatro objetivos **específicos**, sendo eles: a) identificar o que são fontes confiáveis de informação para os/as jornalistas que atuam em Goiânia quando o produto jornalístico envolve estudos e pesquisas científicas; b) levantar a visão e quais os sentimentos desses/as jornalistas sobre sua cultura profissional, rotina produtiva e os próprios processos jornalísticos em que estão inseridos; e c) identificar se as revistas científicas locais são conhecidas e lidas por esses profissionais. Cada objetivo se converte, neste estudo, em alguma estratégia ou instrumento metodológico para a investigação, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Objetivos e propostas de ação

OBJETIVO	AÇÃO
Identificar quais as fontes confiáveis para os/as jornalistas	Questionário <i>on-line</i> com a população estipulada
Levantar a visão e quais os sentimentos dos/as jornalistas sobre sua cultura profissional e os processos jornalísticos	Questionário <i>on-line</i> e entrevistas em profundidade
Identificar se as revistas científicas locais são lidas pelos/as jornalistas	Questionário <i>on-line</i> e entrevistas em profundidade

Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Com relação à **justificativa**, este estudo foi pensado com o desejo de trazer um novo ponto de vista, focado na visão profissional do(a) jornalista, para a discussão sobre o jornalismo produzido na Grande Goiânia – a capital de Goiás e sua região metropolitana – especificamente sobre o trabalho dessa classe de comunicadores para difusão da ciência na cidade, a partir da repercussão de pesquisas e estudos científicos.

Para delimitar a população de análise, optamos, nesta pesquisa, por investigar o comportamento informacional destes/as jornalistas locais – especificamente os de veículos de mídia *on-line* operando em Goiânia e com equipe instalada fisicamente na cidade, que tenham publicado matérias sobre pesquisas ou estudos científicos em um período de 12 meses – com as fontes de informação de ciência, ou de ciências, como sugere Gilles-Gaston

Granger (1994), por tal área ser estratégica para qualquer nação desenvolvida ou em desenvolvimento, como chama à atenção Fabíola Oliveira (2021).

No Brasil, levantamento realizado em 2015 pelo Centro de Gestão em Estudos Estratégicos (CGEE), organização social do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), publicado em 2017, revelou o interesse dos brasileiros pelos temas da ciência, com cerca de 61% dos entrevistados se considerando interessados ou muito interessados, mas destacou a falta de entendimento do impacto das pesquisas científicas no dia a dia da população. Para minimizar esse desencontro já percebido, instituições nacionais e regionais têm se unido em prol de ações de conscientização da população, como o Dia C da Ciência, promovido anualmente, durante a Semana Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, o *Pint of Science*, que já teve edições em Goiânia, levando bate-papos sobre pesquisas para bares da capital, e o Prêmio SBPC/GO de Popularização da Ciência, realizado anualmente pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - Regional Goiás.

Também em nível nacional, o CGEE publicou, em 2019, a quinta rodada da pesquisa Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil ² que traz, entre outros apontamentos, o interesse maior nos temas de medicina e saúde, meio ambiente e religião e a visão de cientistas como "pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade" pela maioria, a saber, 41% da amostra. Contudo, entre **as fontes de informação confiáveis para a população**, jornalistas e médicos(as) aparecem empatados, com 26%, seguidos(as) por religiosos(as), com 15%. Cientistas só aparecem em duas oportunidades na lista: quando cientistas de instituições públicas de pesquisa (12%) ou de empresas (3%). Curiosamente, jornalistas também são listados como fontes menos confiáveis sobre ciência, com 6%. Ainda sobre fontes de informação, o levantamento mostra que a internet ultrapassou, pela primeira vez, a televisão como meio de acesso a informações sobre ciência e tecnologia. Sites de pesquisa, Facebook e YouTube são as fontes de informação mais citadas pelos entrevistados (CGEE, 2019).

De volta ao recorte regional, estudo sobre o ponto de vista de jornalistas da mídia local sobre fontes científicas confiáveis e sua rotina produtiva segue inédito em Goiânia. É esta lacuna que o presente trabalho pretende superar, possibilitando que investigações futuras avancem ainda mais na popularização da ciência na cidade – o que poderá, certamente, ser replicado e aprimorado para a realidade de outras capitais brasileiras. Tendo como população

² Disponível em resumo e na íntegra no site <https://www.cgee.org.br/web/percepcao>. Acesso em: 8 mar 2021.

o jornalista atuante nos veículos de mídia *on-line* da cidade que tenha escrito sobre pesquisas científicas recentemente, este estudo busca identificar como esse(a) profissional busca, escolhe e se relaciona com fontes de informação na produção de conteúdo sobre ciência. Mais que isso: o porquê e como este(a) jornalista compartilha informação. Assim, estima-se que o estudo permitirá, a partir de seus resultados, trazer dados para que ações de divulgação da ciência e políticas públicas de popularização da ciência sejam pensadas verdadeiramente de forma estratégica, ampliando o relacionamento das organizações e pesquisadores interessados com o Jornalismo produzido na capital de Goiás.

Poderão se beneficiar dos resultados deste estudo, então, instituições públicas de fomento, universidades, institutos de pesquisa, ONGs e outras entidades e organizações com foco na popularização da ciência em Goiânia, assim como os/as jornalistas e as escolas de Jornalismo sediadas na cidade. Um estudo dessa magnitude se **justifica**, ainda, por sua importância social. Isso porque, a pesquisa tem em vista que seus resultados podem ajudar na atuação dos/as jornalistas da cidade, fortalecendo conhecimentos e habilidades desses profissionais para que eles não caiam nas armadilhas de divulgações pseudocientíficas ou inadequadas do ponto de vista moral e ético, garantindo a credibilidade do Jornalismo profissional em tempos de constantes ataques à categoria. O estudo pode, ainda, influenciar novos estudos na área, uma vez que o conceito de Comportamento Informacional ainda não é amplamente adotado por comunicólogos e estudiosos da Comunicação.

Por atravessar caminhos que passam tanto pela Ciência da Comunicação quanto pela Ciência da Informação, esta investigação tem seu **corpo teórico** composto por autores de diferentes campos, como filósofos, pensadores do Jornalismo, da Biblioteconomia, da comunicação digital, entre outros. Por ser o conceito central da pesquisa, o **Comportamento Informacional** é abordado aqui no encontro discursivo entre o trabalho seminal de Wilson (1999; 2000; 2016; 2018), as relações estabelecidas por Choo (2011; 2017), na organização do conhecimento, e por Gasque (2010), no histórico dos modelos de Comportamento Informacional e de Competência Informacional.

A discussão sobre **Cultura e Informação** tem seu início nos escritos de Chauí (2008), Eagleton (2005) e Flusser (2007). Este último será uma das principais leituras a definição, também, do conceito de **Comunicação**. O aprofundamento no **Jornalismo** vem a partir de autores como Traquina (2005) e Kunczik (2002), na tentativa de discutir, sobretudo, o papel do(a) jornalista na sociedade e a função – se é que podemos dizer nesses termos – do

Jornalismo nas sociedades democráticas, que contam com o acesso livre à informação garantido na letra da lei.

Ao fim, desejamos abordar as inter-relações entre o **Jornalismo e a divulgação científica**, buscando nos escritos de Medina (2008), Tabakman (2013), Bueno (2003), Ribeiro (2014) e Zamboni (2001) discussões pertinentes sobre as relações de trabalho e o fazer jornalístico em disciplinas complexas, como a saúde, a tecnologia e a sustentabilidade, seja por meio das problematizações do Jornalismo especializado, do Jornalismo científico ou do próprio Jornalismo enquanto campo de divulgação científica e fonte de informação confiável para leigos.

1.1 SUMÁRIO COMENTADO

Após este capítulo introdutório, temos o **Capítulo 2 - Metodologia do trabalho**, que apresenta em detalhes o percurso metodológico empreendido nesta dissertação. Ao longo dessas páginas, é apresentado o método escolhido - o de Levantamento, segundo Gil (2010) - bem como os instrumentos para a coleta, tratamento e análise dos dados.

No **Capítulo 3 - Jornalismo, Informação e Ciência no noticiário**, a dissertação traz apontamentos de teóricos do Jornalismo, da Informação e da Filosofia Científica, além da literatura de autores entre-áreas, que contribuem para o debate aqui proposto: o que é científico no jornalismo para além do Jornalismo Científico - área de estudos e trabalho especializada do Jornalismo.

Ao longo do **Capítulo 4 - O Comportamento Informacional de Jornalistas**, o texto traz a definição teórica de Wilson (2016) para a sua Teoria do Comportamento Informacional Humano, bem como modelos recentes da área apresentados por ele e outros autores. O capítulo também aborda semelhanças entre as Leis de Wilson, trazidas de sua teoria, com estudos contemporâneos do Jornalismo, como as hipóteses da *Agenda Setting* e *Newsmaking*. Reúne, ainda, um pouco da literatura contemporânea sobre o Comportamento Informacional de Jornalistas pelo mundo, em língua portuguesa, espanhola e inglesa.

Por fim, o **Capítulo 5 - Identificando comportamentos: análise dos dados** apresenta os resultados obtidos a partir do questionário aplicado a jornalistas de Goiânia e das

entrevistas em profundidade com o grupo, além de análises do autor, seguidas pelas considerações finais da dissertação. Boa leitura!

2 METODOLOGIA DO TRABALHO

Como solução para esta dissertação de mestrado, **a presente pesquisa é classificada**, conforme definem Matias-Pereira (2016) e Gil (2010), como de **natureza aplicada e abordagem qualitativa**. Como lembram Silveira e Córdova (2009), a abordagem qualitativa tem como foco a compreensão de grupos e a explicação de porquês, sendo muito indicada para a dinâmica de relações sociais, quando dados quantificados não dão conta sozinhos do fenômeno complexo a ser estudado.

Com relação à classificação por objetivo, a pesquisa é definida, seguindo a classificação trazida por Gil (2010), como **pesquisa exploratória**, por ter como objetivo proporcionar maior familiaridade com um problema, para "torná-lo mais explícito ou construir hipóteses" (p. 27). Por **método** principal, a pesquisa é identificada como um **Levantamento do Comportamento Informacional**, mixando as definições de Gil (2010) para levantamentos com a teoria geral do Comportamento Informacional de Wilson (2016) mesclada ao Princípio de Incerteza de Kuhlthau (2004). Por levantamento, Gil (2010) considera o levante de informações a partir da interrogação direta de pessoas "cujo comportamento se deseja conhecer" (p. 35). Já a teoria de Wilson (2016) e o princípio criado por Kuhlthau (2004) são explicados com mais detalhes no capítulo 3 desta dissertação. Tais modelos teóricos, no entanto, correspondem aos processos de busca e uso de informações por usuários.

Como **instrumentos**, a presente dissertação traz a pesquisa bibliográfica, a aplicação de questionário *on-line*, as entrevistas em profundidade e a análise de conteúdo, esta última com base nas orientações de Bardin (2016).

Para a primeira etapa, além da pesquisa bibliográfica, defendida por Stumpf (2010) como o planejamento inicial e global de qualquer pesquisa, este estudo propõe a realização do levantamento da população do estudo a partir dos veículos jornalísticos listados para Goiânia na plataforma Atlas da Notícia³, considerando apenas os veículos com versão *on-line* – no caso desta pesquisa, a lista irá subsidiar a busca pelo nome dos/as jornalistas autores de matérias sobre estudos e pesquisas científicas nos veículos da cidade. A busca pelo grupo de jornalistas autores foi feita a partir do material produzido por eles no período de 12 meses, no ano de 2019. Apesar desse movimento ser entendido por alguns autores enquanto

³ Disponível em: <https://www.atlas.ior.br>. Acesso em: 17 dez. 2019.

pesquisa documental, seguimos as orientações de Gil (2010), que define a pesquisa bibliográfica mais amplamente, de forma a considerar dentro dessa categoria a pesquisa realizada em “material já publicado” (p. 29), inclusive materiais disponíveis na internet. Para o autor, a pesquisa documental, por outro lado, envolve documentos não publicados ou não disponíveis publicamente, entendimento que também assumimos nesta dissertação.

Após a identificação do grupo de jornalistas estudado – uma subseção detalha, a seguir, define a população – foi aplicado o questionário *on-line*, adaptando as definições apresentadas inicialmente por Novelli (2010), que considera a aplicação de questionários pessoalmente, por telefone ou correio. Seguindo a recomendação da autora e das orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, tanto em consulta anterior quanto no parecer 3.752.286⁴, o questionário contou com texto introdutório explicando a pesquisa para cada participante, de forma a gerar interesse na sua participação e explicitar os objetivos da pesquisa, que é científica. Logo no início, ficou claro ao participante que sua resposta é opcional, mas importante para o resultado do estudo, e que seria assegurado o seu anonimato em todos os resultados. As perguntas presentes no questionário, como indicamos anteriormente, seguem a teoria geral do Comportamento Informacional de Wilson (2016) e o Princípio de Incerteza de Kuhlthau (2004). Nesta etapa, o questionário foi proposto para toda a população, que foi estimada em 60 profissionais. Desses, 11 atenderam ao pedido e apenas nove concluíram a resposta ao questionário, o que nos surpreendeu negativamente. No entanto, como trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, temos, nesta investigação, o foco na análise do grupo mesmo que a resposta não seja dada por todos os seus membros.

Após a aplicação do questionário, fomos para a fase de entrevistas em profundidade por meio do aplicativo *Zoom*, seguindo as orientações de Jorge Duarte (2010) para o instrumento. A categorização e análise dos dados, aqui, segue a abordagem da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), sobretudo para a definição da população do estudo e a análise das perguntas abertas do questionário e as entrevistas em profundidade. A AC traz três fases de análise: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

⁴ Disponível para consulta no Anexo 1.

Tabela 2 - Descrição dos instrumentos metodológicos

ETAPA DO LEVANTAMENTO	INSTRUMENTO OU AÇÃO
Especificação dos objetos	Planejamento da pesquisa: revisão bibliográfica e leitura flutuante dos dados preliminares
Operacionalização dos conceitos e variáveis	Planejamento da pesquisa tendo como referência o corpo teórico a partir de Wilson (2016) e Kuhlthau (2004)
Elaboração do instrumento de coleta de dados	Questionário on-line com base nas orientações de Novelli (2010)
Pré-teste do instrumento de coleta	Aplicação da versão preliminar do questionário on-line
Seleção da amostra	Com o auxílio da Análise de Conteúdo de Bardin (2016)
Coleta e verificação dos dados	Questionário <i>on-line</i> e entrevistas em profundidade
Análise e interpretação dos dados	A partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com ancoragem teórica na Teoria do Comportamento Informacional (WILSON, 2016) e no Princípio de Incerteza (KUHLETHAU, 2004)
Redação do relatório de pesquisa	Dissertação de Mestrado e artigos posteriores

Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Antes de seguirmos este capítulo com o detalhamento metodológico das etapas de definição da população da pesquisa e da coleta e análise dos dados, deixamos disponível aos leitores, na Tabela 2, um quadro que relaciona diretamente cada etapa descrita anteriormente nesta seção e a ação ou o instrumento metodológico proposto para sua solução. Tal atitude visa, principalmente, facilitar o entendimento do desenho metodológico proposto nesta dissertação, que combina um corpo teórico relativamente novo ao método – levantamento, segundo Gil (2010) – e os instrumentos escolhidos para que a questão problema consiga ser satisfatoriamente trabalhada. A lembrar: qual o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia *on-line* de Goiânia para a seleção de fontes de informação em matérias sobre pesquisas e estudos científicos?

2.1 DEFINIÇÃO DOS SITES DE NOTÍCIAS CONSIDERADOS

Para uma definição segura de quais veículos foram considerados para a realização do estudo, optamos pela utilização do banco de dados da edição 2019 plataforma Atlas da Notícia – mapeando o jornalismo local do Brasil, portanto em sua versão 3.0. A plataforma realizada anualmente pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, Projor⁵, em parceria com a agência Volt Data Lab⁶, traz no formato de dados abertos a listagem de veículos locais de cidades brasileiras a partir da combinação de dados oficiais da Presidência da República e de levantamento próprio. Todo o conteúdo foi utilizado respeitando a licença *Creative Commons* 4.0⁷, ou seja, pode ser copiado, distribuído, alterado e compartilhado por terceiros, desde que respeitada a fonte de origem.

Inicialmente, a consulta ao banco de dados da plataforma mostrou 37 veículos jornalísticos registrados para a categoria *on-line* em Goiânia. Os resultados brutos, porém, indicavam veículos como *blogs*, revistas e rádios que não correspondem à delimitação do estudo e apresentou alguns sites inativos que não contam com conteúdo atual. Para resolver a questão, limpamos a planilha e optamos pela manutenção apenas de portais de notícias diárias sobre generalidades, no formato comumente conhecido como *hard news*.

Com esse tratamento, os dados apontaram para 12 veículos na cidade, conforme a Tabela 2. Durante a pré-análise, dois veículos foram adaptados da lista original para a nossa pesquisa: Rádio 730 e o Portal Goiásnet. Isso porque a rádio é conhecida agora como **Sagres 730**, e possui portal próprio, o *Sagres on-line*, enquanto o Portal Goiásnet, criado em 2002 pelo Grupo Jaime Câmara, foi descontinuado em 2011 com o lançamento do **G1 Goiás**⁸, portal de notícias integrado à TV Anhanguera e ao Portal G1, do Grupo Globo. Foram feitas, então, as devidas substituições.

⁵ Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. Site: <https://www.projor.org.br>

⁶ Agência independente de jornalismo de dados. Site: <https://www.voltdata.info>

⁷ Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR. Acesso: 20 nov. 2019.

⁸ Disponível em: <https://www.giccorp.com.br/#/grupo/historia>. Acesso em 19 dez. 2019.

Tabela 3 - Lista de veículos *on-line* em Goiânia

VEÍCULO	SITE
Diário da Manhã	dm.com.br
Mais Goiás	emaisgoias.com.br
Diário de Goiás	diariodegoias.com.br
Gazeta do Estado	gazetadoestado.com.br
O Popular	opopular.com.br
Tribuna do Planalto	tribunadoplanalto.com.br
G1 Goiás	g1.globo.com/go/goias
Opção	jornalopcao.com.br
A Redação	aredacao.com.br
Sagres on-line	sagresonline.com.br
Folha Z	folhaz.com.br
Folha de Goiás	folhadegoias.info

Fonte: Atlas da Notícia (2019), adaptado pelo autor (2021)

Ressaltamos aqui que a base de dados consultada, apesar de confiável, não traz todos os veículos de fato. Portais nativos digitais como o **Dia *on-line*** e de jornais impressos como **O Hoje** não entram nas tabelas trazidas pelo **Atlas da Notícia**, por não constarem nas bases de dados que compõem o mapeamento da plataforma, como o da Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR). Mesmo notando a falha, optamos por não fazer mais essa adaptação, por entendermos que poderíamos correr o risco de deixar outros veículos ausentes, por ainda não serem conhecidos pelo autor estudo. Utilizamos, então, a base de dados apenas com as adequações anteriormente informadas, atualizando apenas os nomes dos veículos já existentes na terceira versão da plataforma.

2.2 DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO DA PESQUISA

Para a definição da população do estudo e do *corpus* desta fase do levantamento, definimos a utilização do serviço de busca avançada do *Google* Brasil. Isso porque o motor de buscas do *Google* permite que o pesquisador procure dentro de cada um dos sites da tabela por termos específicos combinados⁹, em um período também delimitado pelo pesquisador.

⁹ Se o pesquisador acessa o Google Brasil e digita, por exemplo, o comando: "site:https://g1.globo.com/go/goias/científico OR pesquisa AND pesquisador OR pesquisadora OR universidade OR instituto -ibope -associação -procon -mp -reitor -concurso -inep -publicitario -iml -ibge -ministro -governador -deputado -fipezap -sindicato -

Assim, os endereços das páginas de cada notícia ou reportagem publicada no período analisado, bem como a identificação do autor, do veículo e da data podem ser agrupados em uma tabela para a composição da base de dados – o **corpus** – que compõe esta etapa da investigação. Com esta base foi possível identificar também qual o número de matérias de fato escritas por jornalistas locais, em detrimento de materiais provenientes de terceiros, como agências de notícias¹⁰ e assessorias de imprensa. Esses profissionais identificados foram os convidados para a pesquisa, com a resposta do questionário *on-line* – são, portanto, a **população** do estudo. Parte desse grupo – quatro jornalistas que aceitaram participar da entrevista em profundidade – compõem a população da segunda e última etapa da pesquisa.

O levantamento de jornalistas dos veículos de mídia *on-line* de Goiânia levou em consideração a lista do Atlas da Notícia, adaptada para atender aos critérios metodológicos deste estudo, e os resultados obtidos nestes veículos a partir da engrenagem de pesquisa do Google Brasil. Utilizamos, para isso, a busca avançada por termos e por período, com data de início no dia 1º de janeiro de 2019 e de fim no dia 31 de dezembro do mesmo ano, configurando assim uma busca pelo conteúdo publicado em 12 meses.

Inicialmente, a pesquisa foi feita com base nos termos "científico", "pesquisa", "pesquisador", "pesquisadora", "universidade" e "instituto" e com o comando de excluir automaticamente os resultados com os termos "Ibope", "associação", "Procon", "MP", "reitor", "concurso", "Inep", "publicitário", "IML", "IBGE", "ministro", "governador", "deputado", "sindicato" e "DGAP", observados como obstáculos durante a etapa de exploração descrita por Bardin (2016). A estratégia metodológica resultou, no entanto, em buscas que traziam conteúdo relevante e buscas que não apresentavam resultado nenhum ou resultados muito abaixo do esperado, como no caso da versão *on-line* do jornal O Popular.

Visando resolver o impasse, tentamos simplificar a busca avançada mantendo o período e deixando apenas que a engrenagem buscasse pelo termo "pesquisa". O resultado

viçosa -telo -leozinho -tecnoshow -dgap -estagio", sem o uso de aspas, e delimita o período de consulta entre 01/12/2018 e 01/12/2019, o resultado será o seguinte: <https://bit.ly/3aio3mF>. Acesso em 22 dez. 2019.

¹⁰ Agências de notícias são empresas nacionais e transnacionais que trabalham diretamente com a disseminação de informação para as redações de jornais em todo o mundo. Como os jornais não têm estrutura suficiente para manter jornalistas trabalhando em diferentes partes do mundo, essas agências se especializam na produção de conteúdo jornalístico que é vendido para empresas jornalísticas no formato de *reports* ou relatórios, notícias e reportagens. Sua publicação pode ser feita pelo veículo jornalístico na íntegra, dando o devido crédito de autoria à agência, ou a partir de uma adaptação da equipe de jornalistas do veículo local. Segundo Silva Junior (2009), seu início remonta ao século XIX, a partir da popularização do telégrafo, e segue até hoje, com as redes digitais.

da estratégia foi, então, satisfatório e adotamos o padrão para todos os veículos, optando por fazer a limpeza dos dados manualmente.

Como resultado, as buscas somaram 2.271 matérias recuperadas nestes 12 sites. No entanto, apenas **nove veículos** apresentaram matérias de divulgação científica assinadas por jornalistas de suas equipes no ano de 2019. Este foi, então, o grupo considerado para a primeira fase deste estudo – a aplicação do questionário.

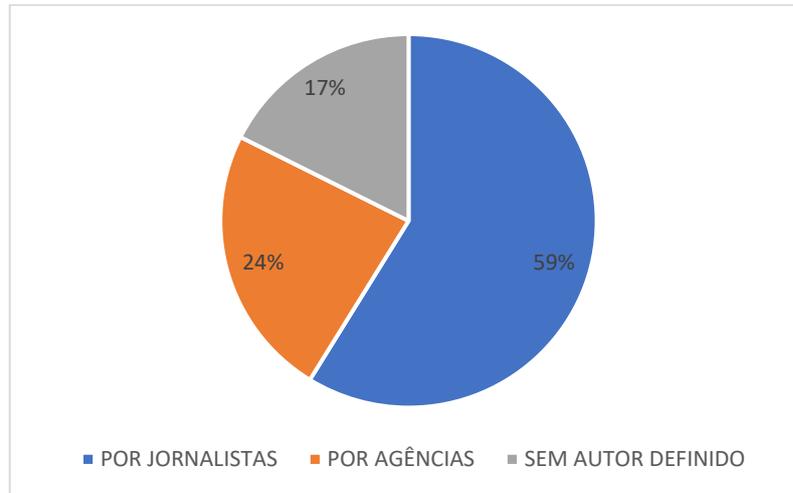
Tabela 4 – Lista de veículos considerados

VEÍCULO	SITE
Diário da Manhã	dm.jor.br
Mais Goiás	emaisgoias.com.br
Diário de Goiás	diariodegoias.com.br
Gazeta do Estado	gazetadoestado.com.br
O Popular	opopular.com.br
G1 Goiás	g1.globo.com/go/goias
Opção	jornalopcao.com.br
Sagres on-line	sagreson-line.com.br
Folha de Goiás	folhadegoias.info

Fonte: Atlas da Notícia (2019), adaptado pelo autor (2021)

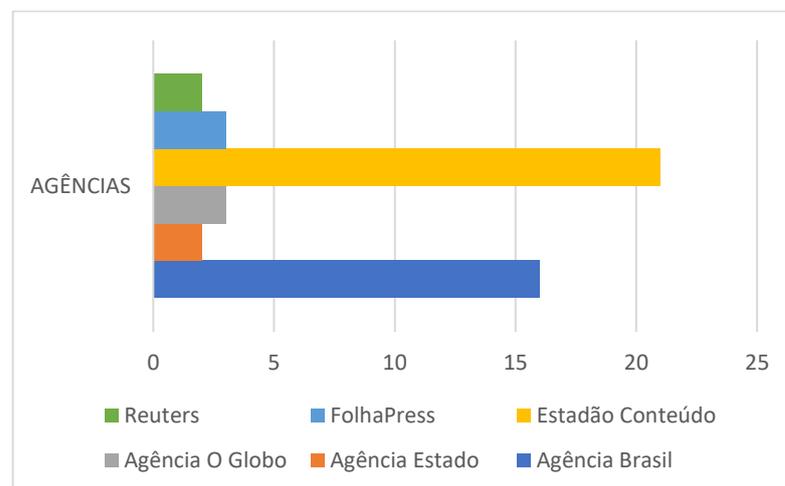
Nestes veículos goianienses, foram identificados **60 jornalistas** como autores de matérias de divulgação científica no ano de 2019. O grupo foi convidado, na íntegra, por *e-mail* e *WhatsApp*, a responder ao questionário *on-line* sobre suas práticas profissionais e comportamento de busca e uso de informação. Deste grupo, 11 jornalistas iniciaram a resposta ao questionário e, desses, nove concluíram o envio do questionário. Por fim, quatro jornalistas, de três veículos jornalísticos, participaram da entrevista.

Sobre os resultados encontrados na primeira fase da pesquisa, com o levantamento de jornalistas autores de matérias de divulgação científica em Goiânia, identificamos que o número de textos assinados por jornalistas (117 matérias) supera o número de textos assinados por agências de notícias (47 matérias). Isso significa que mais textos foram publicados indicando a autoria de algum profissional da equipe do veículo do que indicando os direitos de uso de conteúdo de uma agência de notícias nacional ou internacional.

Gráfico 1 - Autoria dos textos levantados na fase 1

Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Seis agências foram identificadas: Agência Brasil, Agência Estado, Agência O Globo, Estadão Conteúdo, FolhaPress e Reuters. Ligada ao grupo Estado e de acesso restrito, a Estadão Conteúdo foi a fonte mais utilizada para a publicação nos veículos locais, com 21 textos. A Agência Brasil, de acesso gratuito e ligada ao Governo Federal, aparece logo em seguida, com 16 textos.

Gráfico 2 - Autoria detalhada por agência na fase 1

Fonte: elaborado pelo autor, 2021

O número de textos assinados genericamente como “redação” foi um pouco menor: 35. Juntos, os textos não assinados por jornalistas (74) são consideravelmente inferiores em quantidade aos textos assinados diretamente pelos profissionais dos veículos. Outro dado é que parte dos textos é assinado por mais de um autor. Em alguns veículos, um(a) mesmo(a)

jornalista assina vários textos. O caso mais representativo foi no jornal *Opção*, com o mesmo profissional assinando nove textos no período. Em segundo lugar, aparece uma profissional do jornal *O Popular*, com seis matérias publicadas no período.

2.3 PARA A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Após a descrição das etapas para a definição da população da pesquisa, seguimos, nesta subseção, para a descrição dos instrumentos de coleta dos dados e sua posterior análise. Cabe lembrar que, como citado no início da seção metodológica do capítulo, todos os instrumentos da pesquisa estão ancorados metodologicamente, como sugerem Gil (2010, p. 101) e Bardin (2016, p. 133). Tanto o questionário *on-line*, quanto a entrevista em profundidade e a própria análise do material a partir da AC de Bardin consideram a teoria geral do Comportamento Informacional de Wilson (2016) e o Princípio de Incerteza de Kuhlthau (2004) em sua execução. Teremos, assim, ao fim desta pesquisa, o que chamamos aqui de Levantamento de Comportamento Informacional dos/as jornalistas estudados.

Para atingir essa meta, aproveitamos a leitura flutuante e as categorizações feitas na fase 1 do estudo – com a definição da população da pesquisa – junto ao aporte teórico para a elaboração de uma proposta de questionário *on-line* e sua aplicação enquanto **pré-teste**, nos termos definidos por Gil (2010). O pré-teste foi aplicado no primeiro semestre do ano de 2020, antes da qualificação da pesquisa no PPGCOM/UFG, para avaliar o instrumento.

O questionário foi respondido por oito participantes voluntários, todos jornalistas que trabalham com ciência, mas que não integram o grupo principal. Compõem o grupo do pré-teste jornalistas que atuam em assessorias de imprensa de universidades e entidades científicas da capital, mestrandos e doutorandos. A escolha por um grupo similar e alternativo objetivou aumentar as chances de resposta dos/as jornalistas que integram a população do estudo, o que se mostrou um acerto, tendo em vista a baixa adesão e resposta do grupo principal – que poderia ser ainda mais prejudicada se fossem convidados a responder mais de um questionário.

O questionário *on-line* do pré-teste foi publicado do *Google Forms* e foi dividido em quatro seções, totalizando 27 perguntas. As seções foram: Sobre você e sua formação, Sobre você e seu trabalho, Sobre você e suas fontes de informação e Sobre sua relação com a ciência. O resultado confirmou a suspeita de que instituições de ensino e pesquisa federais são

consideradas fontes de informação científica mais confiáveis pelos/as jornalistas, mas não deu suporte suficiente para a confirmação da hipótese da pesquisa, de que os/as jornalistas têm comportamento passivo na busca desse tipo de informação. Isso se deu, sobretudo, porque grande parte do grupo do pré-teste é, de fato, o núcleo profissional que faz os materiais usados pelos/as jornalistas para a construção de parte das notícias: releases, indicações de pesquisadores e profissionais para entrevistas etc. Contudo, mesmo entre esses/as jornalistas, alguns resultados preocuparam, como a indicação de que 25% consideram qualquer cientista como uma fonte confiável de informação.

Outro ponto entendido com a aplicação do pré-teste foi a necessidade de adaptar o questionário para alcançar o objetivo geral da pesquisa: identificar o Comportamento Informacional de jornalistas de veículos de mídia *on-line* da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos. Com o pré-teste, os resultados apontaram a necessidade de trazer questões mais direcionadas para o uso e o compartilhamento de informação, tirando o foco da busca de informação somente. Isso se deu, inicialmente, pelo foco dado para a busca de fontes confiáveis descrita na hipótese da pesquisa. Contudo, percebeu-se que somente a identificação do padrão de buscas dos/as jornalistas do estudo não seria suficiente e que os reflexos do Comportamento Informacional, como um todo, poderiam trazer resultados mais relevantes. Assim, adaptamos o instrumento.

Assim, no final de 2020, o **questionário** foi refeito e aplicado à população da pesquisa, dessa vez com cinco seções e 35 questões: Sobre você e sua formação, Sobre você e seu trabalho, Sobre você e suas fontes de informação (busca de informação), Sobre como você trabalha a informação (uso e compartilhamento) e Sobre sua relação com a ciência. Nessa fase, os/as 60 jornalistas identificados foram convidados e 11 deles iniciaram a resposta ao questionário, tendo 9 concluído a resposta a todas as questões. O questionário está disponível para consulta no Apêndice A e os resultados são detalhados no capítulo 4 desta dissertação.

A coleta dos dados teve continuidade, no início de 2021, após autorização do CEP/UFG, com as **entrevistas em profundidade**. Quatro jornalistas, de três veículos/sites diferentes, aceitaram participar da etapa. Foram três homens e uma mulher. O procedimento teve formato semiestruturado, com perguntas abertas, e foi realizado por meio do aplicativo Zoom. O instrumento que orientou as entrevistas está disponível nos apêndices e os resultados também estão detalhados no capítulo 4 desta dissertação.

Para a etapa de análise dos dados obtidos, utilizamos como método a Análise de Conteúdo (AC) nos moldes metodológicos de Bardin (2016), com a exploração do material, categorização e inferência feitas a partir da base de dados criada para a investigação. A saber: o questionário *on-line* e a entrevista semiestruturada. Explicamos, a seguir, o método rapidamente.

Primeiramente, a autora francesa define a AC como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2016, p. 44). Mesmo assim, a própria autora informa que tal descrição não dá conta de todo o fenômeno envolto na análise de conteúdo, isso porque ela se dá, também, na construção de inferências, de deduções de maneira lógica, pelo analista, que trabalha nos “vestígios” (p. 45), nos documentos. O que difere a AC de linha francesa, técnica descrita por Bardin (2016), de outras técnicas e métodos como a análise de discurso, são justamente as abordagens da análise. Na AC, a análise pode ser feita a partir da criação e investigação de categorias, da enunciação, da expressão, das relações, da avaliação ou da proposição de discurso. Aqui, neste nosso estudo, embasamos nossa análise na codificação temática (p. 135). Nessa técnica, o texto é desmembrado em unidades de registro e de contexto – no caso, o tema. Como defende a autora, “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2016, p. 135). No caso, a teoria guia é a do Comportamento Informacional Humano.

Ainda para a análise, após a identificação e classificação dos temas, é feita a categorização (p. 147) segundo reagrupamentos, que podem ser temáticos ou não. O agrupamento de categorias pode se dar tanto pela contagem de expressões, o que a autora chama de frequência, ou de temas.

Assim, quanto maior a ocorrência de uma categoria definida pelo investigador, maior sua frequência no estudo. Nesse caso, o agrupamento de temas forma uma categoria para a análise. Para esse processo, o pesquisador utilizou o aplicativo *Atlas.ti*, inserindo no *software* a transcrição das entrevistas e as respostas abertas do questionário e marcando, no texto, as etiquetas relativas a cada tema. A partir dos temas, criou, então, as categorias de agrupamento temático.

Síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretações do(a) pesquisador(a) são os últimos passos definidos pela autora (p. 132) para uma análise utilizando a AC como

instrumento. Os resultados, nesse ponto da análise, são abordados com fins teóricos ou pragmáticos, seja a natureza do estudo qualitativa ou quantitativa. Sobre isso, aliás, Bardin (2016), explica que, naturalmente, as visões qualitativa e quantitativa andam de mãos dadas na Análise de Conteúdo. “Por último, precisemos que a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação (...)” (p. 146). Assim, utilizamos aqui, conforme a orientação da autora, instrumentos quantitativos em combinação com técnicas qualitativas de análise.

3 JORNALISMO, INFORMAÇÃO E A CIÊNCIA NO NOTICIÁRIO

O debate sobre o papel do Jornalismo no entendimento que temos, enquanto sociedade, sobre a ciência não é algo exatamente novo, inédito. A discussão surgiu ao longo das últimas décadas e tem se expandindo com vigor desde a virada para o atual milênio, assim como também se expande nossa capacidade de comunicação, ao menos em nível instrumental.

Enquanto a tecnologia modifica toda a nossa estrutura social, modifica-se também o Jornalismo, como que tentando acompanhar o caminhar da humanidade sem deixar de ser útil a ela, sobretudo nos territórios democráticos. Apesar disso e, talvez, justamente por conta disso, cabe cada vez a reflexão se, num século veloz, estressante e abarrotado de informações por todos os lados como o nosso, serve o Jornalismo à Ciência. Ou melhor, seria o discurso jornalístico aliado do discurso científico?

Acreditamos que esta questão passe, primeiro, pelo Comportamento Informacional dos/as jornalistas nos processos em que estão inseridos, algo também conhecido como processo jornalístico ou fazer jornalístico. Esse é o ponto central do nosso trabalho. Contudo, o diálogo aqui proposto não caminha, certamente, antes de um reconhecimento claro do lugar do qual se parte.

Este capítulo se propõe a ser um início neste caminho, com definições sobre como pensamos teoricamente a Comunicação, o Jornalismo, a Informação, o discurso científico e o Comportamento Informacional. Tais questões são iniciais, mas, ao mesmo tempo, fundamentais para a problematização que desejamos seguir em um campo tão interdisciplinar e cheio de definições como a Comunicação, sobretudo se aliado a outro campo interdisciplinar como a Ciência da Informação e o Comportamento Informacional. Nossa pesquisa se situa, portanto, em um “entre” áreas de conhecimento. A intenção deste capítulo é provar que tal encontro é, acima de tudo, complementar.

3.1 EM BUSCA DE UM CONCEITO DE COMUNICAÇÃO E DE INFORMAÇÃO

Começamos do início, considerando o programa ao qual a dissertação está inserida: pelo conceito de Comunicação. Há quem defina como tudo a Comunicação e quem acredite que ela seja uma condição humana, que nos diferencia das demais espécies animais por nossa capacidade de semiose, ou como diria White (2009), nossa capacidade de simbologizar. Fato

é que somente nós, humanos, nos comunicamos da forma que nos comunicamos, e que nem mesmo espécies mais próximas têm em nossos códigos o domínio criativo que temos. Falamos em códigos porque criamos, ao longo da nossa história, línguas e linguagens, sinais visuais e verbais, gramática e fonética para a nossa comunicação. “A comunicação humana é um processo artificial” (FLUSSER, 2007, p. 89). Ao dar tal definição, Flusser (2007) nos lembra que utilizamos artifícios vários para a nossa comunicação: códigos, ferramentas e instrumentos. A comunicação aparece enquanto uma condição humana, mas, para além disso, como uma criação humana, cultural.

Corroboram com essa visão os argumentos de que a fala tem sons que não são naturais, em diferentes idiomas, que, por sua vez, integram uma grande lista de códigos estruturados em gramáticas verbais e não verbais que criamos em todo o globo terrestre. Utilizamos ferramentas e instrumentos para nos comunicarmos. Para além dos idiomas estruturados, usamos diferentes plataformas ou mídias como suporte para transmitirmos nossas mensagens e usamos, simultaneamente, diferentes estruturas de significação que coexistem para a nossa organização, como a sinalização de trânsito urbana, a língua, as regras da ABNT na universidade, as regras produtivas e de certificações no trabalho etc.

Para o autor, nosso objetivo, enquanto humanidade, seria dar sentido à vida e esconder uma natureza sem significados, condenada à morte – estágio final e individual do ser humano, já que esta será uma experiência solitária para cada um de nós. Assim, se a Comunicação é artificial, cultural e uma criação da humanidade, tudo o que conhecemos e significamos também é. Nossa noção de tempo, nossas crenças, nossas leis, nossas regras para vida em sociedade e a própria noção de sociedade. E mais, o ser humano teria se tornado escravo de uma outra natureza, a que ajudou a gerar artificialmente ao longo da história.

Parece uma conceituação simples, mas não é. Isso porque o raciocínio é tão complexo quanto a própria sociedade que criamos. Muitos dos nossos artifícios comunicativos também foram naturalizados por nós. Se já nascemos nesse contexto, não sabemos sequer como seria a natureza se tudo fosse diferente – e mesmo quando imaginamos tais cenários, utilizamos dos códigos e das estruturas que já dominamos, a partir do nosso conhecimento e das nossas vivências, limitados a uma criatividade condicionada.

Existem algumas situações comunicacionais, no entanto, que seriam naturais, originais e fundamentais, inerentes ao ser humano, independentemente de sua cultura – termo pelo qual Flusser (2007) define tudo que não é natural, assim como também o faz Machado (2003),

ao afirmar que este é o consenso que temos no ocidente. O que tanto Flusser (2007) quanto Machado (2003) alertam, é que muitas das coisas que temos como “naturais” nas nossas sociedades complexas são, muitas vezes, naturais e culturais ao mesmo tempo, como a amamentação de um filho e o próprio sexo, por exemplo. Ocorre que, mesmo nesses casos, o próprio contexto, ou a cultura, pode alterar a relação “natural” que parece existir: a forma como essa amamentação ou sexo são feitos, ditos e sentidos pelas pessoas envolvidas no processo e pelos demais membros da sociedade em que estão inseridos, por exemplo.

Outro ponto importante nesta conceituação sobre a Comunicação e a Cultura é que o caráter artificial dos nossos processos comunicativos nem sempre é consciente. Seria essa a causa de falarmos e escrevermos com facilidade em português, por ser este o idioma oficial e amplamente difundido no Brasil, mas sentirmos o peso da gramática e dos fonemas em outros idiomas, ao tentarmos aprendê-los após nosso processo de alfabetização. E isso não ocorreria somente com as línguas, mas com todos os códigos que estabelecemos. Após dominarmos um código, tendemos a esquecer sua artificialidade, ao passo que o mundo codificado que estabelecemos nos faz esquecer o mundo da “primeira natureza” – onde, caso não tivéssemos estabelecido processos de significação, estaríamos condenados à nossa insignificância perante uma existência pobre, sem sentido.

Nessa altura, cabe lembrar que superação da morte pela nossa espécie não estaria, para Flusser (2007), ligada somente à significação do mundo e a ordenação da natureza, mas também pelo acúmulo de informações. A Informação, para Flusser (2007), aliás, vem do ato cultural de informar, o que ele define como dar forma e significado ao mundo. Nesse sentido, lembra, a humanidade encontrou meios de acumular informações e passá-las de geração a geração, por séculos e milênios.

Flusser (2007) não é o único a enxergar a Informação assim. Seu uso contemporâneo mais usado, porém, reflete a Informação enquanto comunicação do conhecimento. No caso, do conhecimento cultural, humano, do que já é sabido por alguém e pode ser comunicado. Como lembram Capurro e Hjørland (2007), a noção de Informação e os discursos e reflexões sobre esse conceito passaram não a ser consensuais, mas aplicados à cada área científica. Se na Física a Informação tem significado de dar forma a algo, em alguns casos – próximo do mundo in-formado de Flusser (2007) – na Comunicação e na Educação, o sentido pode ser mais próximo do conhecimento de algo. “Atualmente, quase toda disciplina científica usa o conceito de informação dentro de seu próprio contexto e com relação a fenômenos

específicos” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 160). Assim o é também no Jornalismo, onde informar assume o significado de dar conhecimento a alguém sobre algo, partindo do exercício social da comunicação.

Voltando à Informação em Flusser (2007), chegamos à História. É a partir de sua criação que superamos a morte. Somos leitores, hoje, de "clássicos" e pistas concebidos em um tempo que não poderíamos acessar naturalmente, em vida. O pensamento histórico, linear, possibilitou ao homem a preservação e divulgação de sua cultura para além das barreiras do espaço e do tempo. Permitiu que humanos que dominassem os códigos fossem eternizados a partir de seus nomes e seus escritos.

Por falar em escrita, apesar de ser uma prática milenar, ela popularizou-se apenas recentemente, a partir do século XIX, com a instituição de escolas de currículo unificado e do ensino regular. E o pensamento linear, histórico, nasce com a escrita, diz Flusser (2007). Apesar disso, escrita e leitura foram exclusividade das elites por muito tempo, sendo dominadas por uma pequena parte da humanidade letrada. Enquanto a elite dominava a escrita, a leitura e a alfabetização, o restante da população se comunicava pela oralidade e pela linguagem imagética, não-linear e mítica.

Antes de uma intervenção estatal para a padronização da alfabetização na Europa do século XIX, refletida em todo o ocidente um pouco mais tarde, a população regida pelo imagético e pela oralidade chegou a dar crédito a absurdos orquestrados por letrados, como os casos trazidos por Manguel (1997), ao levantar registros de estudantes ganhando dinheiro nas ruas ao fazerem previsões mágicas em latim, língua de conhecimento exclusivo daqueles que tinham acesso à alfabetização em séculos passados. Também aos estudantes, lembra o autor, coube a isenção de taxas e a proibição de prisão, durante a Idade Média, em países como a França. Furtos eram comuns, sem punições cabíveis aos letrados em formação.

Tal desigualdade absurda foi diminuída com a alfabetização plural, provocando a ascensão social em toda a Europa e no ocidente, por reflexo. O entendimento da palavra não chegou a todos, no entanto. E pior: pouco mais de um século depois de serem difundidas e ensinadas com vigor, a escrita e a leitura bateram de frente com o surgimento e a popularização das tecnoimagens, no século XX. A fotografia, o cinema e a televisão fizeram a humanidade ter acesso novamente à informação sem a necessidade da alfabetização.

As tecnoimagens, ou imagens tecnológicas, são vistas por Flusser (2007) como pós-históricas, justamente por quebrarem a necessidade da linearidade trazida com a escrita.

Texto e imagem têm tempos diferentes de leitura, ordens diferentes, modelos diferentes. Sua presença, alerta o autor, tem mudado nossa estrutura de pensamento, inclusive. Flusser (2007) não vivenciou a internet e a prática de ter quase que qualquer informação desejada nas mãos, acessível com a ponta dos dedos, mas viu e viveu a mudança trazida pela televisão e admitiu que o pensamento-em-superfície, como chamou todos os produtos de tecnoimagens, estariam, já no final do século passado, absorvendo o que chamou de pensamento-em-linha, fruto da escrita. Isso seria, para ele, um dos grandes motivos para nossa crise, já que toda a teorização ocidental tem sua base formulada na premissa de que pensar significa seguir a linha escrita, e isso não dá crédito à imagem, à imaginação. “O problema da verdade e falsidade, de ficção e realidade, precisa agora ser reformulado à luz dos meios de comunicação de massa, a grande mídia, se quisermos evitar a esterilidade do academismo” (FLUSSER, 2007, p. 111).

A fotografia, o cinema e a televisão possibilitaram o retorno da popularização da comunicação pela imagem. O ditado que diz “uma imagem vale mais que mil palavras” pode realmente fazer sentido para boa parte da população não letrada ou pouco letrada. Como vimos, tal conflito pode ser piorado ainda mais pelo discurso elitista dos letrados, afastando o valor do que é imagético e popular. Há indícios, ao contrário, de que o futuro caminhe em direção à dominação da tecnoimagem, mas acredita-se que a escrita e seu discurso linear serão parceiros no processo. Aqui entra nossa reflexão sobre o jornalismo.

3.2 PARA FALAR DE JORNALISMO

Podemos dizer com segurança que o Jornalismo se consolida na sociedade de pensamento histórico, se seguirmos as definições dadas por Flusser (2007), mas é no pensamento pós-histórico, das tecnoimagens, que ele atinge seu ápice tanto em críticas quanto em popularidade. Discutimos agora, no nosso tempo atual, qual o verdadeiro papel do Jornalismo em uma sociedade rodeada de fontes de informação e que pode, ela mesma, ser fonte, a partir de seus indivíduos comuns, médios, que produzem conteúdo de toda ordem. Teria o Jornalismo, com sua seriedade e compromisso com o bem-comum, o papel de validador do que pode ser informado com segurança? Os questionamentos são vários, assim como são múltiplas as definições do Jornalismo enquanto atividade.

Traquina (2005), um dos teóricos da área mais respeitados no Brasil, diz ser absurda a tentativa de definir o Jornalismo em poucas linhas ou até mesmo em um conjunto de páginas, como em um livro. Isso porque, assim como na Comunicação, vários são os entendimentos e as discussões sobre o Jornalismo. Em uma tentativa de resumir o que já foi resumido pelo autor português, devido ao espaço que temos disponível, podemos dizer que o que chamamos aqui de Jornalismo é a vida contada em histórias, categorizadas tanto no tempo-espaço, como em nível local, nacional, internacional, em conteúdos, como nas diferentes editorias, e em modelos, como notícias e reportagens.

O autor também concorda que, apesar de ser um contador de histórias, o jornalista não se alimenta da ficção, mas sim da busca pela verdade, do fato. Sua crítica consiste, por outro lado, na aceitação que costumava-se ter do relato jornalístico enquanto fato incontestável: apesar de ser um discurso confiável, com base na apuração e na ética é, ainda assim, um recorte da realidade, uma narrativa contada a partir de pedaços, acontecimentos, tendo o jornalista como narrador e verificador, lutando contra a tirania do tempo. Assim, em última definição, “o jornalismo acaba por ser uma parte seletiva da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 30).

Após o exercício de definir o que é o Jornalismo, podemos nos aproximar ainda mais de Traquina (2005) para dizer com clareza o que ele não é: pura técnica. Para justificar sua visão, o autor se debruça no Jornalismo enquanto profissão, destacando que além de técnica, exige-se do jornalista a integridade ética, o senso de justiça e, claro, o esforço intelectual, por ser uma atividade criativa. Ao trabalhar tais questões, o autor reforça algo que aqui gostaríamos de também destacar, que é a função do Jornalismo em uma sociedade democrática moderna.

Tendo não só o papel de informar, o Jornalismo precisa ter sua liberdade garantida, já que além de ser utilizado para a tomada de decisão do sujeito na sociedade em que se insere, serve também como “guardião” dessa sociedade, atuando como uma fonte de informação que visa o bem-comum, o equilíbrio social – daí sua responsabilidade. “Tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia” (TRAQUINA, 2005, p. 23).

Ao mesmo tempo, nessas mesmas sociedades democráticas, o Jornalismo enfrenta outros desafios para além da velocidade da nossa era: precisa sustentar tanto seu polo ideológico quanto o econômico, o que quer dizer que apesar de seu comprometimento e de

suas intenções, o Jornalismo precisa de audiência, na busca por sua sustentabilidade financeira e sua própria sobrevivência. Assim o é porque, nas sociedades capitalistas, o Jornalismo se materializa a partir do trabalho de empresas e seus colaboradores, na maior parte das vezes.

Nesse sentido, o Jornalismo necessita da liberdade de expressão como condição indispensável para sua existência, o que tem sido garantido, nesses países, a partir de suas cartas da lei mais básicas, como as constituições. Ao mesmo tempo, garantia similar não é cobrada ou ao menos discutida sobre a liberdade do jornalista perante a empresa que o contrata, nesse modelo capitalista. Tal incoerência é lembrada por Kunczik (2002), ao tratar a ideia de Jornalismo livre e independente como uma grande “ilusão” que desconsidera as ligações comerciais da prática profissional a partir do trabalho em organizações de mídia.

Nessa altura, podemos dizer que Traquina (2005) e Kunczik (2002) divergem também sobre o trabalho intelectual desse profissional. Enquanto o primeiro acredita ser a criatividade e a atividade intelectual que caracterizam o Jornalismo para além da técnica, o segundo afirma que jornalistas não podem ser intelectuais por sua falta de independência, sua inserção em uma lógica de mercado. Para Kunczik (2002) o jornalista tem sua atividade criativa vista não como a de um intelectual, mas como a de um protótipo de intelectual. Outro problema apontado pelo autor é a rotina produtiva no Jornalismo, ainda pouco conhecida pelos leigos: por serem profissionais que dominam a linguagem, mas não dominam os conteúdos que disseminam, os/as jornalistas seriam, em muitas oportunidades, “irresponsáveis”.

O autor, no entanto, abre pontos de exceção e dá exemplos, que chama de “Jornalismo intelectual” ou “Jornalismo de desenvolvimento”, feito por jornalistas que podem se comprometer com um trabalho que tem por objetivo o humanismo, podendo fazer críticas, discutir tabus, trazer reflexões, visando a mobilização. “Assim encarado, o Jornalismo tem uma função mais ou menos pública, pois proporciona a cidadania, a informação mais concisa possível dos fatos, para capacitá-la a formular juízos sãos e optar por ações apropriadas” (KUNCZIK, 2002, p. 346).

Essas e outras questões nos levam ao nosso próximo tópico: os pontos de encontro e desencontro entre os discursos jornalístico e científico, que geram conflitos cada vez mais importantes dentro e fora da academia.

3.3 AS INTER-RELAÇÕES ENTRE O JORNALÍSTICO E O CIENTÍFICO

Assim como a Comunicação e o Jornalismo, a Ciência também possui diversas definições possíveis. Aqui, nesta dissertação, iremos alicerçar nossa discussão nas posições teóricas que aproximam o discurso científico do discurso jornalístico no nosso imaginário: a perseguição da verdade. Ambos os campos, sabidamente, não existem com papel ou função de alimentar a ficção, mas como formas de manifestação humana em busca da verdade, ou do relato do real. Por esta semelhança fundamental, a Ciência e o Jornalismo se desenvolvem e se popularizam na modernidade com o positivismo.

Medina (2008) indica tanto cientistas quanto jornalistas como narradores da contemporaneidade. Isso porque tais profissionais se ocupam tanto de prognósticos quanto de diagnósticos das nossas diferentes realidades – a social, a ambiental, entre tantas outras – e dos nossos comportamentos. Ambos se ocupam de lógicas verbais que alimentam não só as comunidades às quais pertencem, como um amplo espectro de leitores, espectadores ou receptores. “Jornalistas de amplo repertório e experiência profissional dividem espaço com sociólogos, antropólogos, biólogos, médicos, geógrafos, educadores, juristas, enfim, representantes de todas as correntes da ciência contemporânea” (MEDINA, 2008, p.106).

Outra semelhança presente é o eixo fundamental que determina o que é Ciência e o que é Jornalismo, apesar de coexistirem Ciências e Jornalismos, no plural. Assim o é porque organizamos esses discursos em temas, como no caso da separação do que é científico em ciências humanas, sociais, biológicas, médicas, entre outros, e o que é jornalístico em Jornalismo científico, econômico, literário, ambiental, de saúde e em muitas outras subdivisões.

Assim como variam os temas, variam também os métodos, mas o que é científico e o que é jornalístico continua sendo reconhecido como tal. Ao menos na ciência, isso ocorreria pela existência de uma visão unificada, apesar de temas e métodos não o serem. “Existem alguns métodos científicos, mas um espírito e um só tipo de visão propriamente científica” (GANGER, 1994, p. 45). Isso se deve sobretudo ao método científico e a questão da validação e refutação na ciência.

Ainda como ponto de semelhança, destacamos a necessidade que esses discursos científicos carregam de serem produzidos em coletividade. Isso porque, mesmo quando são assinados por um autor único, esses textos não se sustentam apenas com as crenças de seus

criadores, sem outras fontes de informação e validação. Zamboni (2001), faz esse destaque ao falar do discurso científico:

A melhor compreensão que se deve reter das organizações científicas é que a ciência encontra seu lugar social na produção de *papers*, ou seja, ela se constitui num fazer discursivo-argumentativo que não “descobre” os fatos científicos (como se eles existissem a priori) pré-existentes em algum lugar oculto da natureza, mas cujo fazer é consecutivo da própria rotina de produção que os gera. Na verdade, está na produção e principalmente publicação de *papers* a condição de legitimidade e a atribuição de autoridade da enunciação científica (ZAMBONI, 2001, p. 33)

Apesar da existência de pontos de aproximação, são as diferenças entre o trabalho de jornalistas e cientistas que costumam ser evidenciadas pela comunidade acadêmica e profissional. Em temas complexos, como a ciência, a tecnologia, o meio ambiente e a saúde, são exigidas do(a) jornalista competências informacionais – ou seja, as competências para lidar com a informação, adquiridas por meio de letramento informacional (GASQUE, 2010, p.86) – como as habilidades de análise, investigação e sensibilidade ética. Sem as quais, falhas não só são possíveis como, em alguns tópicos, chegam a ser recorrentes. Diversos autores indicam, em seus argumentos, as diferenças na rotina produtiva dos/as jornalistas como um ponto importante a ser considerado nesta análise, como veremos a seguir.

Para Tabakman (2013), o principal ponto de conflito entre profissionais que atuam com rigor científico ou com a visão científica, como médicos e pesquisadores, e os profissionais da Comunicação, como jornalistas, surge das diferenças na conceituação e no entendimento do que é novidade. Na Ciência, a novidade surge a partir de hipóteses e passa por avaliações, experimentações e validações, o que faz com que ela tenha caráter de acontecimento já esperado. Já nos veículos jornalísticos, “ao contrário, esse conceito remete ao que o jornalista considera inesperado” (TABAKMAN, 2013, p.15).

Apesar de ser essencial para o desenvolvimento de ambas as áreas, o conceito de novidade é divergente entre elas. No entanto, o relacionamento entre a comunidade científica e a de jornalistas é inevitável para que as informações que terão impacto no dia a dia no tempo presente ou futuro alcancem a sociedade leiga, que não é diretamente alcançada pelas comunicações científicas, como *papers* e resumos, direcionados, geralmente, aos próprios pares.

Nessa problemática, Tabakman (2013) vai além. Ao trabalhar as especificidades das coberturas de saúde, tópico científico ao qual mais se aproxima teoricamente, a autora destaca ainda que, além dos fatores de noticiabilidade estabelecidos pelos veículos de forma independente, a falta de metodologia de seleção e controle do Jornalismo é algo que traz risco não só para repórteres e editores, mas também para médicos, cientistas e para a própria sociedade, tendo em vista os possíveis impactos nas estratégias de saúde pública, apenas para dar um exemplo.

Como alerta a autora, uma pessoa cheia de informações equivocadas está mais distante da realidade que alguém que ainda não teve acesso a informação alguma. "Conseguir que a mensagem seja bem decodificada pelos receptores é o grande desafio que preocupa (ou deveria preocupar) tanto médicos quanto jornalistas" (TABAKMAN, 2013, p. 121).

A problemática também é abordada por autores como Ribeiro (2014) e Bueno (2003), nomes de referência no Jornalismo científico e especializado no Brasil. Enquanto Ribeiro (2014) destaca que a cobertura da ciência deve ter como essência, acima de tudo, o que chama de "bom Jornalismo", focado em trabalho comprometido com a ética e a apuração, Bueno (2003) alerta para a falta de tato e até mesmo de conhecimento de alguns jornalistas, intensificada com rotina contemporânea desses profissionais, focada na agilidade, competitividade e produtividade, tópicos já conhecidos e até mesmo discutidos nesta dissertação.

Mas nem só com as rotinas produtivas de jornalistas estão os grandes desafios da Comunicação para a Ciência. Também são muitas as críticas possíveis aos modelos adotados pela comunidade acadêmica na comunicação que cientistas e pesquisadores se propõem a fazer. Falamos sobre isso agora.

3.4 FACES DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Voltando ao início da nossa discussão neste capítulo, com Flusser (2007), temos uma importante reflexão sobre o caminho que tomamos, enquanto humanidade, em direção ao domínio das technoimagens nas nossas narrativas. O autor parte da constatação da falha da escrita em explicar as imagens, em dar significados, algo que criou textos "opacos", quase ilegíveis à maior parte da população. É justamente nesta categoria que o filósofo coloca o texto científico.

O alerta de que muitos dos textos de comunicação científica são ilegíveis para a maioria da humanidade não é feita unicamente pelo autor. Zamboni (2001) também endossa a crítica de que o discurso científico é, originalmente, fechado em si mesmo. Para a autora, os cientistas conversam entre si, com o discurso direcionado para a mesma comunidade que o produz, que pode ser ainda mais restrita, a ponto de cientistas de áreas distintas não se comunicarem, não se conhecerem, não se lerem. Seu alerta é no sentido de que essa informação científica circula quase que unicamente entre instituições e indivíduos previamente “autorizados”, ou seja, entre as autoridades do campo.

Nesse contexto, a autora questiona onde se encaixa a divulgação científica. Isso porque, para Zamboni (2001), o discurso de divulgação científica é próprio, é outra coisa que não Ciência. Para a autora, esse discurso vai além da criação de pontes entre especialistas e leigos, ultrapassa a qualidade de “tradução” de um discurso “opaco” em outro “cristalino”. A divulgação científica é definida pela autora como um outro gênero discursivo particular, fora do campo do discurso científico, mas integrante do campo dos discursos de transmissão de informação, onde também, para ela, se situa o Jornalismo. Nesse sentido, o sujeito comum, mantido alienado e, portanto, afastado do saber, contaria, na maior parte das vezes, com a divulgação científica para sua informação e a educação e não com o discurso científico.

Caberia, então, à divulgação, a tarefa maior de exercer a partilha social do saber, levando ao homem comum o conhecimento do qual ele historicamente foi apartado e do qual foi-se mantendo cada vez mais distanciado, à medida que as ciências se desenvolviam e mais se especializavam (ZAMBONI, 2001, p. 49).

A divulgação científica não estaria, no entanto, ligada exclusivamente ao Jornalismo. Jornalistas, professores, cientistas e entusiastas atuariam conjuntamente para a difusão do conhecimento científico na sociedade. Em uma sociedade tecnológica e complexa como a do nosso século, tal tarefa não somente é necessária como também urgente.

Numa sociedade incrivelmente afetada pelos impactos da ciência e da tecnologia e pelas decisões políticas fundamentadas no conhecimento de especialistas, a compreensão pública dos fatos científicos e tecnológicos assume uma dimensão crucial, quer na esfera de decisões comunitárias [...] quer na esfera de escolhas individuais (ZAMBONI, 2001, p. 143).

Por isso mesmo, se mostra relevante a preocupação anteriormente levantada sobre a derrocada da escrita e do pensamento linear em nossa sociedade contemporânea. Ao nos

ancorarmos nas tecnoimagens de Flusser (2007), no entanto, não jogamos somente à Ciência a mazela de ter um discurso ilegível ao sujeito comum. Para isso, basta lembrarmos que nem mesmo a escrita padrão de nossa língua é algo universal. Muitos são os analfabetos ou os que sabem ler, mas que não compreendem com facilidade as camadas mais profundas do que está escrito em palavras. Por outro lado, todos que enxergam têm na imagem a possibilidade de conhecer no mundo.

Se combinarmos à reflexão a noção de que mesmo os que não dominam o alfabeto podem conseguir manipular ferramentas de Comunicação como celulares, a partir do aprendizado da troca de imagens e sons, e consumir, com esses aparelhos, informações diversas, chegamos a um novo risco alertado décadas atrás por Flusser (2007): a barbárie da imaginação confusa, algo que, segundo o autor, só não ocorreria se tentássemos incorporar, no nosso projeto de humanidade, os nossos conceitos às nossas imagens.

O problema da imaginação confusa surge do nosso contexto, de como usamos a imagem e a imaginação no nosso tempo presente. Assim como os textos, as tecnoimagens também podem ser tornar opacas, porque podem ser usadas para a manipulação. Se antes do surgimento da escrita, da história e da nossa organização artificial e linear, as imagens significavam um mundo de mitos e magia, as tecnoimagens pós-históricas, além de também o fazerem, contam ainda com o agravamento da questão por serem muito fáceis de alterar, editar, refazer, mixar e compartilhar, com o propósito de validar a “realidade”. Daí surgem novos desafios contemporâneos, como o agravamento da difusão de informações falsas de saúde e Ciência, além da popularização de mitos cientificamente refutados há muito, como a teoria de vivermos em uma Terra plana.

Justamente nesse sentido, Flusser (2007) cita que a escrita não corre o risco de desaparecer num mundo de imagens pós-históricas, mas de “prostituir-se”, de se desligar da razão, do discurso linear, traindo a si para servir à imaginação. O autor cita usos da escrita “prostituída” em programas políticos, como o Nazismo, mas também em programas sensacionalistas de televisão, nos lembrando novamente dos perigos do Jornalismo enquanto vilão.

A crise que o autor acreditava termos pela frente e que talvez já vivamos é da consciência histórica, da razão, *versus* a consciência mágica, da imaginação – dos meios lineares se tornando muito abstratos para a humanidade e perdendo o sentido. Isso só não ocorrerá, diz o filósofo, se superarmos, enquanto projeto de humanidade, a superioridade do

discurso linear, elitista, e passarmos a tentar uma integração de fato entre conceito – a escrita, a razão – e imagem.

Tentativas nesse sentido já ocorrem, em diversos setores, desde o Jornalismo formal, com produtos mais interativos e voltados à imagem e ao som, até comunicadores que surgem de diferentes segmentos da sociedade, o que inclui cientistas que se apropriam da produção de conteúdo para a divulgação científica – dessas iniciativas nascem eventos, *podcasts*, *vlogs*, perfis no Instagram e Twitter, páginas no *Facebook*, canais no *YouTube* e tudo o que a imaginação e a tecnologia permitirem em busca da explicação do mundo por meio da ciência para os mais diversos públicos.

Não raro, jornalistas e cientistas revezam entre si o papel de divulgadores, gozando da conquista de certa autoridade nos assuntos que se propõem a discutir, após conseguirem conquistar credibilidade em seus nichos. Esses modelos já existentes ainda não representam, contudo, as previsões de Flusser (2007). Mas a crise alertada pelo autor e sua superação já nos parecem possíveis, como se pudéssemos visualizá-las hoje, a partir das informações que já possuímos sobre o nosso projeto de sociedade.

A escrita desligada da razão já nos parece um fenômeno popular, que nos preocupa em nossas sociedades democráticas, onde o poder depende do convencimento da comunidade local. As modificações possíveis em imagens e textos com as linguagens que nos acostumamos a utilizar para a validação de discursos já nos confundem. Contemporaneamente já percebemos como desafio separar o que é “real” do que é falso, existente apenas a partir da manipulação de dados, fotografias, discursos, áudios, vídeos, entre outras possibilidades.

Enquanto essas questões vão se evidenciando, brigam em paralelo, jornalistas e cientistas, por erros empregados na transformação da ciência em algo menos abstrato enquanto discurso, algo possível de ser imaginado por quem não a domina. Talvez isso ocorra pela falta de entendimento, de ambas as partes, de que a divulgação científica é um novo discurso, próprio em estrutura, objetivo e método. Não caberia, portanto, a tentativa de simplificar o que é científico excluindo-lhe totalmente o rigor, a ética e incluindo-lhe tempos e valores que são próprios apenas ao jornalismo.

Também não caberia ao que é jornalístico trazer o discurso “opaco”, metódico e confuso da ciência pura e simplesmente. No discurso de divulgação científica, cabe ao narrador um novo papel, diz Zamboni (2001): o de utilizar-se de instrumentos e habilidades

para transmitir com segurança aquilo que poderia não estar claro, antes, ao público leigo. Não se trata de tradução ou de simplificação, mas de uma nova construção, que tem o discurso científico como uma de suas fontes, mas não como a única delas. A autora aposta que, tendo isso claro, jornalistas e cientistas teriam melhor convivência e diálogo, assim como críticas mais construtivas para a construção de um imaginário mais positivo de uma ciência que tem impacto direto no dia a dia das nossas populações, mas que não é diretamente entendida por elas.

3.5 IMPACTOS DA CIÊNCIA NO DIA A DIA

Esta pequena e última seção do capítulo não estava planejada no desenho inicial da dissertação. Em 2019, quando nasce o projeto da pesquisa, temos, no Brasil, um cenário em que a população acredita na importância da ciência, mas não sabe dizer o nome de cientistas contemporâneos do país, de instituições de pesquisa ou mesmo dar exemplos do impacto da ciência no dia a dia, segundo apontamentos da quinta rodada da pesquisa Percepção Pública da C&T no Brasil, divulgada naquele ano. Temos a hipótese de que os anos de 2020 e 2021, no entanto, provavelmente trazem, ao menos no Brasil, outra concepção do impacto da ciência no dia a dia da população. Isso porque, com a pandemia da Covid-19, o que é científico ficou menos abstrato e mais urgente na luta pela vida em seus diversos aspectos, como o físico, o econômico, o mental, o cultural etc. A sensação de que a percepção da ciência mudou deve ser ainda respondida em estudos posteriores, mas existe a aposta.

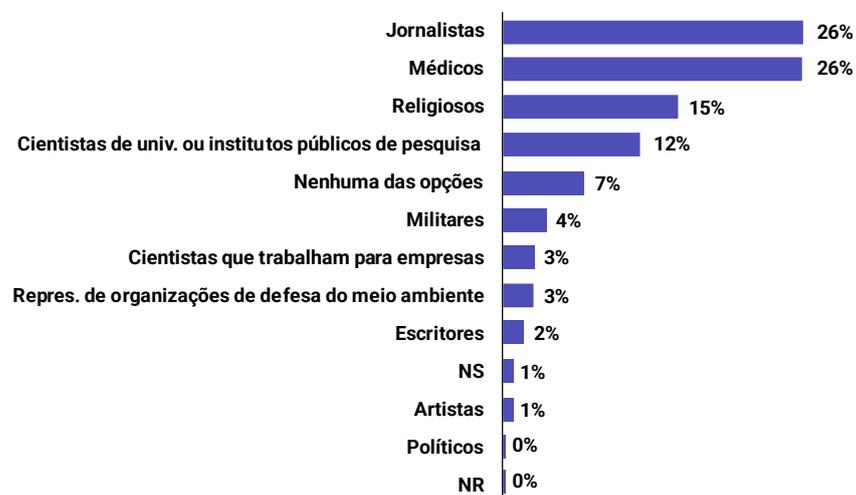
Se antes, 88% dos respondentes da pesquisa afirmaram não ter conhecimento do nome de alguma instituição que faz pesquisa no país (CGEE, 2019), acreditamos que o próximo relatório trará nomes como os do Instituto Butantan ou da Fiocruz, instituições que ganharam destaque no dia a dia de todo brasileiro ansioso pela vacina contra a tão temida doença. A própria decisão de se imunizar ou não e o movimento antivacina passaram a ser questões mais presentes no discurso do dia a dia do brasileiro. Levantamento do Instituto Datafolha¹¹, por exemplo, acompanhou o interesse nacional na vacina contra a doença. Em agosto de 2020, 89% dos brasileiros tinham a intenção de se vacinar. Em janeiro de 2021, o índice caiu para

¹¹ O levantamento, como não poderia deixar de ser, teve grande repercussão na imprensa e incentivou debates sobre o perigo negacionista em meio ao caos da saúde pública. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/parcela-de-brasileiros-que-querem-se-vacinar-cresce-para-84/a-56945781> acesso em 10 abr. 2021.

79% e, em março de 2021, com a alta dos casos e o recorde de mortes diárias no país, o índice voltou a subir, desta vez para 84%.

Não poderíamos deixar esta dissertação existir sem citar esse contexto – que atravessou não só os discursos científico e popular sobre a ciência, mas também esta pesquisa e a universidade brasileira. Ainda com relação aos últimos dados disponíveis sobre a percepção do povo brasileiro com a ciência, chamamos atenção para a importância de jornalistas com boa habilidade para lidar com divulgação científica.

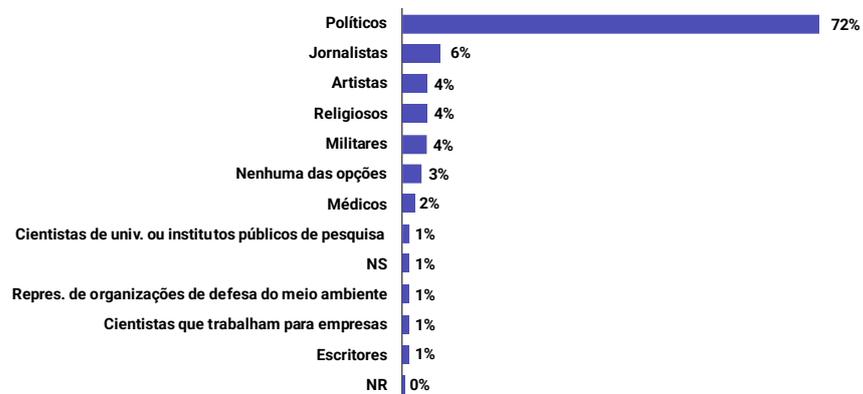
Gráfico 3 - Fontes de informação mais confiáveis



Fonte: CGEE, 2019

Com jornalistas e médicos empatados, na percepção da população brasileira, como as fontes de informação mais confiáveis, fica evidente a importância de profissionais competentes e eticamente comprometidos com a disseminação de informações confiáveis e seguras – e daí a relevância da investigação do Comportamento Informacional dos grupos.

Gráfico 4 - Fontes de informação menos confiáveis



Fonte: CGEE, 2019

A título de comparação, o mesmo levantamento traz os/as jornalistas como a segunda fonte de informação menos confiável na percepção do público, o que corrobora com estudos e discussões presentes entre teóricos do Jornalismo, desde o início dos anos 2000, sobre falhas recorrentes e o despreparo de jornalistas não-especialistas ao trabalharem temas complexos – discussão trazida também no próximo capítulo dessa dissertação.

Nos estudos da Ciência da Informação ou, mais especificamente, nas pesquisas sobre Comportamento Informacional, a aquisição de habilidades e decisões ligadas ao acesso e compartilhamento de informação também é amplamente discutida, mas em outros termos. Veremos, a seguir, um encontro sobre esses dois pontos de vista.

4 O COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE JORNALISTAS

Antes de entrarmos de fato na intersecção entre os estudos de teóricos do Jornalismo sobre o comportamento de jornalistas e, de cientistas da Informação sobre o comportamento para a informação, em geral, iniciaremos com uma rápida revisão sobre a área. Em revisões de literatura já realizadas por autores como Wilson (1999; 2000), Kuhlthau (1993; 2004), Choo (2011) e Gasque (2017) o início dos estudos modernos do que viria a ser reconhecido conceitualmente como Comportamento Informacional (*Information Behavior*) ou Comportamento Informacional Humano (*Human Information Behavior*) se deu dentro dos estudos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, na década de 1940, com seu primeiro marco nas discussões da *Royal Society Scientific Information Conference*, realizada em Londres, Inglaterra, em 1948.

Estudos anteriores, contudo, podem ser encontrados, segundo Wilson (2000), sobretudo relacionados à questionários e pesquisas sobre a busca de informação em serviços de informação, como bibliotecas. Assim como Wilson (2000), Kuhlthau (2004) ressalta que a primeira fase desses estudos modernos, inicialmente focados na busca e no uso de informação, tinham como regra os estudos voltados para o sistema e não para o usuário. Essa tendência começa a ser alterada nos anos 1990, tendo os primeiros modelos de Kuhlthau, em 1991, e de Wilson, em 1999, como pioneiros na abordagem de questões emocionais do usuário em detrimento ao foco no sistema nos estudos de necessidades, busca e uso de informação (GASQUE, 2017). Com os estudos de Wilson (1999; 2000), a disseminação do conceito de Comportamento Informacional (*Information Behavior*) começa a tomar forma com essa denominação específica. Antes, todos os estudos de comportamento em informação tinham como foco conceitos e denominações diversas, como busca de informação e pesquisa de informação (*Information-seeking Behavior / Information Searching*), necessidades de informação (*Information Needs*) e uso de informação (*Information Use*).

Ao criar seu modelo em 1996, T. D. Wilson acabou denominando todo o processo como Comportamento Informacional Humano (*Human Information Behavior*), termo seguido, aplicado e replicado, sobretudo em sua forma mais compacta (Comportamento Informacional / *Information Behavior*) em estudos das mais diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Computação, a própria Ciência da Informação e a Comunicação. Recentemente, Wilson (2018), em seus estudos, promoveu um levantamento na base de dados *Web of*

Science para avaliar a difusão do conceito de Comportamento Informacional pelas diferentes disciplinas.

Para o levantamento, utilizou como palavras-chave os termos “*information behaviour*”, “*information-seeking behaviour*”, “*information-seeking*” e “*information needs*” (WILSON, 2018). No levantamento, o autor destaca que, fora dos estudos da área de Ciência da Informação, o termo mais comum é “*information needs*” (necessidades de informação). Em seus estudos, também utiliza a escrita europeia da palavra “comportamento” (*behaviour* no lugar de *behavior*). O autor também destacou o crescimento exponencial desses estudos desde 2008. O primeiro registro na base de dados em que fez a busca é de 1962 (WILSON, 2018). Apesar de não ser um destaque dado pelo autor, aproveitamos para destacar, a partir de seu levantamento, a presença de estudos das áreas de Jornalismo, Comunicação e Mídia desde a primeira década de registros: foram dois artigos publicados na década de 1960, quatro artigos na década de 1970, três artigos em 1980, passando para 13 artigos na década seguinte, quando fica em quinto lugar entre as disciplinas que mais fizeram estudos com o termo. Nos anos 2000, os estudos de comunicação e mídia sobre o comportamento informacional passam para o quarto lugar, com a publicação de 19 artigos. Na década de 2010, alcança o terceiro lugar, com 22 artigos publicados até 2018 na base de dados consultada (WILSON, 2018).

4.1 O QUE É COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Segundo Wilson (2000), o termo Comportamento Informacional é utilizado para falar da totalidade do comportamento humano em relação a canais e fontes de informação, incluindo tanto a busca ativa ou passiva e o uso da informação (WILSON, 2000, p. 49). O foco, nesses estudos, é o usuário, o ser humano que inevitavelmente se envolve nesse processo. Por ser uma definição ampla, o conceito envolve outros conceitos anteriormente conhecidos e amplamente utilizados não só nos estudos de bibliotecários e cientistas da Informação, como de diversas áreas: necessidades de informação, busca de informação e uso de informação.

Apesar de T. D. Wilson não citar o Letramento Informacional (*Information Literacy*), também conhecido no Brasil enquanto competência informacional, em seus estudos (1999; 2000; 2016; 2018), Gasque (2017) levanta a ressalva de que nem sempre as pessoas aprendem a realizar os procedimentos descritos por Wilson (2000) como Comportamento Informacional

de forma sistematizada e eficaz. Para que isso ocorra, é necessário passar por um processo de aprendizagem. A este processo é atribuído o conceito de Letramento Informacional (GASQUE, 2017, p. 86). Já a Competência Informacional, é o produto desse letramento, o que se tem em seu fim. O Comportamento Informacional, portanto, responde ao todo (WILSON, 2016).

O Letramento Informacional exige conhecimentos e competências para lidar com a informação, adquiridos em um processo de aprendizagem, portanto. Algumas das competências listadas pela autora são o planejamento, a identificação de fontes e recursos, o acesso eficaz e eficiente da informação e os critérios de avaliação da informação (GASQUE, 2017, p. 86). A autora brasileira, contudo, reafirma o conceito amplo atribuído ao Comportamento Informacional e cita Wilson (2000), além de incluí-lo como um dos pioneiros na abordagem emocional dada a esse tipo de estudo. Amarra, portanto, os dois conceitos. “O letramento informacional é o processo que possibilita a melhoria do comportamento informacional por meio do desenvolvimento de competências informacionais” (GASQUE, 2017, p. 106), conclui. Vale ressaltar que, apesar de não utilizar o conceito de Letramento Informacional em seus escritos, Wilson (2016) reconhece que “os processos de entendimento e aprendizado são centrais para o reconhecimento da relevância da informação encontrada para satisfazer uma necessidade” (2016, n. paginado).

Voltando ao conceito geral do Comportamento Informacional, um ponto importante a ser destacado é que, justamente devido a sua abrangência, os seus estudos são, também, muito diversos e pouco amarrados em uma linha de pensamento central. Tal problema não é uma exclusividade do conceito, tendo em vista que o mesmo ocorre em outras áreas, como com o conceito de Comunicação, que trabalhamos a dissertação: apesar da escolha de um ou dois autores para amarrar o que se entende pelo fenômeno de Comunicação, muitos são os autores e definições possíveis. No caso dos estudos de Comportamento Informacional, sobretudo os estudos voltados ao usuário, Choo (2011), também faz a crítica: “Embora os estudos do usuário continuem a proliferar, há uma crescente intranquilidade pelo fato de não estar ocorrendo a construção de um conhecimento teórico unificador sobre as necessidades e os usos da informação” (CHOO, 2011, p. 77).

Como vimos, é possível que pesquisas voltadas para o estudo e a investigação de necessidades informacionais, o uso da informação, a usabilidade e o desenho de sistemas voltados ao usuário e a busca de informação sejam enquadrados enquanto estudos de Comportamento Informacional. Como levantou Wilson (2016), muitos desses estudos

compartilham parte da mesma bibliografia, mesmo para relacionar os escritos com questões pertinentes a diferentes disciplinas como a Biblioteconomia, a Medicina, a Psicologia, o Design, a Computação, a Publicidade e o Jornalismo.

Tentativas de solucionar o problema surgiram na evolução de alguns dos modelos criados para explicar o processo de Comportamento Informacional ou parte dele – veremos alguns desses modelos apresentados no subcapítulo a seguir. Na revisão de seu modelo no início dos anos 2000, Kuhlthau (2004) afirma existir uma teoria em construção e inclui seus estudos nesse cenário. A autora aproveita, também, para apresentar sua própria teoria que evolui de seu modelo *Information Search Process* (ISP): o Princípio de Incerteza (*Principle of Uncertainty*), que começou a ser desenhado na década anterior (KUHALTHAU, 1993; 2004). A teoria proposta pela estudiosa nasce como um recorte da Teoria Construtivista, em que Kuhlthau se reconhece. Nela, a autora parte da premissa de que o conhecimento é um processo ativo para propor que o usuário, ou seja, cada indivíduo que busca por informação, inicia sua busca a partir da incerteza e termina o ciclo com entendimento.

Kuhlthau (2004) também cita T. D. Wilson como uma das lideranças nos estudos do Comportamento Informacional e do processo de busca de informação na perspectiva de um usuário humanizado e carregado de incertezas, sobretudo a partir de seu modelo constituído e revisado na década de 1990. Os dois autores discordam, entretanto, na visão da informação enquanto necessidade humana. Enquanto Kuhlthau (2004, p. 13) afirma que a busca de informação é uma atividade primária para a vida, Wilson (2000, p. 51) relembra que sugeriu desde seu primeiro modelo, em 1981, que o conceito fosse encarado não enquanto uma necessidade de sobrevivência, mas uma necessidade secundária, de satisfação dos desejos primários. Ou seja, a necessidade de descobrir como satisfazê-los. A visão de Wilson (2000) se aproxima mais das visões de Flusser (2007) sobre Cultura, Informação e Comunicação, que adotamos neste trabalho.

Um pouco depois de Kuhlthau (2004) ter evoluído o Princípio da Incerteza para o *status* de teoria, Wilson (2016) defende o entendimento do Comportamento Informacional enquanto uma teoria geral. O autor diz, então, que os modelos apresentados por ele em 1981 e 1999 constituem uma teoria geral do Comportamento Informacional, que pode ser utilizada em diferentes disciplinas e gerar novas teorias. Nesta revisão, apresenta também um novo modelo variante, voltado para os estudos da Comunicação, como estudos de audiência, fontes de informação e comportamento.

Como fundamento de sua teoria geral, apresenta oito leis ou princípios, assim traduzidos por nós, já que a publicação segue inédita em português (WILSON, 2016, não paginado, tradução nossa):

1. A interação humana com a informação resulta do desejo de satisfazer as várias necessidades que surgem no curso da existência humana;
2. Como essas necessidades se configuram em problemas que surgem em diferentes contextos como o trabalho da pessoa, seus relacionamentos, vida social e vida familiar, elas são afetadas por uma gama de fatores ambientais, do sociocultural ao físico;
3. A motivação para a busca de informação para satisfazer uma necessidade também é afetada por uma gama de fatores. O impacto de cada um deles depende da avaliação pessoal do usuário/indivíduo da importância de satisfazer a necessidade;
4. Tendo decidido buscar alguma informação, a habilidade pessoal para isso é afetada por um sem-número de variáveis, que podem ser características pessoais, ambientais ou o próprio sentido de descobrir informações;
5. O comportamento de busca de informação pode ser episódico ou interativo e pode ser influenciado pelo sucesso ou fracasso das ações empreendidas;
6. A descoberta de informação pode resultar da pesquisa ou busca deliberada, de uma descoberta acidental ou do monitoramento de informação;
7. A busca de informação é somente um dos aspectos do comportamento informacional. Outras atividades incluem a troca de informação ou compartilhamento, a transferência de informação para quem a necessidade é conhecida, assim como a evasão ou rejeição de informação;
8. O comportamento informacional pode ser individual, coletivo ou colaborativo.

É com o entendimento do Comportamento Informacional enquanto uma teoria que seguimos com a construção desta dissertação, já nos alinhando com os posicionamentos mais recentes de Wilson (2016; 2018). Antes de avançarmos nesse estudo, porém, é importante pontuar alguns dos modelos existentes, inclusive atualizações recentes dos autores.

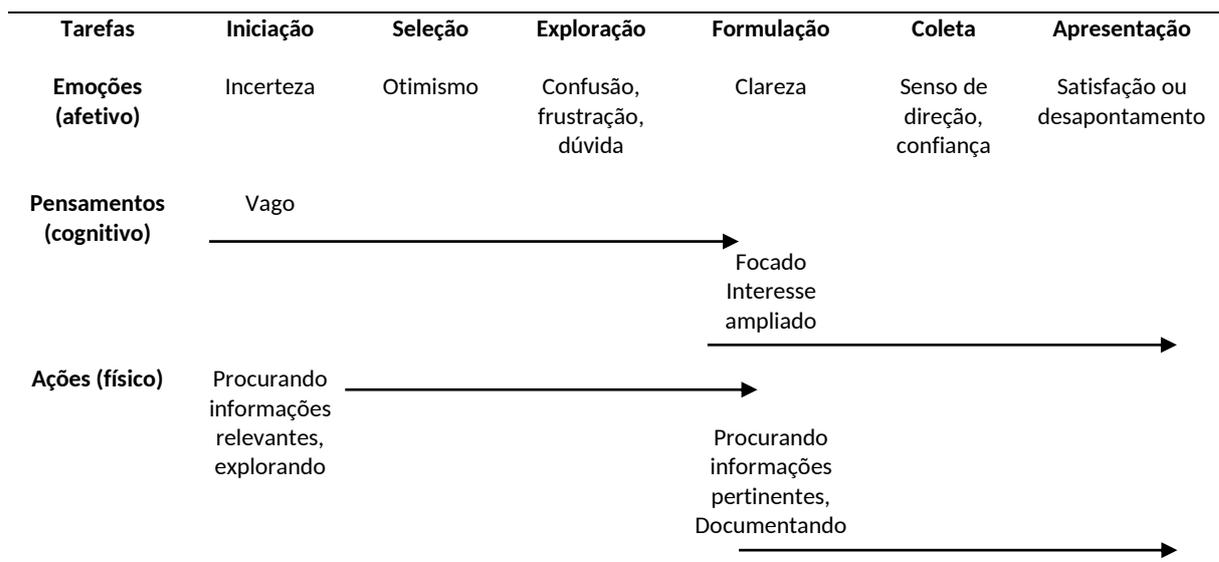
4.2 ALGUNS MODELOS RECENTES AO LONGO DA LITERATURA

Existem, listados na literatura, diversos modelos voltados para a compreensão do Comportamento Informacional Humano, mesmo aqueles que são anteriores ao conceito desenhado por Wilson em seu primeiro modelo, de 1981. Em nosso estudo, consideraremos três modelos: o do Processo de Busca de Informação – ISP, na sigla em inglês – de Kuhlthau (1993; 2004, 2018), o de Busca e Uso de Informação de Choo (2011, 2017) e os modelos de Comportamento Informacional de Wilson (2000; 2016, 2020).

4.2.1 O processo de busca de informação definido por Kuhlthau

Autora-chave nos estudos de busca e uso da informação em todo o ocidente, Carol Kuhlthau definiu, em 1991, seu *Information Search Process (ISP)*, que estabelece uma relação entre sentimentos, pensamentos e ações no processo de busca de informação. Com visão construtivista, onde o usuário de um sistema de informação é visto enquanto um indivíduo ativo, sem excluir da análise sua estrutura e suas necessidades emocionais. O modelo foi amplamente utilizado e difundido, sendo considerado inclusive por outros teóricos relevantes para área, como Choo (2011), como veremos um pouco mais a frente.

Quadro 1 – o modelo ISP de Kuhlthau



Fonte: Kuhlthau (1993, p. 343), adaptado e traduzido pelo autor, 2021

Utilizando seu modelo de processo de busca de informação e sua teoria do Princípio de Incerteza, a autora apresentou, em sua revisão de 2004, dois estudos com profissionais de

áreas completamente diferentes: analistas de segurança e advogados. Com as pesquisas, observou que nem sempre o princípio da incerteza é considerado ruim pelo usuário. Enquanto o emocional dos analistas de segurança pendia para um lado mais negativo quando era necessário atuar em tarefas mais complexas, com sentimentos como ansiedade e frustração, os advogados que participaram do estudo descreveram entusiasmo e interesse ampliado por tarefas mais complexas e incertas, que exigem mais criatividade no "jogo jurídico" (KUHLETHAU, 2004, p. 179). Seus estudos mostraram então que o contexto do usuário tem forte influência na maneira como o princípio da incerteza será empreendido na busca de informação.

Mais recentemente, em 2018, em uma carta publicada na sua página virtual no site da Rutgers University (EUA), comenta a utilização do modelo ISP nos últimos 20 anos e traz a incerteza como noção central do seu modelo, tanto de forma afetiva quanto cognitiva. Para a autora, a incerteza é variante no processo de busca de informação, podendo ser crescente ou decrescente. Kuhlthau reforça, então, essa construção de conhecimento a partir do uso de variadas fontes de informação como um processo "dinâmico e holístico de construção, como descrito no ISP" (2018, n.p.).

A autora ainda destaca a importância de considerar o processo de busca de informação para a criatividade, algo que, para ela, é comumente desconsiderado nos processos de descoberta e inovação. "Estudos sobre Comportamento Informacional são necessários para entender amplamente a criatividade na era da informação" (2018, n.p.).

4.2.2 A organização de conhecimento de Choo

Baseando-se muito nos estudos de Carol Kuhlthau, sobretudo em seu modelo de 1991 e no artigo sobre o Princípio da Incerteza, de 1993, e de Taylor, a partir de seu estudo sobre os ambientes de uso da informação, de 1991, e nos modelos de Wilson, Choo (2011) utiliza-se do conhecimento existente e condizente com a visão humanizada da busca e uso da informação para a criação de um modelo próprio e posterior construção de sua teoria da Organização do Conhecimento.

Em seu modelo, como uma tela em branco, Choo (2011) estabelece a possibilidade de análise da interação entre o contexto do usuário e seus comportamentos em relação à informação. Seu foco central é a criação de significado a partir dos processos de informação.

A partir deste modelo teórico, o autor define os comportamentos de busca, uso e necessidades de informação a partir do ambiente ou comportamento identificado. Faz isso ao longo das investigações que se empenha ao longo da elaboração da sua teoria do ciclo do conhecimento.

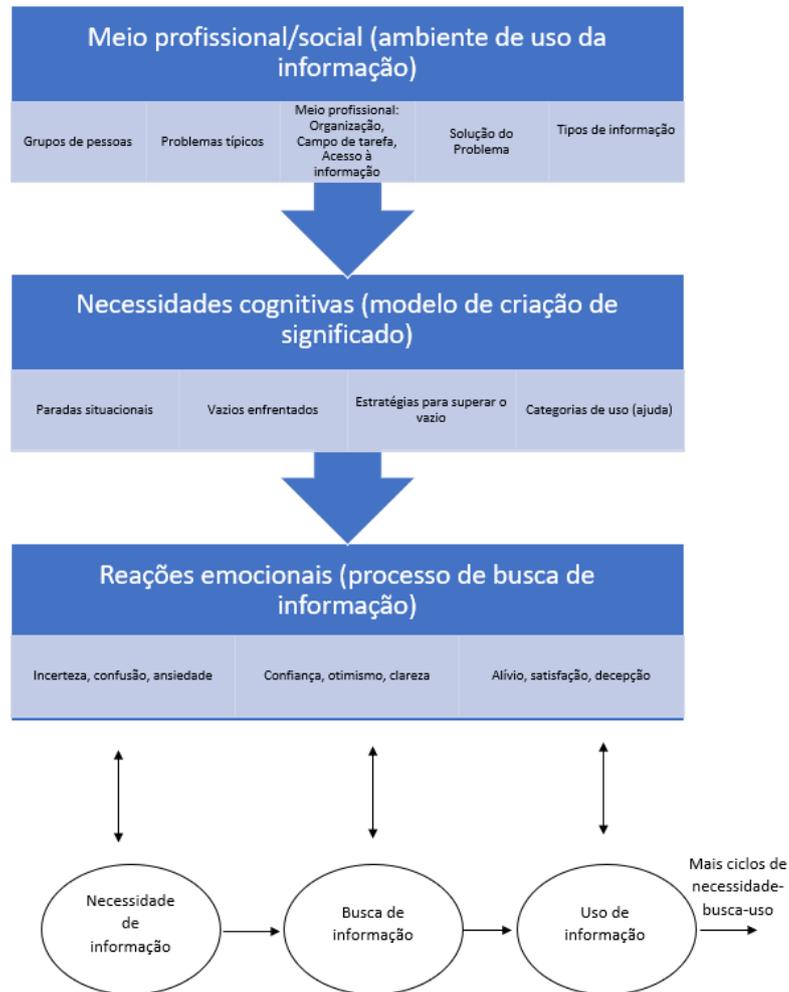
Quadro 2 - Modelo teórico de Choo para a busca e o uso da informação

Ambiente	Ambiente de processamento da informação		Ambiente de uso da informação
Comportamento	Necessidades cognitivas	Reações emocionais	Dimensões situacionais
Necessidades de informação	<i>NC p/ NI</i>	<i>RE p/ NI</i>	<i>DS p/ NI</i>
Busca de informação	<i>NC p/ BI</i>	<i>RE p/ BI</i>	<i>DS p/ BI</i>
Uso da informação	<i>NC p/ UI</i>	<i>RE p/ UI</i>	<i>DS p/ UI</i>

Fonte: Choo (2011, p. 82), adaptado pelo autor, 2021

No seu modelo, construído a partir da literatura, as dimensões situacionais são fundamentais para a investigação e compreensão do comportamento cíclico de necessidades, busca e uso de informação. Assim, em seu modelo multidimensional de uso da informação, Choo (2011) formaliza o ciclo que dá, depois, base à sua teoria e o modelo próprio advindo dela.

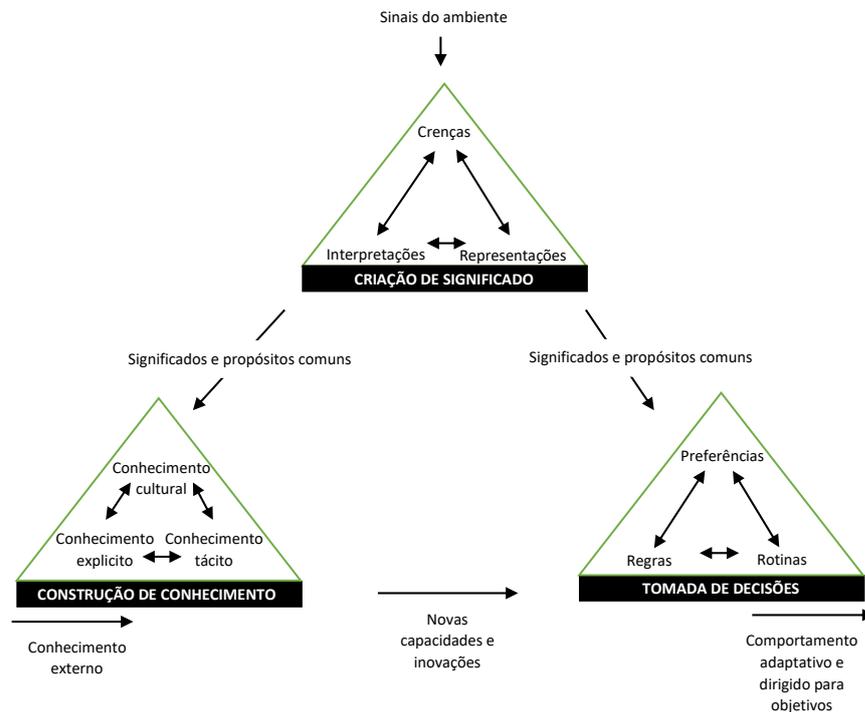
Figura 1 – Modelo multidimensional de uso de informação



Fonte: Choo (2011, p. 114), adaptado pelo autor, 2021

Em sua teoria, Choo (2011) estabelece que o conhecimento organizacional – seu foco está em organizações empresariais ou institucionais – se dá a partir de três processos encadeados com o uso da informação: a criação de significado, a construção de conhecimento e a tomada de decisões. Cria, então, seu modelo de ciclo de conhecimento.

Figura 2 – O ciclo do conhecimento organizacional

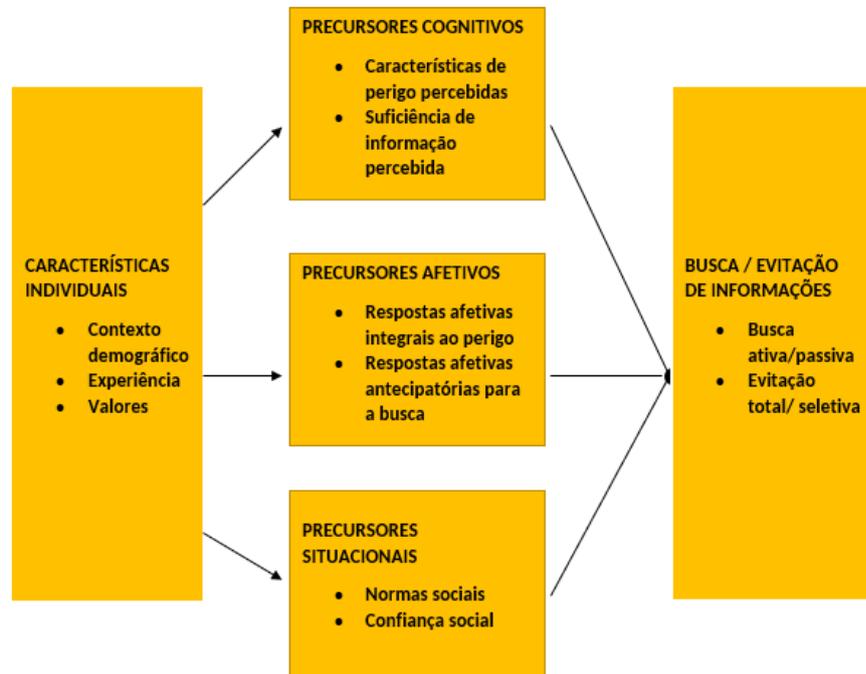


Fonte: Choo (2011, p. 366), adaptado pelo autor, 2021

Vemos com a criação do ciclo do conhecimento e da teoria que o ancora, ambos criados por Choo (2011), como os estudos do Comportamento Informacional podem subsidiar novos conhecimentos teóricos. O mesmo autor, em 2017, lança um novo artigo sobre como o avanço do conhecimento trouxe um novo momento para a humanidade, tanto pelo progresso associado a isso quanto pelos novos riscos que surgiram na nossa consciência de sociedade, como as mudanças climáticas, a saúde alimentar ou o uso racional da água. Assim, Choo (2017) discorre sobre o comportamento de Busca de Informação sobre situações de risco para a sociedade, como a ambiental e a de saúde – isso porque essas informações podem ter consequências nas nossas escolhas e ações e, essas ações, no risco que corremos.

O autor também aborda estudos que trazem situações em que o usuário prefere não se informar, a fim de ter alguma vantagem disso: seja uma vida mais tranquila, manter a felicidade, evitar complicações de saúde etc. A partir disso, Choo (2017), apresenta um novo modelo teórico: o de Risco Social de Busca e Evitação de Informação.

Figura 3 - Modelo de Risco Social de Busca e Evitação de Informação



Fonte: Choo (2017, n.p.), adaptado pelo autor, 2021

Essa discussão, segundo o autor, acontece ao redor do paradoxo do comportamento humano de informação – que, como vimos, ultrapassa a esfera racional e inclui o comportamento humano em sua totalidade, considerando seus medos e desejos, assim como o seu ambiente e sua cultura. Com o novo modelo, Choo (2017) apresenta nove propostas associadas, os 9 P's:

- P1: As percepções da probabilidade e gravidade das influências do perigo estão relacionadas à intenção de buscar ou evitar informações sobre o perigo;
- P2: A lacuna (subjativa) entre o conhecimento atual do indivíduo sobre o perigo e o conhecimento necessário para lidar adequadamente com o perigo está relacionada à intenção de buscar ou evitar informações sobre o perigo;
- P3: As respostas afetivas (integrais) em relação ao perigo estão relacionadas à intenção de buscar ou evitar informações sobre o perigo;
- P4: As respostas afetivas antecipatórias em relação às consequências da busca de informações sobre o perigo estão relacionadas à intenção de buscar ou evitar informações sobre o perigo;

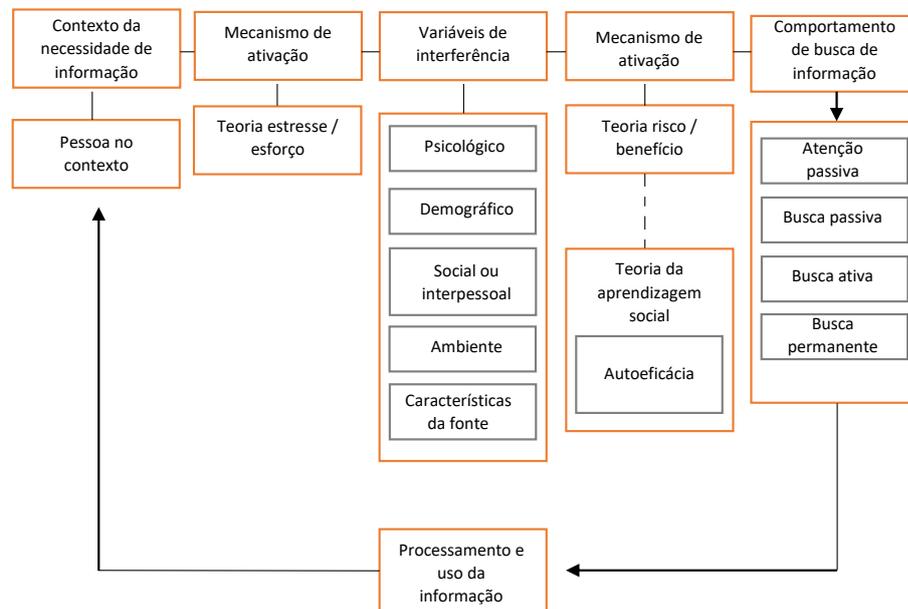
- P5: As expectativas sobre terceiros relevantes para estarem bem-informados sobre o perigo estão relacionadas à intenção de buscar ou evitar informações sobre o perigo;
- P6: A confiança (ou vontade de confiar) nas instituições responsáveis por controlar e gerenciar o perigo está relacionada à intenção de buscar ou evitar informações sobre o perigo;
- P7: Os indivíduos buscam informações sobre o perigo por meio de visualização passiva ou busca ativa de informações sobre o perigo;
- P8: Os indivíduos evitam informações sobre o perigo fugindo de forma abrangente ou seletiva das informações sobre o perigo;
- P9: As características individuais têm efeitos diretos e indiretos sobre a intenção de buscar ou evitar informações e sobre as demais variáveis do modelo.

Com seu novo modelo voltado para o Comportamento Informacional em situações em que a busca da informação ou a escolha pela ignorância são associadas ao risco social, Choo (2017) atualiza sua contribuição para o campo teórico e avança na compreensão da complexidade do comportamento humano para a informação ou a desinformação, tema cada vez mais atual nesta década. Quem também avança em seus modelos é T. D. Wilson, autor principal desta dissertação, como veremos a seguir.

4.2.3 Os modelos de Wilson

Os modelos de T. D. Wilson para o fenômeno que ele identificou como Comportamento Informacional compõem sua teoria geral. Um dos modelos, no entanto, foi superado pela proposta que o próprio autor lançou em 1999, ao atualizar sua proposta de um modelo definitivo, como ele mesmo intitulou o trabalho. Mais recentemente, em 2016, o teórico divulgou mais uma proposta de modelo, dessa vez adaptada aos estudos de Comunicação e Marketing. São esses dois modelos – o definitivo e o voltado à comunicação – que trabalharemos neste capítulo. Apresentamos, logo em seguida, o último modelo trazido por Wilson (2020), em que o autor expande seu modelo principal, também conhecido como definitivo.

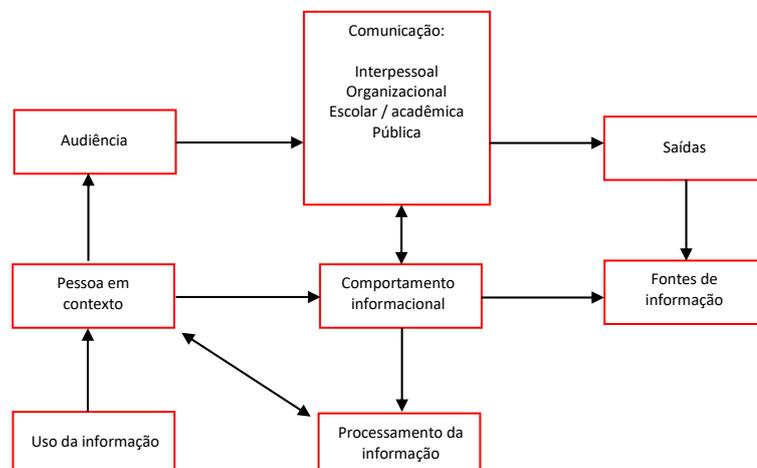
Figura 4 - o modelo definitivo de Comportamento Informacional de Wilson



Fonte: Wilson (2000, p. 53), adaptado e traduzido pelo autor, 2021

Após a divulgação de seu modelo definitivo que leva em conta fatores de interferência como o ambiente em que o usuário está inserido, a fonte da informação que tem acesso e as próprias demandas psicológicas e sociais do indivíduo, além do esforço empreendido por ele nesse processo de informar-se, Wilson (2000) viu seus argumentos serem replicados em estudos de diferentes disciplinas e se tornar um dos autores mais citados na área, como ele mesmo levantou recentemente (WILSON, 2018).

Figura 5 - Modelo de Wilson para estudos de comunicação e audiência



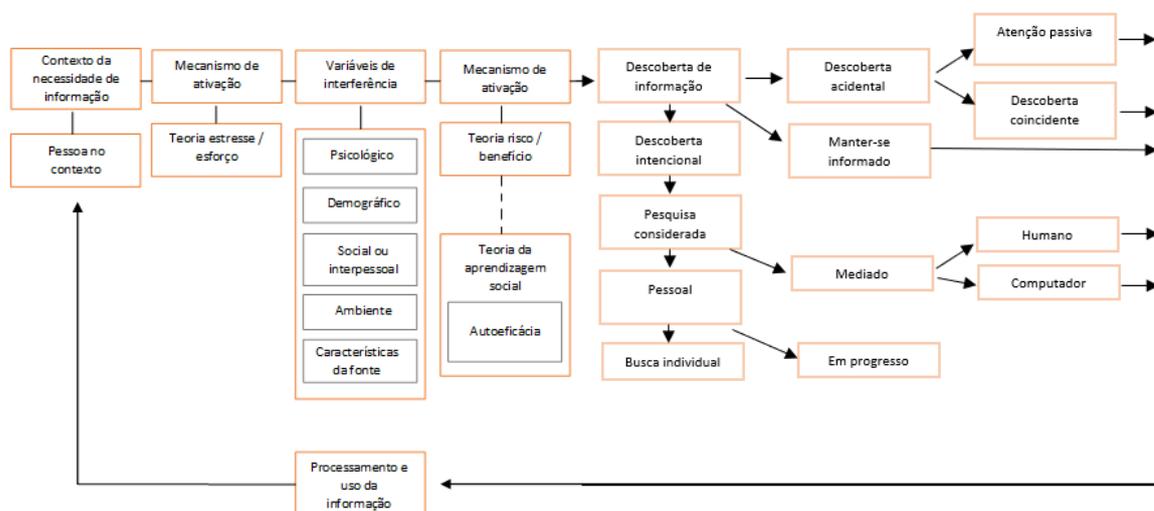
Fonte: Wilson (2016, n. p.), adaptado e traduzido pelo autor, 2021

Por ter seu foco no usuário da informação enquanto audiência, o novo modelo proposto por Wilson ao apresentar sua teoria geral (WILSON, 2016) não deixa claro qual o tipo de Comunicação que envolve o Jornalismo, por exemplo. Apesar disso, justamente por ter o foco no usuário, podemos inferir, a partir do modelo, que as fontes de informação jornalísticas podem perpassar todos os outros tipos de Comunicação: a interpessoal, a organizacional, a acadêmica e a pública, justamente pelo Jornalismo ser uma linguagem amplamente adotada em nossas sociedades.

Do ponto de vista do jornalista enquanto usuário de informação, o modelo destaca o que estudiosos da Comunicação alertam, sobretudo nas hipóteses contemporâneas do Jornalismo – que veremos logo a seguir – da relação do contexto, ou do ambiente do jornalista, em suas produções. Por ser uma adaptação de seu modelo teórico definitivo, o modelo de estudos de audiência de Wilson (2016) também não exclui a avaliação das variáveis de interferência, como as características psicológicas ou emocionais do indivíduo, outro debate recente nos estudos do jornalismo.

Chegamos agora, então, à expansão de seu modelo definitivo, apresentado por Wilson (2020) em um pequeno artigo de atualização publicado na revista espanhola *Anales de Documentación*, da Universidade de Murcia, em sua segunda edição do volume 23. Nele, o autor revisita seu modelo principal de Comportamento Informacional – que deu base à sua teoria geral, como vimos em Wilson (2016) – para a complexidade da Comunicação e do acesso à informação dos tempos atuais.

Figura 6 – Modelo definitivo de Wilson expandido



Fonte: Wilson (2020, n. p.), adaptado e traduzido pelo autor, 2021

Na atualização do modelo, vemos o autor expandir o campo “Comportamento de Busca de Informação”, antes presente no modelo definitivo (WILSON, 2000, p. 53) para o de “Descoberta de Informação”, que considera com mais empenho a subjetividade do usuário em contexto. O autor faz isso usando campos para a personalidade e a busca individual, além de considerar as vontades do usuário e o seu contexto e acessos tanto à informação quanto aos recursos que possibilitam a comunicação. Ao final de sua breve atualização, o autor admite que a revisão de modelos assim “não tem fim” (WILSON, 2020, n.p.) e que pretende lançar um livro sobre a teoria em breve.

4.3 APROXIMAÇÕES COM AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Assim como os estudos do que hoje englobam o comportamento informacional, os estudos modernos de comunicação começaram a se multiplicar e estruturar o campo enquanto campo científico a partir da primeira metade do século XX, mais precisamente nas décadas de 1920 e 1930 (TEMER; NERY, 2009). É somente a partir do fim da década de 1960, no entanto, que o que chamamos hoje de hipóteses contemporâneas da comunicação começaram a se disseminar nos Estados Unidos e, posteriormente, em diversos países (HOHLFELDT, 2015). Essas hipóteses levam em conta o cruzamento, comparação e adequação de diferentes correntes teóricas, modelos e disciplinas para os estudos da comunicação, sua produção e sua influência.

Apesar de não terem tanta penetração nas pesquisas e no ensino da comunicação, os estudos de comportamento informacional podem ser relacionados às hipóteses contemporâneas de comunicação como a Hipótese de Agenda, a Hipótese de *Newsmaking* e a própria Espiral do Silêncio, descritas por Hohlfeldt (2015).

Segundo o autor, a hipótese de agenda, ou agenda *setting*, é bem documentada nos estudos brasileiros e teve grande repercussão no país (HOHLFELDT, 2015, p. 188). Tal hipótese determina que em sociedades complexas como as do ocidente, temos a necessidade de mediação dos meios de comunicação para ter acesso à informação e isso interfere, ou agenda, os assuntos que tomaremos como importantes para o nosso viver. Esses estudos têm origem com os pesquisadores americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw. Para Ferreira e Teixeira

(2014), o agendamento é uma espécie de efeito social da mídia, com efeitos na opinião pública.

Algumas notícias ou temas serão mais pautados do que outros nos veículos de comunicação, criando uma espécie de horizonte de eventos, ou seja, alguns fatos, ao serem selecionados e dispostos de forma mais enfática, serão encarados pelo público como temas ou problemas de legítima relevância ou pertinência (FERREIRA; TEIXEIRA, 2014, p. 28-29).

Outra hipótese contemporânea de bastante ressonância no Brasil, a hipótese de *newsmaking* não é atribuída a nenhum autor específico, mas sim a um conjunto de estudos ligados à sociologia das profissões, mais especificamente ao jornalismo (HOHLFELDT, 2015, p. 204). Sua ênfase está nos processos jornalísticos, ou seja, na produção da notícia e os fatores que influenciam esse fazer. Esses estudos agrupam também as pesquisas de *gatekeeping*¹² e de critérios de noticiabilidade, ou da manipulação – mesmo que involuntária – de editores e jornalistas na seleção e determinação de quais fatos são noticiáveis e qual sua ordem de importância nesse processo de produção e difusão do jornalismo (HOHLFELDT, 2015).

Segundo Benetti (2014), esse conjunto de estudos avalia e mapeia “as técnicas, os valores normativos da profissão e os constrangimentos aos quais os/as jornalistas são submetidos no interior das organizações” (p. 362). Entre os processos jornalísticos avaliados nesse tipo de estudo, a autora destaca: os de construção da pauta ou produção; a seleção de fontes de informação e pessoas para as declarações e entrevistas; as técnicas de apuração, redação e edição do material e os critérios utilizados para a definição do que é notícia (BENETTI, 2014, p. 362).

Por último, a hipótese da espiral do silêncio, tem sua origem nos estudos empreendidos pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann, desde a década de 1970. Neles, a pesquisadora investiga como, nas nossas sociedades, o comportamento do cidadão comum é moldado por seu "instinto de sobrevivência", que faz seguir o comportamento do que pensa ser a maioria. Apenas quando tem a oportunidade de se manifestar anonimamente, esse indivíduo mostra suas verdadeiras opiniões (TEMER; NERY, 2009). Sua pesquisa envolve a investigação de uma possível relação entre a mídia e a mudança de opinião da população.

¹² Segundo Hohlfeldt (2015) a hipótese de *gatekeeping* discute a influência dos editores e jornalistas na produção das notícias, já que esses seriam os “guardiões do portão” (*gatekeeper*), definindo quais fatos merecem ser noticiados.

Contudo, estando o jornalista inserido e integrando a comunidade em que atua – portanto, estando inserido em seu contexto – estaria ele próprio sofrendo também esse tipo de influência. Um dos conceitos que a autora apresenta, inclusive, o de tematização, foi posteriormente incluído nos estudos de agendamento (HOHLFELDT, 2015, p. 232).

Após essa rápida contextualização das pesquisas mais recentes e ainda em construção sobre os processos jornalísticos, partimos para a proposta de um quadro relacionando as hipóteses que integram as teorias da comunicação com as leis estabelecidas por Wilson em sua Teoria Geral do Comportamento Informacional (2016).

Quadro 3 – As leis de Wilson e as hipóteses contemporâneas da comunicação

Leis de Wilson (2016)	Relação possível		
	Newsmaking	Agenda Setting	Espiral do Silêncio
Primeira lei (a interação com a informação resulta do desejo de satisfazer necessidades)	O jornalista trabalha com essa interação a todo o tempo. Sua necessidade primeira é satisfazer a pauta estabelecida para a construção do produto jornalístico	A interação com a informação é mediada e depende das agendas estabelecidas	A ocultação de opiniões polêmicas por parte das minorias decorre do instinto de sobrevivência
Segunda lei (as necessidades são afetadas por uma gama de fatores)	Os critérios de noticiabilidade determinam quais fatos são relevantes para a construção da notícia	O agendamento diz respeito ao que é dito, não a como é dito. A audiência pode ter acesso a diferentes pontos de vista, a depender de sua necessidade	O acesso à informação pode modificar os discursos do indivíduo, motivado por suas necessidades
Terceira lei (a motivação para a busca também é influenciada)	Apesar de existirem manuais ou orientações gerais em grandes organizações jornalísticas, a avaliação pessoal do jornalista é fundamental no processo jornalístico	O agendamento não impede que pessoas diferentes façam buscas diferentes, mas diz respeito a uma tendência de homogeneização de temas na mídia	O impacto de suas decisões ao externalizar opiniões depende do acesso à informação e da opinião pública da maioria
Quarta lei (a habilidade para a busca também é influenciada por diversos fatores, do ambiental ao emocional)	Toda o processo passa pela capacidade do jornalista em sua atuação profissional	Quanto maior a habilidade da audiência, menor a chance de ser influenciado a longo prazo pela mídia. Existe a possibilidade, inclusive, de um “contra agendamento” por parte do público, termo que já é comum na literatura	O silenciamento de uma opinião que contraria a maioria estabelecida é uma habilidade social de sobrevivência
Quinta lei (o comportamento de busca pode ser episódico, interativo, e influenciado pelo sucesso ou fracasso)	Uma pauta pode surgir de uma busca ativa ou episódica, assim como a solução para a construção da notícia pode variar com o sucesso ou fracasso das ações empreendidas	As pesquisas não especificam essa delimitação. O agendamento pode ocorrer em qualquer sociedade mediada	O comportamento de silenciamento pode ser influenciado por sucessos ou fracassos anteriores na exposição de uma opinião
Sexta lei (a descoberta pode resultar de uma busca ativa ou de um comportamento passivo)	As soluções adotadas ao longo do processo jornalístico não dependem, exclusivamente, da investigação	Em uma sociedade complexa e mediada, a influência da mídia e o posterior agendamento de temas pode ocorrer tanto em buscas ativas quanto em buscas passivas	Um posicionamento pode resultar de descobertas informacionais ativas ou passivas
Sétima lei (a busca de informação é somente um dos	No fazer jornalístico, a busca é também somente uma das etapas do processo	O agendamento diz respeito ao acesso da informação em sociedades mediadas e a influência nos discursos do indivíduo	A hipótese da espiral do silêncio diz respeito à publicização de opiniões

aspectos do comportamento)			divergentes e à sobrevivência social
Oitava lei (o comportamento informacional pode ser individual, coletivo ou colaborativo)	O fazer jornalístico também pode ser individual, coletivo ou colaborativo, incluindo a colaboração entre diferentes veículos midiáticos	O agendamento tem relação tanto com discursos individuais quanto consensos	O comportamento de silenciamento pode ser individual ou coletivo

Fonte: elaborado pelo autor, 2021

O quadro expõe possibilidades de aproximações entre a teoria geral defendida por Wilson (2016) e as hipóteses contemporâneas de comunicação, amplamente adotadas em estudos a partir da década de 1970. Por ser uma elaboração própria, é necessário ressaltar que o quadro dependeu da análise do autor deste texto de qualificação para a sua concepção, a partir das leituras empreendidas para este estudo. São relações que, contudo, podem enriquecer o debate em trabalhos interdisciplinares como este, que investe em uma teoria original da Ciência da Informação e a empreende em um estudo sobre jornalistas. Para discutir o que tem sido levantado sobre essa relação, preparamos no próximo capítulo uma revisão de literatura sobre os estudos do comportamento informacional de jornalistas.

4.3.1 Comportamento Informacional de jornalistas: uma revisão

Pontuamos brevemente o histórico e a evolução dos estudos de Comportamento Informacional bem como a aproximação, mesmo que não intencional, desse campo com os estudos ligados às hipóteses contemporâneas do jornalismo. Agora, avançamos em uma revisão de literatura com o intuito de entender, a partir da busca em bases de dados nacionais e internacionais, qual a literatura disponível em português, inglês e espanhol sobre o comportamento informacional de jornalistas.

Nossa revisão envolve a busca nos agregadores *Google Acadêmico* e *Portal de Periódicos Capes*, além da busca direta nos repositórios da *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*, do *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT Oasis)* e da *Scientific Electronic Library on-line (SciELO)*, considerando resultados publicados nos últimos 15 anos, espaço temporal escolhido pelo ineditismo do levantamento. Com a popularização de estudos do comportamento informacional de jornalistas, é possível

que revisões semelhantes sejam feitas em espaços temporais menores, considerando até mesmo revisões anuais.

No levantamento, os termos utilizados para a busca foram “comportamento informacional” e “jornalismo” para a busca em português, “*information behavior*”, “*information behaviour*” e “*journalism*” para a busca em inglês e “comportamiento informacional”, “comportamiento informativo” e “periodismo” para a busca em espanhol.

Ao todo, foram recuperados 2.265 artigos a partir dos termos apresentados, mas somente 29 destes estudos apresentaram de fato relação com os estudos do comportamento informacional de jornalistas. São estes, então, que serão considerados em nossa revisão.

A maior parte dos estudos recuperados tem o conceito de Comportamento Informacional trabalhado ao longo do texto: Aghili (2018); Attfield et al. (2008); Azevedo (2016); Bird-Meyer e Erdelez (2018); Bird-Meyer, Erdelez e Bossaller (2019); Cavalcante (2014; 2016); Chaudhry e Al-Sagheer (2011a; 2011b); Hossain e Islam (2012); Joncen (2005); MacMillan (2009); Mothes (2017); Navarro (2014) e Planelles (2014); Sintra (2019). Outro grupo de destaque é o de estudos que utilizam termos relacionados, como “busca de informação”, “competência informacional”, “competência midiática” e “comportamento de verificação”, discutindo o comportamento informacional humano ligado a jornalistas a partir de outros conceitos: Anwar e Asghar (2009); Ansari e Zuberi (2010); Cerigatto (2018); Hossain e Islam (2012); Vergeer (2018).

Outro padrão identificado em nossa busca foi o da apresentação de “comportamento informacional” em alguma parte do corpo do trabalho sem a discussão ou a devida apresentação do conceito, utilizando o termo como o senso comum de que existe um comportamento voltado para a informação. Apesar disso, os estudos foram considerados relevantes para esta revisão por terem o comportamento de jornalistas ou da mídia enquanto tema ou objeto. Integram este grupo os estudos de Attfield, Fegan e Blandford (2009); Leite (2015); Rabelo (2010); Silva (2019); Vehof *et al.* (2018). Outra publicação de interesse, mas que só apresentou o conceito em sua bibliografia, é o de Kemman *et al.* (2013).

4.3.1.1 Um pouco da discussão em língua portuguesa

Com relação ao conteúdo, poucos foram os estudos encontrados em português. Entre os trabalhos encontrados na língua, estão os que discutem o jornalismo e o comportamento

informativa, mas não têm foco nos produtores da notícia (SILVA, 2019; CERIGATTO, 2018; SINTRA, 2019). Os que tem como foco os estudantes de jornalismo e seus comportamentos e atitudes perante a informação (RABELO, 2010) e, finalmente, os que discutem o comportamento informativo de profissionais do jornalismo, mesmo quando o conceito principal é a busca de informação ou a utilização de fontes de informação (CAVALCANTE, 2016; 2014; AZEVEDO, 2016; LEITE, 2015; JONCEN, 2005).

A relação com a ciência perpassa tanto a tese de doutorado de Cavalcante (2014) quanto a posterior publicação de seu estudo em um artigo científico (CAVALCANTE, 2016). Nas publicações, a pesquisadora discute a competência em informação de profissionais de uma televisão universitária, mais precisamente a UFPR TV, fazendo o relacionamento entre os campos da informação e da comunicação e a noção de competência e conhecimento. Em um dos capítulos, a reflexão é dedicada ao comportamento informativo, sobretudo a partir do modelo de Wilson (2000).

No Nordeste brasileiro, dois estudos abordam o comportamento informativo de jornalistas da Paraíba: a dissertação de Leite (2015), com foco na construção de sentido pelos jornalistas na elaboração da notícia e o trabalho de conclusão de curso de Azevedo (2016), que estuda as necessidades de informação de jornalistas locais.

Chama a atenção no levantamento, também, a tese de doutorado de Consuelo (2005). Apesar de ser um dos estudos mais antigos da lista, sua pesquisa aborda a utilização de fontes formais de informação por jornalistas na construção da notícia e apresenta o que, para nós, seria sua maior contribuição para o campo: um modelo de avaliação de fontes desenhado para jornalistas, possibilitando a inclusão da proposta como um dos métodos utilizados nos processos jornalísticos.

4.3.1.2 Os estudos encontrados em espanhol

Na língua espanhola, apenas duas publicações foram consideradas neste levantamento, levando em conta a especificidade de nossa pesquisa. Entre eles, o artigo *El comportamiento informativo de los periodistas en la Región de Murcia*, de Navarro (2014), em que o autor apresenta uma revisão sobre o comportamento informativo de jornalistas em seu cotidiano profissional, no modo em que buscam e utilizam a informação, do ponto de vista documental.

O trabalho, Navarro (2014) evidencia uma ausência de produção científica sólida sobre o comportamento informacional de jornalistas, sobretudo na Espanha, onde o autor afirma existir uma ausência discursiva quase total sobre o tema. O ponto de vista vai ao encontro ao alerta de Choo (2011) sobre a ausência de um fio condutor nas pesquisas de comportamento em informação – debate que trouxemos anteriormente neste artigo.

O segundo estudo, também espanhol e assinado por Planelles (2014), é voltado para comunicadores em formação, incluindo estudantes de jornalismo, e foca na competência em informação, mas perpassa a discussão sobre o comportamento informacional desses estudantes, sobretudo para o registro e documentação da informação que têm acesso. O estudo sugere que os currículos de cursos de comunicação no país trabalhem a competência informacional desses estudantes, incluindo disciplinas para a discussão teórica sobre o campo da informação – assim como já ocorre com as disciplinas teóricas voltadas ao campo da comunicação – e abordagens práticas, focando no desenvolvimento de habilidades relacionadas, como a verificação da informação e análise de fontes.

4.3.1.3 Os estudos encontrados em língua inglesa

Os estudos em língua inglesa trazem diferentes abordagens e estudos sobre o comportamento informacional de jornalistas ou a abordagem da mídia em diversas partes do mundo. O processo de busca de informação de jornalistas de mídia impressa em Bangladesh, por exemplo, foi o tema do trabalho assinado por Hossain e Islam (2012). O estudo sinaliza que a fonte de informação preferida dos profissionais pesquisados é a internet. Entre as sugestões, está, novamente, a adesão de disciplinas sobre tipos de informação e fontes de informação no currículo de formação de jornalistas.

Outro trabalho que investiga o comportamento informacional de jornalistas de veículos impressos é assinado por Attfield *et al.* (2008), onde os autores investigam o comportamento desses profissionais a partir da teoria do Princípio de Incerteza de Kuhlthau (2004), sobretudo no processo de escrita da notícia. Attfield e Blandford (2009) resgatam a discussão para investigar a produção jornalística de profissionais *freelancers*, envolvendo comportamentos de informação na produção de pautas, no planejamento de reportagens, em entrevistas de fontes e na escrita do material final.

Os profissionais de jornais impressos também são o foco do estudo publicado por Anwar e Asghar (2009), que discute o comportamento de busca de jornalistas locais. Na pesquisa, a verificação da informação, ou *fact checking*, e o viés generalista da informação foram destacados. Além disso, os/as jornalistas afirmaram utilizar fontes formais e informais. Um dos principais problemas identificados na categoria é a falta de habilidade para a busca de informação. Ao mesmo tempo, conteúdos de agências de notícias foram considerados como de alta importância ou confiabilidade.

Outros dois estudos no idioma abordam o comportamento de jornalistas de veículos impressos. Bird-Meyer e Erdelez (2018) discutem como jornalistas abraçam o inesperado como parte de suas rotinas de reportagem. Perpassam por temáticas como a construção das histórias contadas pelos profissionais, a concepção dessas notícias e reportagens a partir de seu comportamento informacional e as oportunidades que o inesperado proporciona a essa categoria profissional.

Em outro estudo, Bird-Meyer, Erdelez e Bossaller (2019) ampliam a discussão e buscando explorar e diferenciar o comportamento de repórteres a partir do encontro inesperado com a informação que os guia para novas histórias. O artigo promove uma discussão sobre a pedagogia no ensino do jornalismo moderno, sobretudo na abertura para ideias criativas na construção narrativa de eventos cotidianos, preparando os futuros profissionais para agirem também guiados pela criatividade, sem estarem tão presos ao planejamento realizado antes, na produção das pautas que virarão notícias.

Na mídia digital, o tema é abordado por Kemman *et al.* (2013), no estudo do comportamento de busca de informação de jornalistas holandeses. A pesquisa evidencia a diferença de comportamento entre profissionais em início de carreira e *experts* no que diz respeito ao uso de fontes digitais de informação. O estudo aponta que jornalistas que são especialistas em uma área costumam utilizar ferramentas de busca e técnicas mais rebuscadas e um número maior de opções e fontes que os/as jornalistas iniciantes. Estes, por sua vez, se mostram mais dependentes da informação provida por outras pessoas ou fontes. Em outro estudo, comportamento de jornalistas nas mídias sociais também foi lembrado por Omid (2018) que, a partir de entrevistas com jornalistas australianos, da observação de estudantes de jornalismo e do mergulho na literatura, discutiu o uso dessas redes pelos profissionais da área, sobretudo os questionamentos feitos pelos/as jornalistas das redes sociais.

Outro aspecto das pesquisas encontradas é o estudo dos comportamentos de busca e uso de informação por jornalistas, justamente por estes integrarem os processos jornalísticos conhecidos respectivamente como pauta e redação. Chaudhry e Al-Sagheer (2011a) investigam como a busca por informação se inicia, quais fontes são preferidas pelos profissionais e como uma informação bem-sucedida é encontrada. Os profissionais foram instigados a falar sobre incidentes recentes em suas rotinas. A internet foi o meio mais usado, apesar dos jornalistas admitirem que nem todos os sites consultados são objetivos na apresentação da informação. A mesma pesquisa também foi apresentada por Chaudhry e Al-Sagheer (2011b), no mesmo ano, na Ásia, acrescentando a informação de que a dispersão da informação na internet também foi apontada como um problema por parte dos profissionais.

Um ano antes, Ansari e Zuberi (2010) publicaram um estudo que foca no comportamento de busca de informação por profissionais da mídia local em Carachi, no Paquistão. Nele, investigam o uso dos vários canais de informação, sobretudo bibliotecas e os meios de disseminação da informação. O estudo coletou dados de 185 profissionais de televisão, rádio e impresso. Segundo a resposta dos/as jornalistas, os serviços de clipagem e consultas de referências e os serviços de bibliotecas são os mais utilizados. O uso da internet foi alto, sobretudo entre os/as jornalistas de impresso. O estudo destaca, curiosamente que a utilização de bibliotecas por jornalistas foi maior entre profissionais de veículos impressos e de TV.

Questão que tem sido cada vez mais discutida entre os estudiosos do jornalismo, a objetividade é também o foco do estudo de Mothes (2017). Em sua pesquisa, a autora estuda o conceito de objetividade no comportamento informacional de jornalistas e cidadãos alemães. Para isso, faz um experimento com 430 jornalistas e 432 cidadãos sobre o valor de objetividade, na perspectiva de qualidade jornalística. O estudo elenca um modelo de objetividade e evidencia que o ideal de objetividade tem um impacto maior – e mais positivo – no comportamento de informação de jornalistas quando pressões comerciais e ambientes externos são minimizados. O ponto chave de sua pesquisa é entender a relação da objetividade nas sociedades democráticas.

Um dos estudos levantados chama atenção por estar mais próximo das pesquisas e publicações voltadas para a leitura crítica da mídia. Vehof *et al.* (2018) trabalham a abordagem dada pela mídia nos produtos jornalísticos sobre o desenvolvimento da medicina, sobretudo pelo exagero ou descontextualização da informação por parte dos/as jornalistas na hora de

reportar. Para isso, foca nos conteúdos sobre inovações relacionadas ao diabetes e sua repercussão nos veículos midiáticos, comparando quanto do conteúdo mostra referências de eficácia clínica comprovada.

Outra frente apresentada foi a de estudos voltados para o comportamento de verificação de fontes. Em artigo assinado por Vergeer (2018), estuda-se os comportamentos de verificação da informação *on-line* e a avaliação de credibilidade de fontes. O ambiente de trabalho dos/as jornalistas também é levado em consideração aqui. O artigo justifica que, apesar da crescente de estudos sobre a verificação de informação, nenhum testou os efeitos da avaliação de credibilidade no comportamento de verificação e que este é seu papel.

Para isso, utiliza um questionário *on-line* com jornalistas holandeses e a análise de regressão para testar as hipóteses. O autor chega à conclusão de que a formação em jornalismo não afeta ou modifica esse processo de verificação, mas sim a prática profissional, contradizendo ou mesmo complementando estudos anteriormente citados aqui, que sugerem a ampliação do currículo das escolas de jornalismo para a inclusão de disciplinas ligadas ao comportamento informacional e ao desenvolvimento de competências e habilidades para a busca e uso da informação.

A pesquisa voltada para a análise da competência de estudantes de jornalismo também é abordada em inglês com o estudo de MacMillan (2009), que acompanha por cinco anos grupos de jornalistas em formação para o desenvolvimento de habilidades para a informação, o que também é conhecido como competência informacional ou letramento informacional, em português. Apesar do foco no estudo das competências, o artigo trabalha também a questão do comportamento informacional, sobretudo dos estudantes e pesquisadores em jornalismo.

5 IDENTIFICANDO COMPORTAMENTOS: ANÁLISE DOS DADOS

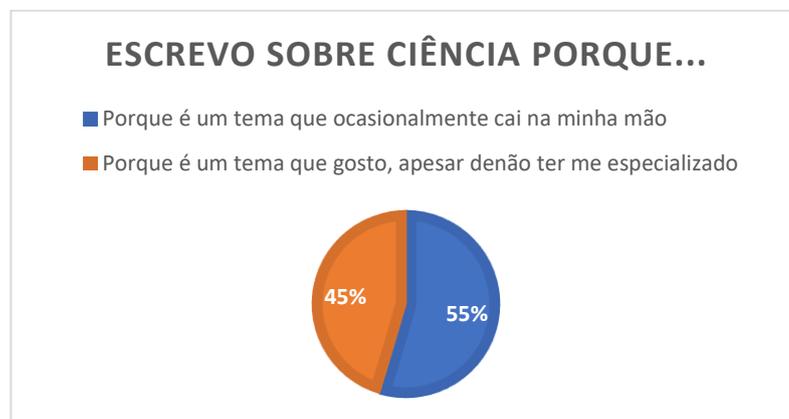
Neste capítulo, detalhamos os dados encontrados junto ao grupo de jornalistas nas duas etapas de investigação direta neste levantamento: o questionário *on-line* e as entrevistas semiestruturadas. Iniciamos aqui com o grupo de dados referente ao questionário, que foi aplicado com o grupo ao longo do mês de dezembro de 2020.

5.1 ANÁLISE DE DADOS DO QUESTIONÁRIO

Ao todo, os/as 60 jornalistas identificados(as) na primeira fase do levantamento foram convidados(as), por *e-mail*, *WhatsApp* e *Instagram*, a participarem do estudo, seguindo as normas do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP/UFG). Desses, 11 atenderam ao pedido e iniciaram a resposta ao questionário e nove concluíram a etapa. No grupo, **55% dos respondentes foram homens e 45% mulheres. A faixa etária mais presente foi a de 30 a 35 anos (37%)**, seguida por: 25 a 29 anos (27%), 18 a 24 anos (18%), 36 a 40 anos (9%) e 41 a 50 anos (9%).

Todo o grupo apresentou ao menos ensino superior completo, estando a maioria (55%) nessa faixa de educação formal – apenas com superior completo. **A formação máxima do grupo foi a pós-graduação *lato sensu***, tendo 36% concluído o curso e 9% estando com o curso em andamento. Sobre o curso de origem, **82% afirmaram ter graduação em Jornalismo** e 18% em outro curso superior. A maior parte do grupo **se graduou em instituição pública (69%)**. Com relação à experiência com pesquisa científica, **55% do grupo afirmou não ter participado de atividades ou grupos de pesquisa**, Iniciação Científica e afins.

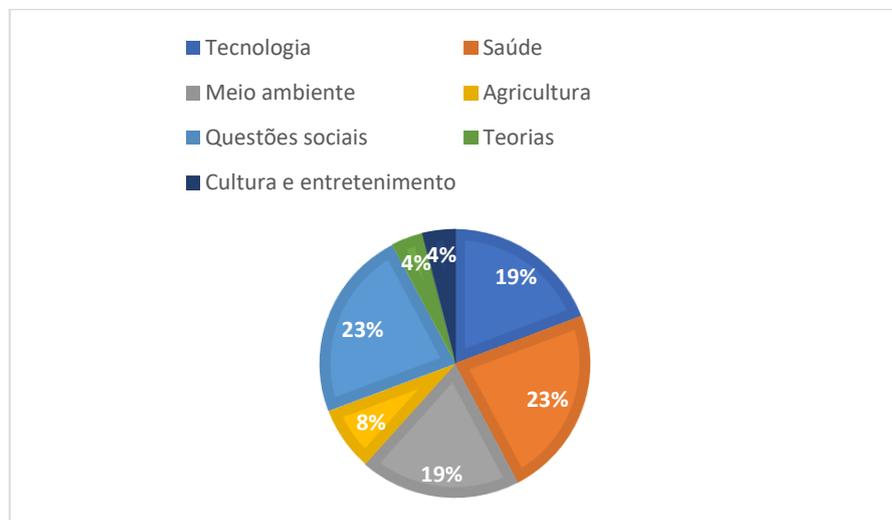
Gráfico 5 – Sobre escrever sobre ciência no veículo em que trabalha



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

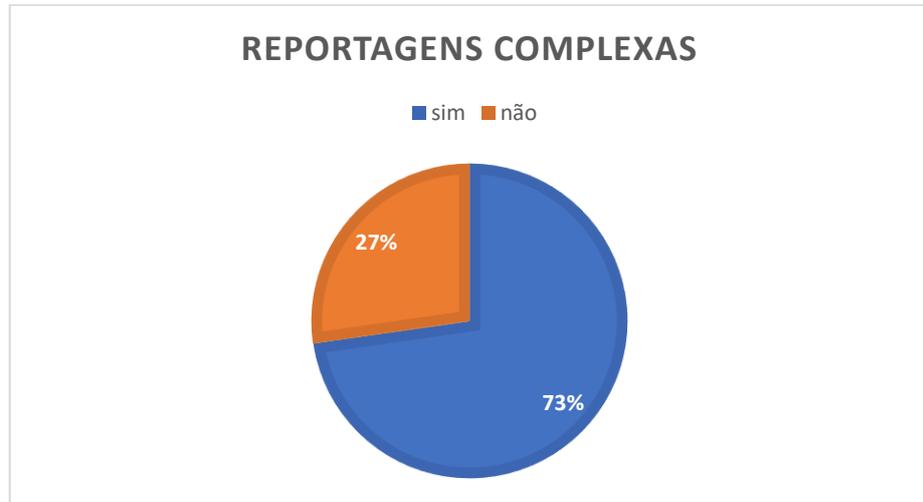
Com relação à escrita sobre pesquisas e estudos científicos, a maior parte do grupo afirmou trabalhar com o tema ocasionalmente, por demanda (55%) e boa parte afirmou escrever porque gosta (45%). Nenhum jornalista do grupo se assumiu como especialista no tema nessa etapa. Tal resposta corresponde às suspeitas da pesquisa sobre a imaturidade do jornalismo científico na cidade e a literatura sobre a rotina de trabalho de jornalistas em equipes cada vez menores e com demanda por mais agilidade e versatilidade, como citam Bueno (2003), Tabaknan (2013), entre outros.

Gráfico 6 - Sobre temas de maior interesse



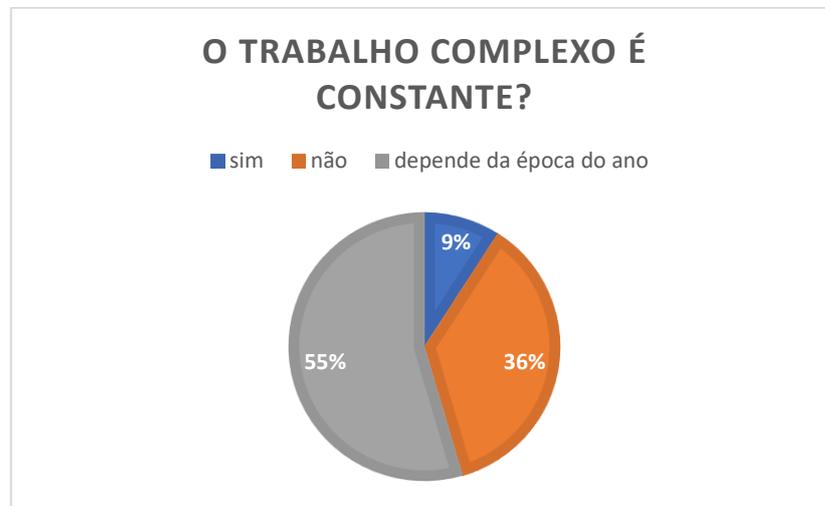
Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Sobre os temas de maior interesse, o grupo definiu como prioridades a Saúde (23%) e Questões Sociais (23%). O dado não é de se espantar tendo em vista o contexto da pandemia de Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, além da literatura ligada ao Jornalismo de Ciência, com autores como Bueno (2003), Tabakman (2013) e Ribeiro (2014) que citam Saúde e Meio Ambiente como temas historicamente de interesse dos/as jornalistas brasileiros. Outros destaques são as áreas de Tecnologia (19%) e Agricultura (8%). Discussões teóricas (4%) e sobre Cultura e Entretenimento (4%) aparecem por último na preferência do grupo.

Gráfico 7 - Sobre reportagens complexas

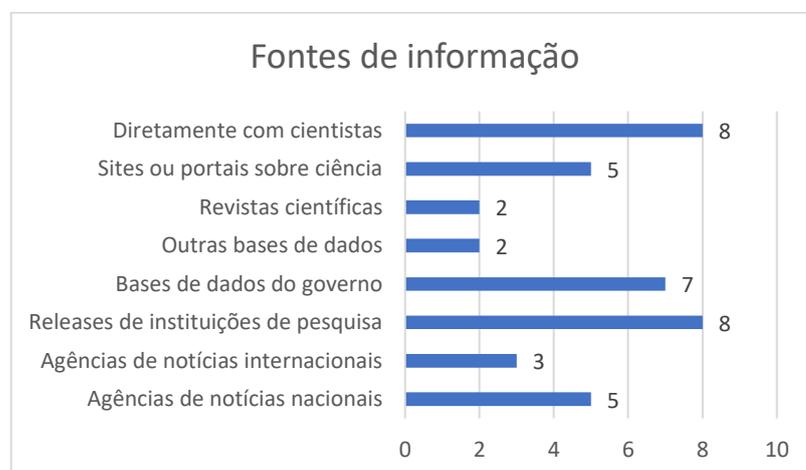
Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Com relação à composição de reportagens complexas, onde é preciso consultar diversas fontes e trabalhar durante horas e, às vezes, dias, a maioria do grupo (73%) respondeu já ter feito alguma. Para complementar o entendimento do dado, o questionário anônimo trouxe uma questão complementar pedindo algum relato sobre a experiência e três jornalistas do grupo responderam: “Algumas vezes encontro dificuldade no acesso a pesquisadores” (jornalista A); “O mais complicado é traduzir algumas coisas para a linguagem popular, no último caso, um goiano que trabalha na Nasa e desenvolveu um sistema para previsão do tempo bastante confiável” (jornalista B); “Sempre que disponho de tempo, busco escrever uma longa reportagem semanal sobre descobertas científicas recentes. Tento privilegiar pesquisas goianas. Entrevisto os pesquisadores responsáveis e busco fazer uma recapitulação (...)” (jornalista C).

Gráfico 8 – Frequência de reportagens complexas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

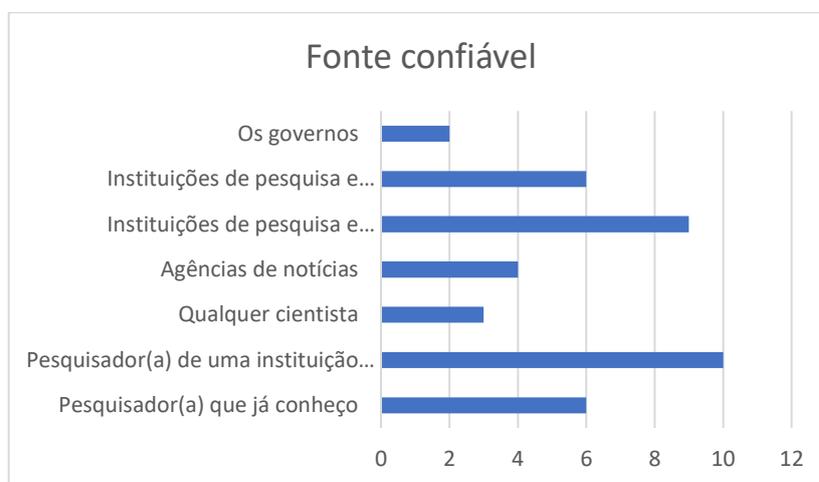
Questionados sobre a frequência de trabalhos complexos como reportagens no empregador atual, os/as jornalistas responderam que ou esse trabalho depende da época do ano (55%) ou não costuma estar na sua rotina de forma constante (36%). Apesar da literatura já apontar a degradação das redações – o espaço de trabalho de jornalistas – e o fim de de jornalistas especialistas na maior parte do país, como citam Bueno (2003) e Tabakman (2013), o dado trouxe estranheza. Isso porque, como esses/as jornalistas abordam temas de complexidade, era esperado que reportagens maiores e com mais fontes fizessem parte da rotina.

Gráfico 9 – Quais fontes de informação trabalha

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Com relação às fontes de informação trabalhadas geralmente, os/as jornalistas definiram a consulta direta a cientistas (88%) e os releases de instituições de pesquisa (88%) como as preferidas. Bases de dados governamentais (77%) ficaram pouco atrás. Surpreendentemente, fontes muito citadas na literatura como agências de notícias ficaram atrás: 55% usam agências de notícias nacionais, 33% usam agências de notícias internacionais e 55% trabalham com sites ou portais sobre ciência como fontes de informação. Revistas científicas foram as fontes menos utilizadas, com 22%.

Gráfico 10 - Quais fontes são confiáveis



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

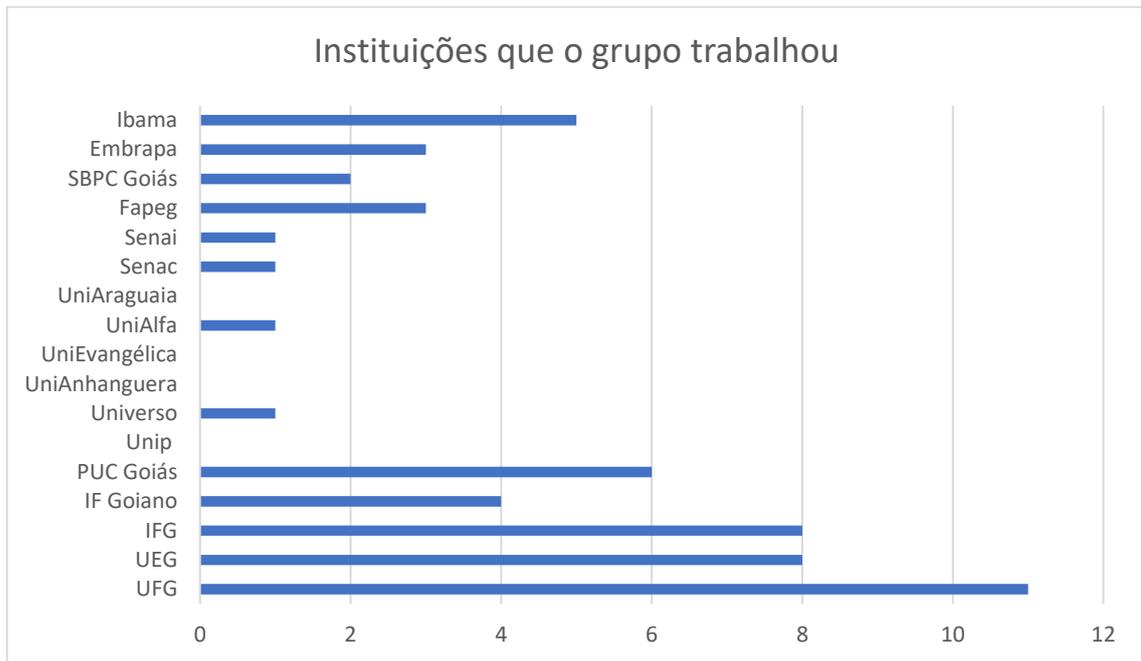
Sobre quais fontes são confiáveis, a conversa direta com um cientista de uma instituição já conhecida pelo jornalista foi unanimidade no grupo. A maioria (90%) também confia em instituições de pesquisa e universidades públicas. Instituições de pesquisa e universidades particulares (60%) e cientistas já conhecidos ou entrevistados anteriormente (60%) aparecem em seguida, empatados. Preocupa a quantidade de jornalistas (30%) que consideram qualquer cientista como uma fonte confiável de informação para esse trabalho. Olhando para a literatura, chama a atenção que, para a população (CGEE, 2019), jornalistas e médicos(as) são as fontes de informação mais confiáveis sobre ciência. Religiosos e cientistas de instituições públicas aparecem logo em seguida. Como visto, Cientistas de instituições públicas e as equipes de comunicação dessas instituições também são fontes confiáveis para jornalistas.

Gráfico 11 - Quais instituições são confiáveis



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Para entender um pouco melhor o comportamento do grupo de jornalistas na escolha das instituições de pesquisa e ensino para a composição de suas matérias sobre ciência, questionamos cada um sobre quais instituições são confiáveis na sua percepção. A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi a única unanimidade. Instituto Federal de Goiás (IFG), o Ibama e a Embrapa aparecem logo em seguida na percepção dos/as jornalistas, com 91%. O Instituto Federal Goiano (IF Goiano), a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) aparecem logo em seguida, com 82%.

Gráfico 12 - Com quais instituições trabalham

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Ao serem confrontados sobre quais instituições utilizam na composição das suas matérias sobre ciência, o grupo manteve a UFG como unanimidade, mas trouxe divergências do quadro anterior – o gráfico 11 – sobre a percepção das instituições mais confiáveis. O IFG segue como segunda opção, mas surge empatada com a UEG, que aparecia depois na lista de instituições confiáveis. Instituições privadas de ensino e pesquisa também não aparecem com força na lista, com exceção da PUC Goiás, Senai, Senac, UniAlfa e Universo. É curioso o fato da Fundação de Apoio à Pesquisa em Goiás (Fapeg) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência seção Goiás (SBPC Goiás) aparecerem com pouca expressividade na lista. Ao passo que são consideradas como confiáveis pelo grupo no gráfico 11, são pouco consultadas por eles, como mostra o gráfico 12.

No questionário, o grupo de jornalistas também foi perguntado se utiliza todas as fontes de informação que consulta, incluindo os pesquisadores(as) e profissionais que são entrevistados(as). Para 56% do grupo a resposta foi “sim” e para os outros 44% a resposta foi “às vezes”. Ninguém do grupo disse não utilizar todas as fontes com frequência. Já ao serem questionados sobre o confronto direto aos pesquisadores ou cientistas consultados, a maior

parte do grupo (67%) respondeu que faz isso às vezes, enquanto 22% responderam que não confrontam as fontes e 11% afirmaram fazer isso com frequência.

Ao falarem sobre novas consultas de informação após as entrevistas com especialistas, todo o grupo respondeu que tem essa prática de forma recorrente (67%) ou às vezes (33%), com ninguém do grupo respondendo que não costuma realizar novas consultas. Na literatura esse fenômeno aparece entre as leis de Comportamento Informacional de Wilson, sobretudo na primeira e na quinta lei, conforme apresentado no Quadro 3.

Durante o questionário, os/as jornalistas também foram convidados a responder ao seguinte questionamento: *Durante a redação ou composição da matéria, o que te motiva a destacar os fatos, fontes e pontos que você destaca?* Além buscar entender um pouco melhor qual o Comportamento Informacional desses/as jornalistas na seleção e uso da informação, a questão também visou explorar se existem e quais os critérios ou fatores de noticiabilidade utilizados pelos/as jornalistas, conforme alertado tanto por Hohlfeldt (2015) quanto por Tabakman (2013). As respostas estão compiladas no quadro a seguir.

Quadro 4 - Motivos para destacar fatos e fontes

	Respostas
Jornalista 1	“Relevância e aspectos que podem despertar a curiosidade do leitor”.
Jornalista 2	“Elementos que constroem uma narrativa com clareza”.
Jornalista 3	“Relevância dos resultados ou impacto social”.
Jornalista 4	“A relevância”.
Jornalista 5	“O quanto aquilo se refletirá na sociedade”.
Jornalista 6	“Relevância da informação”.
Jornalista 7	“Critérios de noticiabilidade”.
Jornalista 8	“A relevância para quem vai ler a matéria”.
Jornalista 9	“Busco expor os fatos em uma hierarquia de mais importante para menos importante, de forma a facilitar o entendimento do leitor. Dou prioridade para fatos que tenham interesse público especial e fontes que sejam autoridades em seus campos”.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Na maior parte das respostas, como se vê, os/as jornalistas citam a “relevância” como motivo principal para a seleção e uso da informação. “Interesse público”, “narrativa”, “curiosidade” e “impacto na sociedade” também aparecem de alguma forma nas respostas. No espaço dado no questionário, no entanto, o grupo não explica o que entende por

relevância ou impacto. Na literatura, Hohlfeldt (2015) cita os fatores de noticiabilidade ao falar da hipótese da *agenda setting*, que incluem a relevância, também definida como interesse público, e o possível impacto da informação na sociedade. Também na literatura, Tabakman (2013) critica a prática, que é comum entre jornalistas brasileiros, de definirem tais critérios sem explicações claras e de diferentes formas em diferentes veículos. Ou seja, a autora lembra que cada empresa de mídia ou empresa jornalística irá lidar com os fatores de noticiabilidade de forma diferente, a partir do contexto interno – seja pelo consenso em que chega o grupo de trabalhadores, pelas diretrizes dadas pela área comercial, por sugestões dadas pelos donos da empresa etc.

Para entender um pouco melhor sobre o compartilhamento de informação por parte do grupo, sobretudo sobre o comportamento relacionado ao compartilhamento das matérias que eles produzem, fizemos alguns questionamentos relacionados a isso no questionário. Ao serem questionados se compartilham as suas próprias matérias, a maior parte do grupo disse que “sim” (45%) ou “às vezes” (44%), enquanto 11% afirmaram que “não”. Perguntados sobre o sentimento de orgulho no compartilhamento desses trabalhos, a maior parte respondeu que “sim” (67%), compartilham com orgulho sempre ou sim, compartilham com orgulho “às vezes” (22%). Os mesmos 11% que não compartilhavam seguiram respondendo “não”.

Quadro 5 - Por que compartilham?

	Respostas
Jornalista 1	“Creio que textos podem ajudar a popular a ciência”.
Jornalista 2	“Temos que divulgar trabalhos tão importantes”.
Jornalista 3	“Gosto das matérias sobre ciência e quero dar maior visibilidade a elas”.
Jornalista 4	“Porque, geralmente, é um assunto de extrema importância e que vai impactar na vida da sociedade de alguma forma”.
Jornalista 5	“É importante compartilhar informações relevantes para sociedade”.
Jornalista 6	“É sempre bom disseminar o conhecimento”.

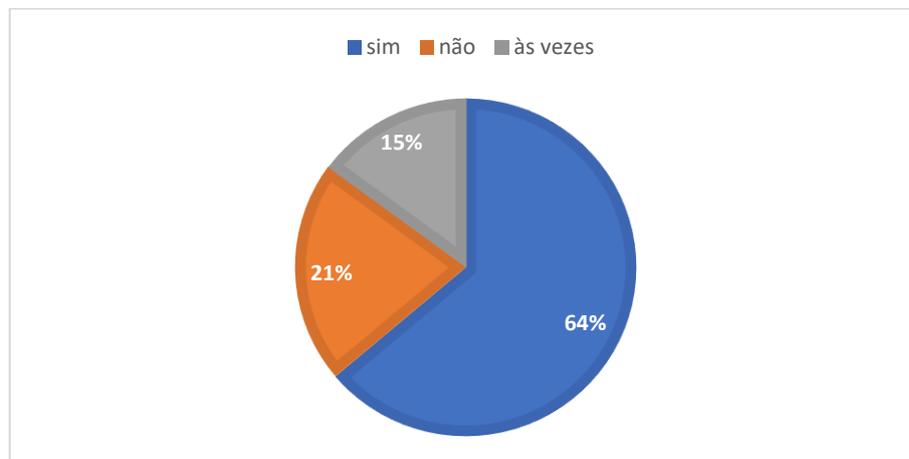
Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Encorajados a falar brevemente sobre o que os motiva a compartilhar o trabalho, o grupo se manteve coerente e voltou a falar de relevância. O grupo também justificou o compartilhamento falando de motivação (“ajudar a popularizar a ciência”), divulgação

(“divulgar trabalhos tão importantes”), popularização da ciência (“disseminar o conhecimento”), gosto pessoal e impacto social.

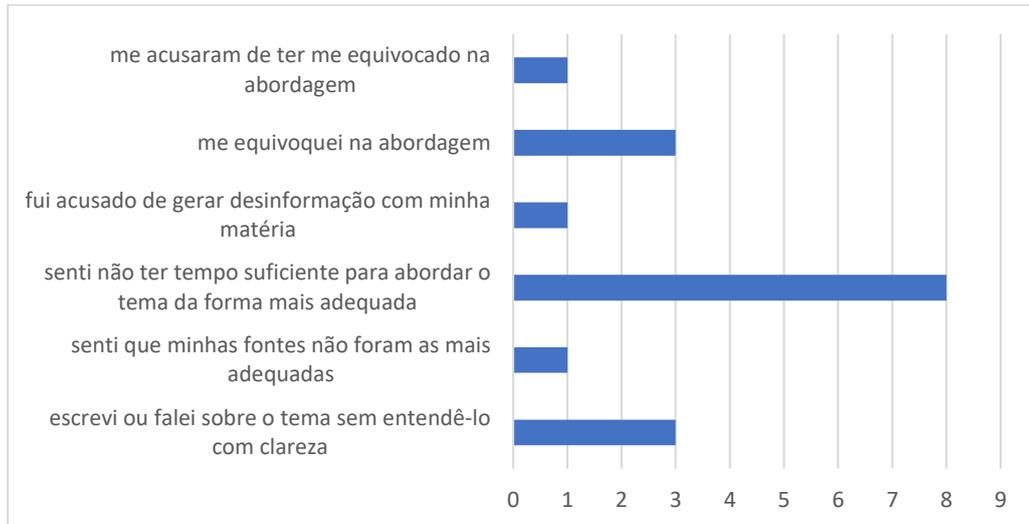
Ao serem questionados do cenário oposto, sobre sentirem medo de compartilharem seus trabalhos, o grupo de jornalistas também se manteve coerente e os 11% que informaram não compartilhar as matérias que produzem também disseram sentir medo. Ao serem questionados do motivo para isso, apenas um(a) jornalista do grupo respondeu, alegando: “Por ser assunto técnico, receio de ter errado”.

Gráfico 13 - Sobre o sentimento de já ter sido mal interpretado



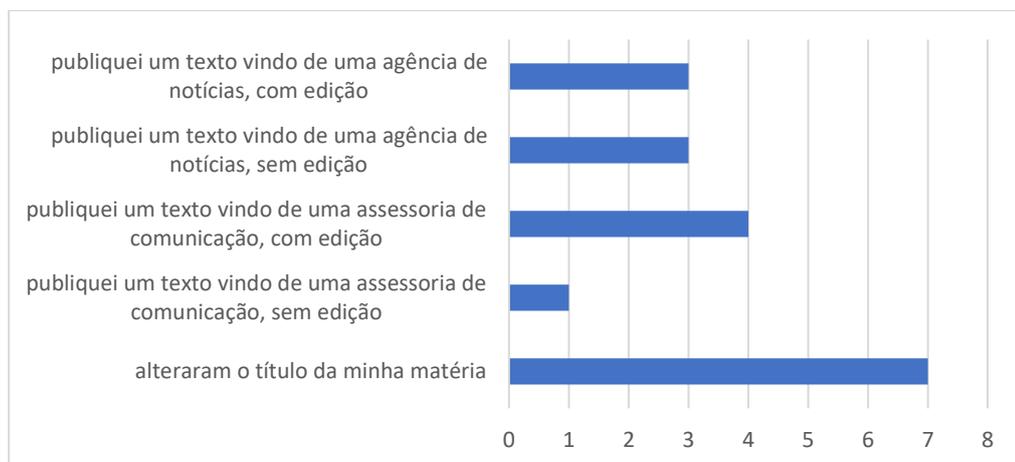
Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Com relação ao dia a dia de trabalho do grupo e sentimentos e sensações geradas a partir do seu trabalho, questionamos se cada jornalista já sentiu que o seu trabalho foi prejudicado por conta do título ou da chamada utilizada na matéria. Nessa questão, não entramos no mérito do título ou chamada terem sido feitos pelos/as próprios/as jornalistas ou não. Ao todo, 64% do grupo disse que sim, já se sentiu assim e 15% do grupo preferiu responder que sim, já se sentiu assim em algumas vezes. Para 21% do grupo, isso nunca aconteceu. Nas questões seguintes, nos esforçamos para entender do grupo quais situações eram relacionadas a ações próprias e quais eram, na visão do grupo, relacionadas a ações de terceiros envolvidos no seu trabalho.

Gráfico 14 - Sobre falhas assumidas pelo grupo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Para a maior parte do grupo (88%), as falhas técnicas ligadas ao seu trabalho são culpa da falta de tempo para abordar o tema da forma mais adequada, o que, na literatura, aparece em autores como Tabakman (2013) e Bueno (2004), ao criticarem a agilidade cada vez maior exigida de jornalistas enquanto suas equipes de trabalho diminuem consideravelmente, juntamente com as condições de trabalho. Parte do grupo também considerou que abordou um tema sem entendê-lo o suficiente.

Gráfico 15 - Sobre a influência de terceiros nos conteúdos publicados

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Sobre a influência do trabalho de terceiros nas matérias jornalísticas que produzem, a maior parte do grupo (78%) afirmou que já tiveram o título de suas notícias alteradas para a publicação. Textos de terceiros que apenas são alterados pelos/as jornalistas também ocorreram em boa parte do grupo, sendo 44% de assessorias de comunicação e 33% de agências de notícias. Para o grupo, ainda é mais comum (33%) publicar textos de agência de notícias sem nenhum tipo de edição do que textos de assessorias de comunicação sem edição (11%).

Questionados sobre o sentimento de que abordar assuntos é mais difícil que outras áreas do jornalismo, a maior parte do grupo respondeu que sim, é mais difícil (22%) ou que essa sensação ocorre às vezes (78%). Nenhum(a) jornalista do grupo afirmou que escrever sobre ciência é mais fácil. Continuando, a maioria respondeu que o contato com pesquisadores(as) e instituições consideradas confiáveis é sempre fácil (22%) ou fácil às vezes (78%).

Baseado em um encontro teórico entre a teoria do Comportamento Informacional Humano de Wilson (2016) e o Princípio de Incerteza de Kuhlthau (2004), questionamos o grupo sobre satisfação e dor no trabalho de comunicação científica que fazem em Goiânia. A isso, a maior parte do grupo (78%) respondeu que o trabalho traz satisfação, enquanto 11% afirmaram que o trabalho não traz satisfação e outros 11% não souberam definir. Ao serem questionados se a cobertura de temas científicos no jornalismo os causava dor, 56% do grupo respondeu que não, enquanto 26% disseram que não sabem dizer e 18% responderam que sim, o trabalho traz dor.

Quadro 6 – Que outros sentimentos ou sensações surgem nesse processo de escrita?

	Respostas
Jornalista 1	“Interesse”.
Jornalista 2	“Aprendizado, descoberta”.
Jornalista 3	“Satisfação”.
Jornalista 4	“Tenho medo de desapontar cientistas entrevistados, de não retratar seus trabalhos de forma satisfatória e de cometer erros que os prejudiquem. Mas, de forma geral, a sensação predominante na cobertura de ciências é de exploração prazerosa”.
Jornalista 5	“Curiosidade”.
Jornalista 6	“Relevância”.
Jornalista 7	“Na maioria das vezes, escrevo sobre 'boas notícias', avanços que trarão benefícios para a população, e isso traz felicidade”.
Jornalista 8	“Dúvidas; inspiração”.
Jornalista 9	“Dificuldade na escrita”.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Em questão obrigatória no *survey*, o grupo foi perguntado sobre quais outros sentimentos ou sensações surgem no momento da escrita desses textos sobre ciência na sua rotina de trabalho. Na maior parte das respostas, o grupo define a experiência com palavras positivas ou neutras, como “interesse” e “curiosidade”. Dois relatos, no entanto, abordam a questão de forma mais negativa. Enquanto a nona pessoa a responder o questionário relata ter “dificuldade na escrita”, a quarta pessoa jornalista a responder o questionário relata que, no geral, tem prazer no trabalho, mas que tem “medo de desapontar cientistas entrevistados, de não retratar seus trabalhos de forma satisfatória e de cometer erros que os prejudiquem”, refletindo sobre a responsabilidade do seu trabalho sobre o trabalho de cientistas. De forma mais explícita, o outro lado dessa questão é trazido por Tabakman (2013) e Ribeiro (2014) ao discorrerem os motivos pelos quais cientistas e pesquisadores(as) temem trabalhar diretamente com jornalistas para a divulgação de suas pesquisas e estudos para o grande público.

Por fim, todo o grupo considera tanto a Ciência quanto o Jornalismo como importantes para a sociedade. Questionados se a cobertura jornalística sobre temas científicos em Goiânia era suficiente, ninguém respondeu que considera esse trabalho plenamente suficiente na cidade. Para 45% do grupo, o trabalho é completamente insuficiente na cidade, enquanto 33%

consideram que o trabalho não é suficiente ainda, mas chega perto e 22% consideram que é suficiente, mas pode melhorar.

5.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Os/as 11 jornalistas entrevistados foram convidados para uma entrevista em profundidade pelo aplicativo Zoom. Deles, quatro aceitaram participar seguindo a metodologia descrita no início desta dissertação. Tanto as questões abertas que guiaram as entrevistas quanto as respostas dos/as jornalistas estão nos apêndices do trabalho. Para a análise das respostas, estamos utilizando a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2016) a partir da categorização temática.

Antes de apresentarmos os temas e categorias identificadas, vamos ao perfil dos/as jornalistas entrevistados. Todos os entrevistados têm mais de 25 anos, são pessoas cisgênero – com o gênero igual ao de nascimento – e atuam, pelo menos, desde 2019, quando foi iniciado o levantamento.

Quadro 7 – Perfil de jornalistas entrevistados

	Gênero	Idade	Anos de formação
Jornalista 1	Homem cis	29 anos	4 anos
Jornalista 2	Homem cis	26 anos	0 anos
Jornalista 3	Mulher cis	35 anos	13 anos
Jornalista 4	Homem cis	28 anos	2 anos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Como visto, a Jornalista 3 é a profissional com mais tempo de experiência e formação. Durante a entrevista, ficou claro que foi comum entre os entrevistados o início no trabalho com Jornalismo antes da formação acadêmica ter sido concluída, como é o caso do Jornalista 2, que ainda não tinha colado grau no momento da entrevista, no início de 2021. No entanto, apesar da Jornalista 3 ser a com mais tempo de experiência, o Jornalista 1 é o profissional com a maior experiência no trabalho jornalístico com ciências e divulgação científica.

Para a análise, foram levantados 28 códigos temáticos que agrupamos, depois, em seis categorias. Para cada citação ligada a um código temático, foi dado um valor: se neutro, positivo ou negativo, com relação ao sentimento expressado por cada jornalista no depoimento. O conceito de neutralidade, aqui, se aplica, então, em relação ao sentimento de cada jornalista reconhecido pelo pesquisador. Da mesma forma, nas falas, também foi avaliado se cada jornalista apresentava uma postura mais ativa ou passiva para o trabalho. Ambos “neutralidade” e “passividade” aqui, são percebidos pelo pesquisador de forma predominante, levando em conta que todo discurso terá, ao mesmo tempo, elementos de postura passiva e ativa e de sentimentos positivos, negativos e neutros.

Antes de apresentarmos os códigos temáticos e o agrupamento definido para as categorias de análise, vamos completar o perfil do grupo entrevistado com as informações que ainda faltam.

Quadro 8 - Valores atribuídos às falas dos/as jornalistas

	Neutro	Positivo	Negativo
Jornalista 1	26 citações	13 citações	8 citações
Jornalista 2	16 citações	3 citações	6 citações
Jornalista 3	13 citações	8 citações	9 citações
Jornalista 4	8 citações	8 citações	3 citações

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Nota-se a divisão do grupo em dois de acordo com a sua satisfação com o trabalho. De um lado, o Jornalista 1, mais especialista no trabalho jornalístico com ciência, que traz 39 citações neutras ou positivas, o que corresponde a 82% de suas citações etiquetadas e o Jornalista 4, que é o mais leigo do grupo no trabalho com ciência e traz 84% de suas citações enquanto neutras ou positivas. Por outro lado, o Jornalista 2 apresenta 76% de citações como neutras e positivas e a Jornalista 3 apresenta 70% de citações neutras ou positivas.

Ainda com relação ao perfil, os Jornalistas 1 e 2 têm passagens formativas e profissionais (estágios) na Universidade Federal de Goiás, enquanto os/as Jornalistas 3 e 4 não. Mesmo assim, os mais engajados, no grupo, com o trabalho voltado para a divulgação

científica são os/as Jornalistas 1 e 3, que mostraram trabalhar constantemente com o tema e ter maior domínio de conceitos científicos. Vale registrar, também, que a Jornalista 3, que tem maior número de citações negativas mostrou já ter sofrido interferência direta de outros jornalistas hierarquicamente superiores – como editores – o que contribuiu com a experiência negativa no trabalho, enquanto o Jornalista 1 diz ter independência na sua rotina criativa.

Tive alguns. O mais recente foi uma matéria que eu fiz que era uma comparação de cidades que tinham distribuído o “kit Covid” para o tratamento precoce com as cidades que não tinham. Foi uma ideia que os editores tiveram. Eles falaram assim “as cidades que distribuíram não tiveram redução dos casos, então a gente vai comparar as cidades”. Eu falei “beleza, mas a gente precisa validar isso”. Teve alguns pesquisadores que me falaram que não tínhamos como fazer essa relação assim. E aí, de toda maneira a gente teve o bate-pé lá na redação de que teríamos que fazer mesmo. Eu tive essa dificuldade e não conseguia a fala de ninguém. Acontece algumas vezes, que a gente poderia fazer um material de pesquisa mesmo, mas optam por fazer uma coisa no achismo do editor. Eu quase choro. (JORNALISTA 3, 2021)

Quando analisamos as citações etiquetadas que comparam as falas que demonstram atitudes mais ativas – em que cada jornalista se engaja ativamente – e mais passivas – em que cada jornalista recebe a informação ou comandos de forma passiva – existe novamente uma separação clara entre dois grupos. Dessa vez, surgem como mais engajados os dois jornalistas com mais experiência no tema e como menos engajados os dois com menor experiência.

Quadro 9 – Nível de engajamento entre os jornalistas

	Mais ativo	Mais passivo
Jornalista 1	14 citações	7 citações
Jornalista 2	3 citações	7 citações
Jornalista 3	10 citações	5 citações
Jornalista 4	6 citações	5 citações

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Olhando o Quadro 9, fica evidente, também, que todos os/as jornalistas apresentam falas em que se mostram mais ativos ou mais passivos no trabalho jornalístico com ciência. Isso vai ao encontro da literatura na Teoria do Comportamento Informacional Humano de Wilson (2016), quando o autor afirma que toda pessoa tem comportamentos ativos e passivos relacionados à informação, inclusive na busca e na descoberta de informação.

Seguindo para a apresentação dos códigos temáticos identificados a partir das quatro entrevistas em profundidade, temos:

1. **Trabalho com ciência:** citações que fazem relação com o trabalho jornalístico relacionado às ciências;
2. **Relação com a ciência:** citações que trazem de alguma forma a relação de cada jornalista com a ciência, mesmo fora do ambiente de trabalho;
3. **Ambiente de trabalho:** citações que fazem relação com o ambiente de trabalho de cada jornalista, seja a cultura da organização, relatos sobre a empresa, colegas ou de casos que ocorreram nesse ambiente. Questões ambientais;
4. **Busca de informação:** citações relacionadas à busca de informação baseado na Teoria do Comportamento Informacional Humano;
5. **Contexto pessoal:** citações que estão ligadas ao contexto pessoal de cada jornalista, incluindo formação, família, idade, formação acadêmica etc.;
6. **Dificuldades:** citações ligadas a dificuldades no trabalho com ciência;
7. **Gosto:** citações ligadas a gostos no trabalho com ciência;
8. **Relação com o jornalismo:** citações que trazem de alguma forma a relação de cada jornalista com o jornalismo, seja enquanto campo de trabalho, campo de estudo etc.;
9. **Necessidade de informação:** citações relacionadas a necessidades de informação baseadas na Teoria do Comportamento Informacional Humano;
10. **Contato com cientistas:** citações que se relacionam com relatos de contatos diretos ou indiretos com cientistas;
11. **Fonte confiável:** citações que apresentam indicações diretas ou indiretas do que é uma fonte confiável para esses jornalistas;
12. **Valor da fonte:** citações que complementam o código “Fonte confiável” e indicam algum tipo de valor ligado a fontes de informação;
13. **Identificação:** citações de apresentação dos/as jornalistas com dados como idade, gênero, formação etc.;
14. **Compartilhamento:** citações relacionadas ao compartilhamento de informação, sobretudo o compartilhamento dos materiais produzidos sobre ciência por esses jornalistas;

15. **Motivação:** citações que indicam algum tipo de motivação ligada ao trabalho com jornalismo e ciência;
16. **Preparação:** citações que abordam processos, fases ou ações ligadas à preparação desses jornalistas para o trabalho jornalístico com ciência;
17. **Assessoria de imprensa:** citações que abordam o contato com assessorias de imprensa de instituições de ensino e pesquisa;
18. **Goiás:** citações diretas sobre instituições ou pessoas do Estado de Goiás, onde estão localizados os veículos e os/as jornalistas;
19. **Leitura:** citações diretas sobre leituras feitas pelo grupo;
20. **Outros jornalistas:** citações diretas ou indiretas a outros jornalistas;
21. **Pesquisa de informação:** citações relacionadas à pesquisa de informação baseadas na Teoria do Comportamento Informacional Humano;
22. **Agência científica:** citações diretas ou indiretas a agências científicas, que trabalham diretamente com releases e divulgações de pesquisas inéditas;
23. **Confronto com a fonte:** citações de confrontos diretos ou indiretos dos/as jornalistas com as fontes de informação, sobretudo cientistas entrevistados;
24. **Contato com sociedades:** citações sobre a busca e relacionamento com sociedades profissionais e de pesquisa;
25. **Entrevista:** citações diretas ou indiretas sobre entrevistas;
26. **Revista científica:** citações sobre o uso, leitura ou pesquisa em revistas científicas produzidas por entidades ou pesquisadores(as) e que trazem artigos científicos.

Com isso, foi possível definir cinco categorias temáticas, agrupadoras dos códigos que citamos. Neste estudo, os códigos ficaram categorizados assim:

1. **Contexto:** relação com a ciência, contexto pessoal, relação com o jornalismo, identificação, Goiás;
2. **Ambiente:** ambiente de trabalho, dificuldades, outros/as jornalistas;
3. **Necessidade:** necessidades de informação, preparação;
4. **Busca:** busca de informação, contato com cientistas, fonte confiável, valor da fonte, assessoria de imprensa, leitura, contato com sociedades, entrevista, pesquisa de informação, revista científica, agência científica;

5. **Uso e Compartilhamento:** trabalho com ciência, confronto com a fonte, compartilhamento, motivação.

Como cada citação foi avaliada com um valor – se positiva, negativa ou neutra – todos os 26 códigos temáticos podem ser avaliados sob essa perspectiva também, assim como as categorias temáticas

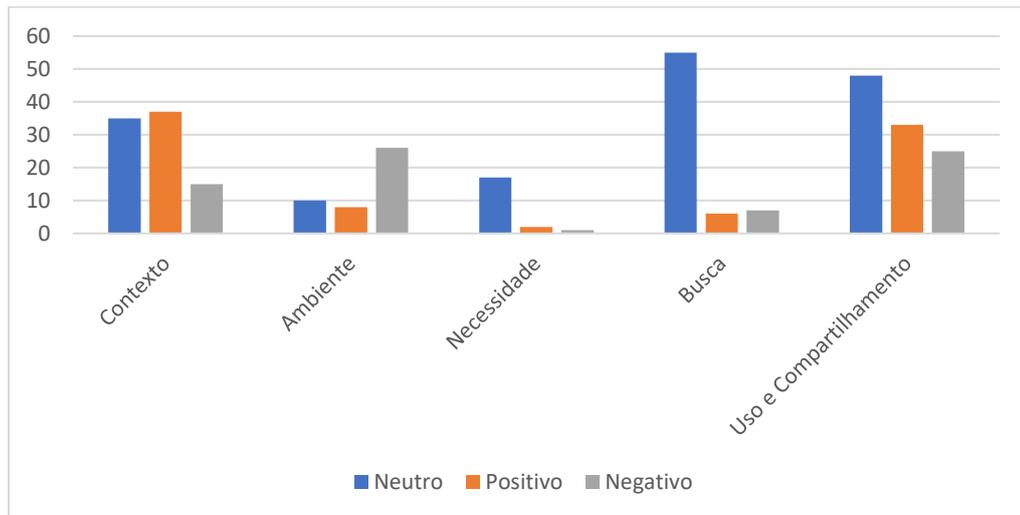
Quadro 10 - Valor por código temático

Código	Positivo	Negativo	Neutro
Trabalho com ciência	20	23	46
Relação com a ciência	7	8	8
Ambiente de trabalho	7	10	8
Busca de informação	3	1	19
Contexto pessoal	12	3	8
Dificuldades	0	16	1
Gosto	11	0	3
Relação com o jornalismo	6	3	5
Necessidade de informação	1	1	10
Contato com cientistas	1	2	6
Fonte confiável	0	0	9
Valor da fonte	0	1	8
Identificação	0	0	8
Compartilhamento	5	2	1
Motivação	8	0	0
Preparação	1	0	7
Assessoria de imprensa	0	1	6
Goiás	0	1	4
Leitura	2	1	2
Outros jornalistas	1	0	1
Pesquisa de informação	0	0	2
Agência científica	0	0	1
Confronto com a fonte	0	0	1
Contato com sociedades	0	0	1
Entrevista	0	0	1
Revista científica	0	0	1

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Com relação às categorias temáticas, também podemos visualizar o valor atribuído de forma gráfica:

Gráfico 16 - Valores por categorias temáticas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Analisando o Gráfico 16 a partir dos valores em cada categoria, percebemos a tendência à neutralidade nos comportamentos de Necessidade de Informação, Busca de Informação e Uso e Compartilhamento de Informação. Enquanto isso, questões de Contexto têm valor mais positivo e neutro para o grupo, enquanto o Ambiente tem valor predominantemente negativo.

Durante as entrevistas, essa tendência negativa relacionada ao ambiente foi evidenciada em falas sobre a cultura de trabalho do grupo de jornalistas, sua relação com outros jornalistas e dificuldades associadas ao ambiente ou à cultura de trabalho, que hoje exige mais agilidade no dia a dia, como descreve Tabakman (2013), enquanto as equipes de trabalho são reduzidas e profissionais são sobrecarregados. Entraremos, agora, na análise de cada categoria temática.

5.2.1 Contexto

Com relação à categoria Contexto, analisamos os códigos temáticos: **relação com a ciência, contexto pessoal, relação com o jornalismo, identificação e Goiás**. Como visto no Gráfico 16, a categoria apresenta valor predominantemente positivo entre os/as jornalistas, o que pode estar diretamente ligado ao porquê de o grupo trabalhar com ciência e com jornalismo hoje.

Na categoria temática de **relação com a ciência**, aparecem tanto citações com valor positivo quanto negativo. No entanto, relatos de valor positivo ou neutro são maioria, se unidos. Valores positivos foram atribuídos, em sua maioria, a relatos sobre gostos ou prazeres do grupo em relação à ciência e à divulgação científica, como em: “A curiosidade sempre foi algo muito vivo em mim. A curiosidade de saber os porquês, não só de conhecer, mas de entender o porquê” (JORNALISTA 2, 2021).

Com relação a citações de valor negativo, foram notáveis dois casos entre os quatro jornalistas: entre os mais experientes, o cansaço por determinados temas mais demandados no contexto sanitário em 2021 ou atitudes de agentes envolvidos no processo, como outros/as jornalistas e cientistas; e entre os menos experientes, justamente a falta de experiência e de entendimento sobre o tema, como nas citações a seguir: “Fiquei até pensando quando você falou que eu fiz uma matéria eu fiquei pensando. Com relação a ciência e pesquisa eu sou péssimo, não tenho intimidade” (JORNALISTA 4, 2021).

(...) desde que começou a pandemia a gente tem sido engolida mesmo pelas pautas de Covid, de mortos e afins. Nesse último ano, percebo que a gente não está tendo mais abertura mesmo pra fugir muito disso. A parte que chega mais perto disso mesmo [da questão científica] é das pautas sobre covid. (JORNALISTA 3, 2021)

Citações neutras, no entanto, ficaram marcadas por relatos de experiências em que os/as jornalistas do grupo não demonstraram terem sido nem positivas, nem negativas, como em: “Eu ia até os pesquisadores, conversava com eles, entendia o que era a pesquisa científica que eles conduziam e eu traduzia aquilo em termos jornalísticos e enviava para a imprensa” (JORNALISTA 1, 2021). Na fala, o Jornalista 1 conta como foi seu estágio como jornalista em formação em uma universidade, a UFG.

Nas citações de **contexto pessoal**, o valor é predominantemente positivo sobretudo motivadas por lembranças ligadas à ciência ou à curiosidade de cada jornalista, além de motivações para o trabalho com jornalismo, como em: “Jornalismo é condição *sine qua non* para tudo, para a democracia, para a atualização das pessoas sobre o que acontece no mundo, para elas sentirem seus arredores e conhecerem seu próprio ambiente. Jornalismo também é fórum público (...)” (JORNALISTA 1, 2021).

É extremamente importante. Nesses últimos dias, a gente chegou num momento em que a ciência está sendo questionada. Coisa que a gente não tinha antes. Agora, por questões políticas, ela tem sido. Eu vejo isso como uma dificuldade tão grande que me dá até vontade de chorar. Como a gente chega num ponto desses? A gente só tem um avançozinho se tiver ciência. (JORNALISTA 3, 2021)

Na citação acima, a Jornalista 3 defende a importância da ciência, que ela entende como fundamental e positiva para a sociedade. Ao mesmo passo, relata a dificuldade do contexto atual em que está inserida, do questionamento do que é científico em detrimento de discursos rasos de pseudociência ou até mesmo de achismos. Na literatura, é crescente a discussão sobre o fenômeno sobretudo a partir da teorização da desinformação e das *fake news*. Nesta dissertação, trabalhamos com a discussão feita por Flusser (2007) no Capítulo 2 ao falarmos das tecnoimagens e de como o discurso científico foi inacessível, na sua visão, em comparação a outras fontes de informação da população desde o surgimento da escrita sobre ciência.

Com relação a citações diretamente negativas, essas estão ligadas a dificuldades pessoais do grupo de jornalistas com o trabalho de noticiar ciência ou com relatos pessoais ligados ao estudo de ciências, como em: “(...) na academia, eu não tive tanto contato com isso, a não ser alguma disciplina ou outra, como jornalismo científico” (JORNALISTA 2, 2021). A resposta diz respeito ao contato com formação específica, no curso de jornalismo, para trabalhar com ciência. Também tivemos casos em que algum jornalista estudou outra graduação de ciência natural, mas desistiu do curso, como em: “(...) estudar ciências exige muita concentração, disciplina, rotina, o que não era exatamente o que eu queria” (JORNALISTA 1, 2021). No caso, o Jornalista 1 relata ter diagnóstico de Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), o que o prejudicou em sua jornada escolar, mas também em sua passagem pelo curso de Ciências Biológicas.

Nas citações do tema **relação com o jornalismo**, a predominância é de identificação de valores positivos ou neutros. Os relatos aqui expressam a trajetória de cada jornalista com a profissão e a motivação por trás do trabalho, como em: "Eu me interessava também por literatura, principalmente ficção, então fui para o rumo do jornalismo, que tem mais a ver com comunicação, e no jornalismo eu me encontrei. Eu realmente gostei muito do curso" (JORNALISTA 1, 2021), citação avaliada com valor positivo. Citações neutras, na categoria, são

assim identificadas porque não trazem juízo de valor na fala, como em: “Entrei no curso em 2016 e formalmente ainda sou estudante, apresento o TCC em maio, mas atuo como repórter desde 2019. No curso, tive minhas primeiras experiências atuando já em 2016, na rádio universitária na UFG” (JORNALISTA 2, 2021).

Já citações com valor negativo são baixas e estão ligadas a outros códigos temáticos, como o ambiente de trabalho e dificuldades ligadas ao trabalho, o que nos faz avaliar que a relação por si só não é negativa para o grupo, mas as condições em que se formaram ou em que trabalham, sim, podem ser.

Nas citações com o código de **identificação**, temos neutralidade unânime. São relatos que não expressam valor polarizado, mas que são importantes para identificar os indivíduos do grupo, como em: “Comecei em jornal em 2006. Sou de Goiânia mesmo. Entrei no jornalismo meio que por conta própria de interesse mesmo. Comecei em um jornalzinho semanal e depois fui para jornais maiores” (JORNALISTA 3, 2021). As citações trazem dados como idade, ano de formação e naturalidade.

Finalizando a categoria Contexto, temos as citações com o código temático **Goiás**. Nelas, a predominância é de valor neutro e de citações diretas a instituições do estado, como a UFG, UEG e o HDT, geralmente ao falar de assessorias de imprensa e equipes de relacionamento com a mídia.

5.2.2 Ambiente

Nessa categoria, temos o agrupamento dos seguintes códigos temáticos: **ambiente de trabalho**, **dificuldades** e **outros/as jornalistas**. Aqui, unimos códigos relacionados diretamente ao dia a dia dos/as jornalistas em sua cultura de trabalho, seja por conta do ambiente físico, remoto ou pelas relações com outros/as jornalistas. A categoria é a única do estudo que possui mais citações de valor negativo que citações de valor positivo ou neutro.

Nas citações com o código **ambiente de trabalho**, temos ainda um equilíbrio entre as valorações, sendo 10 citações negativas e 15 citações positivas ou neutras. Em relação às neutras, temos casos em que um jornalista do grupo explica como a informação pode chegar de forma passiva ou ativa, como em: “*Que seja de agência, de uma assessoria de algum*

hospital ou médico, muitas vezes chega o release para você” (JORNALISTA 2, 2021). Na citação, o Jornalista 2 relata a dinâmica do recebimento de sugestões de pauta, os chamados *releases*.

Com relação a citações de valor negativo, o grupo trouxe questões que são ambientais, mas que podem ser encaradas também, de alguma forma, enquanto consequência do contexto do jornalismo goiano, como em: *“O jornal X, assim como outros veículos, cedia espaço ocasionalmente, quando tinha alguma descoberta científica grande, mas não era uma coisa estruturada. A qualidade das matérias variava também” (JORNALISTA 1, 2021).* Nas entrevistas em profundidade, ficou evidente a falta de estruturação institucional – por parte das empresas jornalísticas – relacionada à cobertura de fatos e acontecimentos científicos, e isso se reflete em algumas citações codificadas.

Quando chego na redação em 2019, passo a fazer parte das pautas que vem chegando para a gente. Na maioria das redações você não tem mais essa divisão entre jornalismo econômico, político essas coisas. Então cada dia cai uma coisa na sua mão. Um dia você escreve sobre ciência. (JORNALISTA 2, 2021)

No código temático **dificuldades**, como é esperado, o grupo de citações apresenta valor predominantemente negativo. A única fala codificada como neutra tem relação com o apontamento de uma falha de um dos jornalistas do grupo: *“Já aconteceu de publicar e depois eu ver que tinha alguma coisa errada e modificar. Mas acho que o principal é você ver se tudo aquilo que você está publicando é real, se não tem alguma informação inventada” (JORNALISTA 4, 2021).*

Entre as falas de valor negativo, constam regularmente relatos de desafios na busca e no uso de informação, como em: *“Geralmente não é um assunto que a gente lida fácil, que eu escrevo tranquilamente em uma tarde. Então o meu desafio é conseguir entender e falar de uma maneira clara para as pessoas que vão ler” (JORNALISTA 3, 2021).* Dois relatos, porém, trazem descontentamento profundo ligados ao ambiente e ao trabalho desses jornalistas.

Recebendo esses materiais de assessoria, teve um dia, em uma data próxima a luta contra o HIV e eu recebi um release do HDT [o Hospital de Doenças Tropicais, localizado em Goiânia]. O release tinha o enviesamento que trazia muitos estigmas sobre a comunidade gay e essa matéria veio para mim. Quando eu tive que lidar com isso, eu fiquei muito mal, tive uma crise de pânico mesmo. (JORNALISTA 2, 2021)

Tive alguns. O mais recente foi uma matéria que eu fiz que era uma comparação de cidades que tinham distribuído o kit covid para o tratamento precoce com as cidades que não tinham. Foi uma ideia que os editores tiveram. Eles falaram assim "as cidades que distribuíram não tiveram redução dos casos, então a gente vai comparar as cidades". Eu falei "beleza, mas a gente precisa validar isso". Teve alguns pesquisadores que me falaram que não tínhamos como fazer essa relação assim. E aí, de toda maneira a gente teve o bate-pé lá na redação de que teríamos que fazer mesmo. Eu tive essa dificuldade e não conseguia a fala de ninguém. Acontece algumas vezes, que a gente poderia fazer um material de pesquisa mesmo, mas optam por fazer uma coisa no achismo do editor. Eu quase choro. (JORNALISTA 3, 2021)

Nos dois casos, os/as jornalistas, que hoje atuam no mesmo veículo, relatam dores associadas ao ambiente, seja pela necessidade de trabalhar e publicar textos que ferem sua identidade ou seus valores ou pela imposição de metodologias que não fazem sentido para o profissional da escrita, que assina a matéria.

No último código temático da categoria, registramos citações sobre a relação do grupo com **outros/as jornalistas**. Nenhuma citação com esse código teve valor negativo, sendo registrado uma com valor positivo e uma com valor neutro. Curiosamente, o Jornalista 2, que já trabalhou no mesmo veículo que o Jornalista 1, o cita como referência em uma parte da entrevista:

No outro jornal, o J1, não sei se você o entrevistou, ele sempre propôs pautas sobre ciência e nunca houve uma negação ou nada do tipo. Eu só quero fazer uma ressalva: dentro do nosso contexto de redação hoje, não é qualquer pauta de ciência que você vai conseguir vender [fazer com o que o editor te libere para iniciar], porque você não vai ter tempo de fazer. (JORNALISTA 2, 2021)

A citação acima foi avaliada como neutra. A outra citação, listada como positiva, vem do Jornalista 4, que descreve a liberdade que tem para trabalhar com os temas que acha importantes:

Na editoria em que estou agora eu tenho essa liberdade de ver o que está acontecendo e fazer sobre aquilo. Mas tem os editores que sugerem pautas. E eles sugerem mesmo, não mandam. Sou mais eu por conta própria pesquisando o que está acontecendo e fazendo matéria. (JORNALISTA 4, 2021)

Como visto, para o grupo, o ambiente de trabalho e o relacionamento com outros/as jornalistas pode trazer situações de descontentamento e desconforto, mas também de prazer. Ficou evidente também que, apesar de não existir uma rede de jornalistas científicos na cidade, os profissionais entrevistados mostraram conhecer-se entre si, mesmo sem saber quais dos seus pares também compõem o estudo.

5.2.3 Necessidade

Na categoria Necessidade, agrupamos os códigos temáticos: **necessidades de informação e preparação**. Aqui, o grupo trouxe falas de valor predominantemente neutro e mostrou dificuldade em listar suas necessidades, entendimento que não é amplamente difundido entre jornalistas e docentes do Jornalismo:

Não sei se eu entendi exatamente, mas de forma basilar eu preciso de fontes. Preciso das fontes para responder as perguntas-chave que eu consegui refletir inicialmente sobre aquela questão. Então acho que a consulta a outros veículos, a plataformas oficiais de governo acontece até mesmo antes da consulta às fontes [jornalísticas, os especialistas, no caso]. Você cria questões gerais que você vai trabalhar com as fontes. Com essas fontes, muitas vezes, vão surgir outras questões também. (JORNALISTA 2, 2021)

Primeiro eu faço um estudo prévio e isso é importante, depois tenho que mapear quem é importante conversar, além do cientista, outras pessoas cuja área de atuação se relaciona com aquela, caso uma pesquisa tenha um desdobramento em várias áreas, se vai ter impacto econômico, daí eu já tenho que conversar com pessoas que não são cientistas. É difícil dizer, porque cada matéria tem seu processo. (JORNALISTA 1, 2021)

Quando eu tenho uma entrevista presencial, eu vou pesquisar a vida da pessoa para entender como ela é mesmo. Quando são essas matérias mais complexas, a gente pede mais prazo mesmo para entender. A gente não pode chegar lá e passar vergonha. É fácil você sair e fazer uma entrevista sobre covid, porque acaba que todo mundo já sabe as vacinas disponíveis e tudo mais. Mas em situações como pesquisas e projetos a gente nunca sabe, então a gente pesquisa antes. (JORNALISTA 3, 2021)

Primeiro eu tento ver se, por exemplo, mais de um veículo de comunicação deu aquela notícia para ver se é mesmo confiável. Tem algumas coisas que você lê o título e acha que é fake news na hora, de tão louco. Vejo se as informações batem de uma fonte para outra, se não tem nada muito diferente. (JORNALISTA 4, 2021)

Como visto, as necessidades variam muito de jornalista para jornalista. Mesmo entre jornalistas que atuam no mesmo veículo, como é o caso do Jornalista 2 e da Jornalista 3, os processos e necessidades se mostram independentes. Com maior nível de senioridade na profissão, a Jornalista 3, por exemplo, demonstra em sua fala uma maior familiaridade com produtos jornalísticos de maior complexidade, que exigem maior tempo de produção.

Em comum, os quatro jornalistas do grupo demonstram iniciar o planejamento de cada trabalho a partir de uma pesquisa de informação, na internet, relacionada ao trabalho que terão de desempenhar. Nas entrevistas, o grupo disse que esse comportamento pode partir de iniciativa própria, quando o jornalista propõe o tema que irá abordar, ou de uma pauta imposta ou sugerida, quando um editor indica qual assunto será abordado.

No código de **preparação**, temos a predominância de citações neutras. Apenas o Jornalista 2, que tem menos tempo de carreira que os demais, não teve citações classificadas no tema. Muitas das citações se enquadraram, também, no código de necessidades de informação, o que justificou sua junção. Todas as citações sobre preparação trazem ligação com a pesquisa de informação na internet. A exceção, relacionada à busca de informação com outros especialistas e leigos, está ligada aos Jornalistas 1 e 3, com maior nível de senioridade:

Algumas vezes, a informação científica que a gente quer dar visibilidade confronta algum consenso que a gente tem no senso comum. Nesse caso, eu perguntaria para várias pessoas o que elas acham, confronto, perguntaria também para o autor da pergunta por que as pessoas têm uma concepção errada, então varia. (JORNALISTA 1, 2021)

Enquanto o Jornalista 1 relata casos em que suspeita ativamente da fonte da informação, a Jornalista 3 liga a preparação ao tempo disponível: “Quando é matéria especial sim. Geralmente esse material nunca é para o outro dia, então nem que sejam duas ou três horas antes de fazer a primeira ligação a gente consegue” (JORNALISTA 3, 2021).

5.2.4 Busca

A categoria de Busca agrupa os códigos temáticos de: **busca de informação, contato com cientistas, fonte confiável, valor da fonte, assessoria de imprensa, leitura, contato com sociedades, entrevista, pesquisa de informação, revista científica e agência científica**. Sendo assim, a categoria é a maior em número de códigos. Com relação à valoração das citações, a

categoria aparece com predominância de neutralidade, seguida por citações de valor negativo em segundo lugar e citações positivas em terceiro.

Na listagem de citações sob o código **busca de informação**, temos a predominância de relatos de valor neutro, com falas sobre a busca ativa e passiva de informação e relações com outros códigos como os de ambiente de trabalho e de trabalho com ciência. Entre as citações, é padrão do grupo de jornalistas falar da busca de informação relacionando esse comportamento ao de procurar pessoas, no caso, as “fontes”, nome comumente dado no jornalista aos especialistas entrevistados. Na maioria das entrevistas, a instituição mais citada na busca dessas fontes foi a universidade, como em: *“Geralmente a gente manda as perguntas para as assessorias de imprensa das universidades, seja em Goiás, Brasília, São Paulo, onde a gente encontre pessoas que estudem o assunto, o caso ou um caso parecido”* (JORNALISTA 3, 2021). Hospitais e sociedades brasileiras também foram citadas ao menos uma vez.

Com relação a outras fontes onde o grupo de jornalistas busca informação, dois profissionais do grupo indicaram agências e pesquisa na internet, em outros veículos, como em: *“Eles disponibilizam banco de contatos, pesquisas também antes de serem divulgadas, com embargo, que você tem que esperar para divulgar no dia”* (JORNALISTA 1, 2021). No trecho, o Jornalista 1 fala sobre a Agência Bori, que faz a intermediação entre cientistas brasileiros e jornalistas de todo o país para a divulgação com exclusividade de resultados e pesquisas ainda inéditos.

Agência de notícia ajuda muito, o Google Trends para ver os assuntos mais buscados e o Twitter. Praticamente tudo começa no Twitter. É mais isso, mas sites grandes também, que costumam postar essas coisas que eu gosto, tipo o UOL, O Dia, Metrôpoles. (JORNALISTA 4, 2021)

No trecho acima, o Jornalista 4 aborda o uso de agências de notícias, de sistemas de pesquisa de tendências como o *Google Trends* e redes sociais como o Twitter como plataformas relevantes de busca de informação para o seu trabalho.

Com relação ao **contato com cientistas**, o grupo também teve falas majoritariamente neutras e, entre os/as jornalistas seniores, um comportamento foi explicitado: além de buscarem informação nas universidades e instituições de pesquisa, os/as jornalistas do grupo mantêm contato direto com cientistas e lhes passam demandas diretamente ou perguntam

diretamente por novidades científicas para divulgação, como em: *“Mas eu também tenho contatos com pesquisadores, principalmente nas áreas de Psicologia e Biologia, que são muitos amigos. Sempre pergunto para eles se tem alguma novidade”* (JORNALISTA 1, 2021).

Sobre as citações com valoração negativa, identificamos questões diretamente relacionadas à insegurança sentida por cientistas no contato com jornalistas devido à expectativa de que os profissionais do jornalismo não consigam transmitir a informação sobre ciência sem erros ou falhas. O comportamento também é citado na literatura como em Tabakman (2013) e Bueno (2003).

A parte de divulgação é meio malvista, às vezes, na academia. Também existe o medo, muitas vezes, do próprio cientista, de que o jornalista não dê conta de transmitir a informação, de que o jornalista cometa um erro e fique parecendo que o trabalho do cara está errado. (JORNALISTA 1, 2021)

Com relação a citações sobre **fontes confiáveis**, todas as falas codificadas apresentam valor neutro. Aqui, novamente, são listadas as universidades, os cientistas de instituições confiáveis e as agências como fontes de informação mais aceitas pelo grupo. Mesmo entre os/as jornalistas seniores, a ideia de que pesquisadores ligados a instituições com prestígio são confiáveis é alimentada: *“(...) de forma geral eu posso dizer que pesquisadores de instituições conhecidas geralmente são confiáveis”* (JORNALISTA 1, 2021).

Quando analisadas em conjunto com o código **valor da fonte**, percebemos que existe uma hierarquia mais explícita entre universidades confiáveis, como já havia sido revelado nos resultados do questionário aplicado ao grupo inteiro. A UFG aparece como unanimidade para os quatro jornalistas entrevistados em profundidade, como em: *“Hoje eu colocaria a UFG primeiro, porque eu sei que conseguiria essas fontes e que elas são confiáveis”* (JORNALISTA 2, 2021) e *“O problema das universidades particulares, na minha opinião, é que elas não têm muito investimento em pesquisa. Quando a gente busca uma questão, eles quase nunca têm um pesquisador sobre o assunto para indicar”* (JORNALISTA 3, 2021).

Outros pontos para o grupo dar mais valor à fonte identificado foram o prestígio social e o currículo, como em: *“Quando a gente joga no Lattes a gente confere ali o que ela já fez, o que ela já estudou naquela área. Eu considero confiável por essas referências”* (JORNALISTA 3,

2021) e “Quanto mais restrita e renomada é a instituição, mais importância eu dou, eu acho. Vai do prestígio público que tem” (JORNALISTA 1, 2021).

Sobre citações marcadas com o código **assessoria de imprensa**, o grupo permaneceu majoritariamente neutro. Nas falas, os/as jornalistas entrevistados citam as assessorias no relacionamento direto com as instituições de ensino e pesquisa e na busca de informação, seja de forma passiva ou ativa. Com relação à busca passiva, citam o recebimento de releases com sugestões de pautas e de fontes para entrevistas: “(...) a UFG e a UEG têm assessorias e imprensa e eles sempre me mandam. Eu também sempre confiro com os pesquisadores que eu conheço” (JORNALISTA 1, 2021).

Com relação aos hábitos de **leitura** da informação durante a busca, apenas o Jornalista 1 afirmou, durante a entrevista, buscar informação de divulgação científica em *newsletters* de agências e revistas: “eu assino algumas newsletters, como a da revista Fapesp, que é muito boa, e a Agência Bori, que é muito boa” (JORNALISTA 1, 2021). O mesmo jornalista também afirmou não ter o costume de ler revistas científicas: “Eu não assino nenhuma, muitas delas são pagas e você precisa peneirar aquilo. É muito difícil, porque são arquivos densos e é muito difícil peneirar. São artigos grandes e isso me demandaria muito tempo” (JORNALISTA 1, 2021). No grupo, além do Jornalista 1, apenas a Jornalista 3 citou **revistas científicas** como fonte, mas afirmou fazer essa leitura de forma pontual e específica quando precisa confirmar ou consultar alguma informação.

Assim como a citação a **agências científicas** como a Agência Bori, os/as jornalistas só citaram o contato com **sociedades profissionais** uma vez: “Quando são pesquisas específicas, a gente tem alguns infectologistas em Goiás que, digamos, acompanham essas discussões e tal. A gente já tem esse pessoal disponível para falar com a gente. Fora isso a gente procura as sociedades brasileiras” (JORNALISTA 3, 2021).

Com relação às citações sobre **entrevistas** e **pesquisa de informação**, essas são complementares ou iguais às codificadas enquanto necessidade de informação e preparação, justamente porque abordam relatos ligados ao preparo necessário a um jornalista antes de entrevistar um especialista ou cientista. Como lida com a divulgação da informação para leigos, cada jornalista precisa, no mínimo, entender rapidamente o consenso antes de iniciar a construção da matéria jornalística.

5.2.5 Uso e compartilhamento

Na categoria de Uso e Compartilhamento estão agrupados os seguintes códigos temáticos: **trabalho com ciência**, **confronto com a fonte**, **compartilhamento** e **motivação**. Apesar de pequeno, o grupo conecta o código temático com o maior número de registros com o comportamento raro entre os entrevistados de se apropriar da informação para confrontar a fonte. Nessa categoria, o valor foi majoritariamente neutro, seguido por citações de valor negativo e, em terceiro lugar, positivo.

Como esta pesquisa e todas as perguntas estão relacionadas ao trabalho desses jornalistas com a divulgação de ciência, era esperado a maior incidência de citações nessa categoria. Com relação ao uso da informação no **trabalho com ciência**, o grupo relatou tanto como objetivo quanto como desafio à simplificação da linguagem científica para a linguagem leiga, algo que Flusser (2007) defendeu ser necessário para a popularização do discurso científico, ainda abstrato para a maioria da população. Nas falas, isso repercutiu de duas formas. Primeiro, como motivação, com valor positivo: *“Acho legal quando eu consigo deixar claro e simples para as pessoas entenderem”* (JORNALISTA 3, 2021). Mas também enquanto desafio e dor, com valor negativo: *“Acho que a dificuldade de trabalhar com ciência acaba sendo um pouco maior. Como você está lidando sempre com fontes especialistas, você tem um cuidado assim, maior”* (JORNALISTA 2, 2021).

A questão da ausência de uma rede de jornalistas de ciência em Goiás também foi citada na entrevista em profundidade com o Jornalista 1: *“Alguns pesquisadores não são acessíveis, às vezes eu gostaria que as pessoas fossem mais interessadas por ciência, gostaria que houvesse uma comunidade maior de jornalistas interessados em ciência em Goiás”* (JORNALISTA 1, 2021). Na entrevista, o profissional deixa claro a desmotivação resultante da falta de interesse por divulgação científica no estado, tanto por parte da população quanto por parte dos colegas jornalistas e empresas de mídia. Também é o Jornalista 1 o único a citar um caso de confronto direto com um pesquisador entrevistado.

Com relação ao **compartilhamento**, o grupo de jornalistas relatou tendência a compartilhar mais as matérias que produzem de forma mais ativa e que trazem maior orgulho, como em: *“Eu acho que orgulho pelo trabalho que eu fiz, provavelmente. Gostaria de ser visto*

no meio também e tal. Acho que é isso, principalmente. Eu gostaria que as matérias tivessem mais leitura, então compartilho, muita gente vem pelo Facebook” (JORNALISTA 1, 2021).

Essas matérias mais trabalhadas, que a gente tem mais tempo para fazer e pode ouvir mais pessoas, eu tenho um prazer maior em compartilhar, porque a gente tem um conteúdo melhor, mais interessante. Eu gosto disso. Tanto para compartilhamento quanto para levar para minha mãe cortar e guardar. (JORNALISTA 3, 2021)

Por outro lado, os relatos de não compartilhamento estão diretamente ligados ao sentimento ou sensação opostos: de vergonha, injustiça ou não identificação com o que foi produzido. *“Às vezes a matéria é modificada por editores e, quando isso acontece, não compartilho. Quando toca em política também, porque senão vira um campo de batalha” (JORNALISTA 1, 2021).* Novamente entra aqui o relato citado no item 4.2.2 Ambiente, quando a Jornalista 3 relata uma situação embaraçosa vivida com seus editores, que optaram por forçá-la a escrever uma matéria jornalística sobre ciência sem seguir a lógica científica.

Por fim, tanto os dados do questionário quanto as entrevistas em profundidade com o grupo de jornalistas possibilitou dois pontos importantes: tanto identificar os comportamentos desse grupo relacionados à informação e, de forma intrínseca, suas dinâmicas e cultura de trabalho, quanto relatar o quão identificáveis na prática são os pontos abordados na literatura, há décadas, sobre as dificuldades no tratamento da informação científica por jornalistas tidos como “comuns” – ou não especializados na cobertura científica – e no sucateamento da imprensa nacional nos últimos anos.

Ponto importante é, também, o maior detalhamento possibilitado pelas entrevistas nos comportamentos de compartilhamento de relacionamento entre jornalistas e pesquisadores e jornalistas com outros jornalistas. Sendo assim, considera-se de grande valia para o estudo a combinação de instrumentos metodológicos escolhidos aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente Levantamento de Comportamento Informacional, consideramos atingido o **objetivo geral** do trabalho, de identificar o Comportamento Informacional de jornalistas de veículos de mídia on-line da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos.

A partir dos dados qualitativos e quantitativos e do mergulho na literatura produzida sobre o tema, termos também conseguido identificar com clareza quais as fontes confiáveis de informação sobre ciência segundo o grupo de jornalistas que compõem a amostra (**objetivo a**), qual sua visão e sentimentos nesse trabalho (**objetivo b**) e identificar que revistas científicas não são lidas por esses profissionais (**objetivo c**). Tais informações trazem subsídios para que instituições de pesquisa, pesquisadores, sociedades de pesquisa, agências de fomento e grupos de pesquisa independentes se organizem na elaboração de estratégias mais condizentes com as rotinas produtivas desses/as jornalistas.

Como visto no capítulo anterior, estratégias como investimento no relacionamento com a mídia, seja por meio de assessorias de imprensa ou do contato direto entre pesquisadores e jornalistas pode ser uma boa estratégia, já que é amplamente utilizada. A inclusão de pesquisadores diretamente em agências científicas e o treinamento e capacitação de pesquisadores e cientistas para o manejo da informação junto a jornalistas também parece promissor.

Com relação à **questão-problema** da dissertação, a saber: *Qual o Comportamento Informacional de jornalistas de veículos de mídia on-line de Goiânia para a seleção de fontes de informação em matérias sobre pesquisas e estudos científicos*, pode-se dizer, de forma segura com base nos dados levantados, que o Comportamento Informacional do grupo de jornalistas estudados varia conforme sua senioridade profissional, não necessariamente tendo ligação com sua idade física. Da mesma forma, o comportamento varia bastante se avaliados o ambiente em que o jornalista está inserido – se mais permissivo e aberto a indicações dos/as jornalistas ou mais fechado e autoritário no planejamento dos assuntos que serão abordados no veículo – e sua proatividade em querer falar de ciência mesmo sem existir uma editoria ou seção para o tema nos veículos.

Por outro lado, a hipótese inicial de que *os/as jornalistas que escrevem sobre pesquisas científicas nas redações de veículos on-line da cidade atuam mais de forma passiva que ativa na busca por informações sobre pesquisas realizadas nas instituições da cidade e que isso reflete qualitativa e quantitativamente no que é produzido pelos portais de notícia goianienses* se mostrou falsa, com base no grupo estudado. Ao contrário, o grupo se mostrou ativo na busca e uso da informação, sobretudo quando maior sua senioridade. Talvez o resultado possa ser resultante da baixa adesão do grupo inicial de jornalistas identificado no levantamento, que contemplava 60 pessoas, deixando para os mais engajados a participação – valeria novos estudos, então.

O resultado também se opõe à realidade sentida pelo pesquisador, que também atuou por nove anos como assessor de imprensa em uma universidade goiana, no convívio com jornalistas de portais de notícias da capital – estes apresentavam, muitas vezes, pouco conhecimento sobre métodos científicos e o tempo da Ciência, por exemplo. O grupo entrevistado para a dissertação, no entanto, se mostrou pequeno, mas poderoso. Em suas mãos, sobretudo falando do Jornalista 1 e da Jornalista 3, o público local consegue ter boas informações sobre pesquisas e estudos científicos, o que foi uma grata surpresa.

Por fim, como oportunidades identificadas a partir dos dados do questionário e das entrevistas em profundidade, para além da divulgação e aproximação com os/as jornalistas por parte dos cientistas e identidades, acreditamos ser viável e positiva um estudo sobre a inclusão de disciplinas de Comportamento Informacional dos currículos de cursos de Jornalismo. Hoje, não está claro se a reflexão sobre o comportamento humano para a Informação existe de forma estruturada no curso brasileiro. O que ocasiona que, no mercado, esses jornalistas contem apenas com a oportunidade de desenvolver habilidades e Competências Informacionais baseados no seu contexto e rotina – o que pode contribuir para que apenas aqueles profissionais de empresas maiores e mais inovadoras e de grandes centros urbanos tenham oportunidade de desenvolver habilidades para a divulgação de estudos científicos por meio do Jornalismo.

REFERÊNCIAS

- ANSARI, Murina Nasreen; ZUBERI, Nisar Ahmed. Information seeking behaviour of media professionals in Karachi. **Malaysian Journal of Library & Information Science**, v. 15, 2 ed., p. 71 - 84, ago. 2010.
- ANWAR, Mumtaz A.; ASGHAR, Muhammad. Information Seeking Behavior of Pakistani Newspaper Journalists. **Pakistan Journal of Information Management and Libraries**, v. 10, p. 57 - 79, 2009.
- ATLAS DA NOTÍCIA. **Atlas da notícia**: mapeando o jornalismo local no Brasil. v. 3. nov. 2019. Disponível em: <https://www.atlas.ior.br>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- ATTFIELD, S.; FEGAN, S.; BLANDFORD, A. Idea generation and material consolidation: tool use and intermediate artefacts in journalistic writing. **Cogn Tech Work**, v. 11, p. 227 - 239, 2009.
- ATTFIELD, Simon; BLANDFORD, Ann; DOWELL, John; CAIRNS, Paul. Uncertainty-tolerant design: Evaluating task performance and drag-and-link information gathering for a news-writing task. **International Journal of Human Computer Studies**, v. 66, 6 ed., pg. 410 - 424, jun. 2008.
- AZEVEDO, Andréia Gomes. **Entre demandas e desejos: necessidades informacionais de jornalistas no cenário de jornais paraibanos**. TCC (Trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia) - UFPB. João Pessoa, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo, SP: Edições 70, 2016. 279 p.
- BENETTI, Marcia. Produção da notícia. In.: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2009. p. 362 - 363.
- BIRD-MEYER, Matt; ERDELEZ, Sandra. Understanding encountering of story leads: A case of newspaper reporting behavior at Midwestern metropolitan-area newspapers. **Newspaper Research Journal**, v. 39, 3 ed., p. 259-269, 2018.
- BIRD-MEYER, Matthew; ERDELEZ, Sandra; BOSSALLER, Jenny. The role of serendipity in the story ideation process of print media journalists. **Journal of Documentation**, v. 75, 5 ed., p. 995 - 1012, 2019.
- BUENO, Wilson da Costa. **A imprensa brasileira e a síndrome da erva daninha**. Comunicação & Informação - edição especial meio ambiente, vol. 6, n. 2, p. 13-30, jul./dez. 2003. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás, 2003.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.
- CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. A busca da informação no contexto da televisão universitária: análise apoiada em indicadores de competência da informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 26, 3 ed., 2016.
- _____. **Competência em informação na UFPR TV**: a inter-relação entre informação, conhecimento e comunicação. Tese (Tese de doutorado em Ciência da Informação) - UNESP. São Paulo, 2014.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros**. Percepção pública da C&T no Brasil: 2015. Brasília, DF: 2017. 152 p.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. **Diálogos possíveis entre competências informacional e midiática: revisão da literatura e posicionamento de instituições da área.** Tese (Tese de doutorado em Ciência da Informação) - UNESP. São Paulo, 2018. 264 p.

CHAUDHRY, Abdus Sattar; AL-SAGHEER, Luluwa. Information behavior of journalists: Analysis of critical incidents of information finding and use. **The International Information & Library Review**, v. 43, 4 ed., p. 178 -183, dez. 2011.

_____. Information Behavior of Journalists: Analysis of Critical Incidents of Information Finding and Use. **Proceedings of the Asia-Pacific Conference On Library & Information Education & Practice 2011 (A-LIEP2011)**, jun. 2011, Putrajaya, Malásia. Disponível em: <http://ir.uitm.edu.my/id/eprint/3957>.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, Buenos Aires: CLACSO, 2008. Ano 1, n. 1, p. 53-76, junho 2008.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões.** Tradução de Eliana Rocha. 3 ed. São Paulo, SP: Editora Senac, 2011. 415 p.

_____. Seeking and avoiding information in a risky world. **Information Research**, Suécia, v. 22, n. 3, n.p., set. 2017. Disponível em: <http://informationr.net/ir/22-3/paper765.html>. Acesso em: 5 mar 2020.

CREATIVE COMMONS. **Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR. Acesso: 20 nov. 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010. cap. 4. p. 62 - 83.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010. cap. 14. p. 215 - 234.

EAGLETON, Terry. **Versões de Cultura**. In.: **A ideia de cultura**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2005. 204 p.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** Rafael Cardoso (org.). Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007. 224 p.

GANGER, Gilles-Gaston. **A ciência e as ciências**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1994. 122 p.

GASQUE, K. C. G. D. COMPORTAMENTO, LETRAMENTO INFORMACIONAL E PESQUISAS SOBRE O CÉREBRO: aplicações na aprendizagem. **Informação em Pauta**, v. 2, p. 85 - 110, 2 nov. 2017.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 1, p. 21-32, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000100002>. Acesso em: 3 out 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In.: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 187 - 240.

HOSSAIN, Arman; ISLAM, Shariful. Information-seeking by print media journalists in Rajshahi, Bangladesh. *IFLA Journal*, v. 38, 4 ed, p. 283 - 288, dez. 2012.

JONCEN, Consuelo Chaves. **A participação das fontes formais na qualificação da notícia**. Tese (Tese de doutorado em Ciência da Informação) - UFMG. Belo Horizonte, 2005.

JUNIOR, J. A. DA S. Legado e Herança das agências de notícias para o jornalismo na web. *Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 1-17, 27 jul. 2009.

KEMMAN, Max; KLEPPE, Martijn; NIEMAN, Bob; BEUNDERS, Henri. Dutch Journalism in the Digital Age. *Icono 14*, v. 11, 2 ed., p. 163-181, 2013.

KUHLTHAU, C. C. A principle of uncertainty for information seeking. *Journal of Documentation*, v. 49, n. 4, p. 339-355, 1993.

_____. **Seeking meaning: a process approach to library and information services**. 2 ed. Westport, CT: Libraries Unlimited, 2004. 247 p.

_____. **Longitudinal Evidence of the Influence of the ISP on Information Workers**. Rutgers, the State University of New Jersey, 2018. n.p.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul - manual de comunicação**. Tradução: Rafael Varela Jr. 2 ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 416p.

LEITE, Jailma Simone Gonçalves. **A informatividade na produção da notícia em unidades jornalísticas do Estado da Paraíba: As condições da construção de sentido da informação**. Dissertação (Dissertação de mestrado em Ciência da Informação) - UFPB. João Pessoa, 2015.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. Salvador, BA: Calandra, 2003. 158 p.

MACMILLAN, Margy. Watching Learning Happen: Results of a Longitudinal Study of Journalism Students. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 35, 2 ed., p. 132 - 142, mar. 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997. 405p.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2016. 224 p.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo, SP: Summus, 2008. 118 p.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010. cap. 17. p. 269 - 279.

MOTHES, Cornelia. Biased Objectivity: An Experiment on Information Preferences of Journalists and Citizens. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v. 94, 4 ed., p. 1073-1095, 2017.

NAVARRO, R. Pintado. El comportamiento informacional de los periodistas en la Región de Murcia. **Cuadernos De Gestión De Información**, v. 3, p. 25-51, jan. 2014.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. Pesquisa de opinião. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010. cap. 10. p. 164 - 178.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 3 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

OMID, Aghili. **Journalists' information seeking and behaviour on social media**. Tese (Tese de doutorado/PhD.) - RMIT University, Austrália, 2018. 293 p.

PLANELLES, Enriqueta. **Competencia informacional del alumnado en el currículum formativo de futuros profesionales de la comunicación**. Tese (Tese de doutorado em Biblioteconomia y Documentación) - UNIVERSITAT JAUME I. Espanha, 2014. 417 p.

RABELO, Ernane Corrêa. Ambiente informacional de estudantes de jornalismo. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 113 - 124, jan./jun. 2010.

RIBEIRO, José Hamilton. Da práxis à teoria (a riqueza cognitiva de um praticante do ofício). In.: MELO, José Marques de Melo; RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalismo científico: teoria e prática**. São Paulo, SP: Intercom, 2014. 262 p.

SILVA, Fernanda de Barros. **O regime de verdade das redes sociais on-line: pós-verdade e desinformação nas eleições presidenciais de 2018**. Dissertação (Dissertação de mestrado em Ciência da Informação) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2019. 157 p.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 - a pesquisa científica. In.: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

SINTRA, Marta Catarina Dias. **Fake News e a Desinformação: perspectivas, comportamentos e estratégias informacionais**. Dissertação (Dissertação de mestrado em Gestão e Curadoria de Informação) - Universidade Nova de Lisboa. Portugal, 2019.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010. cap. 3. p. 51 - 61.

TABAKMAN, Rosana. **A saúde na mídia: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos**. Tradução de Lizandra Magon de Almeida. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2013. 221 p.

TAMAÉL, Maria Inês et al. Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet. In.: TAMAÉL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Orgs.). **Avaliação de fontes de informação na internet**. Londrina: Eduel, 2004.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. 2 ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009. 206 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p.

VEHOF, H; SANDERS; J. VAN DOOREN, A.; HEERDINK, E.; DAS, E. Clinical evidence vs preliminary speculation in newspaper coverage of diabetes innovations: a quantitative analysis. **Public Health**, v. 150, p. 49 - 51, jul. 2018.

VERGEER, Maurice. Incorrect, fake, and false. Journalists' perceived on-line source credibility and verification behavior. **OBS***, Lisboa, v. 12, n. 1, p. 37-52, mar. 2018.

WHITE, Leslie. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WILSON, T. D. A general theory of human information behaviour. **Information Research**, v. 21, n. 4, 2016.

_____. Models in information behaviour research. **Journal of Documentation**, v.55, n.3, p. 249-270, jun. 1999.

_____. Human information behaviour. *Informing Science Research*, v.3, n.2, p. 49-55, 2000.

_____. **The diffusion of information behaviour research across disciplines**. Proceedings of ISIC: the information behaviour conference. **Anais...**Krakow, Poland: Information Research, 2018. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/23-4/isic2018/isic1801.html>. Acesso em: 27 set. 2019

_____. Remodelación del modelo. **Anales de Documentación**. Espanha, vol. 23, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/analesdoc.449171>. Acesso em: 22 fev 2020.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. 167 p.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

O comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia on-line em Goiânia**Seção 1 - Sobre você e sua formação**

Perguntas sobre o seu contexto pessoal e formação. Sua identificação não será requisitada.

1 Qual sua idade?

- a) entre 18 e 24 anos
- b) entre 25 e 29 anos
- c) entre 30 e 35 anos
- d) entre 36 e 40 anos
- e) entre 41 e 50 anos
- f) entre 51 e 55 anos
- g) entre 56 e 60 anos
- h) mais de 61 anos

2 Como você se identifica com relação ao gênero?

- a) Mulher
- b) Homem
- c) Agênero ou não-binário
- d) Outros: _____
- e) Prefiro não dizer

3 Qual a sua escolaridade?

- a) Ensino médio
- b) Ensino superior incompleto
- c) Ensino superior
- d) Especialização em andamento
- e) Especialização
- f) Mestrado em andamento
- g) Mestrado
- h) Doutorado em andamento
- i) Doutorado
- j) Pós-doutorado em andamento
- k) Pós-doutorado

4 Onde você estudou durante a graduação? (se for o caso)

- a) Instituição de ensino superior pública
- b) Instituição de ensino superior particular

5 Você é graduado em jornalismo? (se for o caso)

- a) Sim
- b) Não

6 Você participa ou participou de atividades de pesquisa, como iniciação científica, projetos de pesquisa na pós-graduação etc.? (se for o caso)

- a) Sim
- b) Não

Seção 2 - Sobre você e seu trabalho

Perguntas sobre o seu contexto profissional e sua atuação enquanto jornalista.

1 No veículo onde trabalha, por que você escreve sobre ciência?

- a) Porque é um tema que gosto, apesar de não ter me especializado
- b) Porque é um tema que ocasionalmente cai na minha mão
- c) Porque é um tema que sempre cai na minha mão
- d) Porque é um tema que determinaram que seria minha responsabilidade na redação
- e) Porque sou jornalista científico

2 Na cobertura científica, o que te interessa mais?

- a) Tecnologia
- b) Saúde
- c) Meio ambiente
- d) Agricultura
- e) Questões sociais
- f) Teorias
- g) Outros

3 Se sua resposta foi "outros", quais temas te interessam mais?

4 No veículo onde trabalha, você consegue ou já fez reportagens mais complexas sobre ciência, onde precisou de um tempo maior?

- a) Sim

b) Não, apenas abordagens rápidas e factuais

5 Se sua resposta foi “sim”, conte brevemente como foi essa experiência, por favor.

6 Essas experiências mais complexas sobre ciência costumam ser frequentes no seu veículo?

- a) Sim
- b) Não
- c) Depende da época do ano

Seção 3 - Sobre você e suas fontes de informação

Perguntas sobre as fontes de informação que você mais consulta para construir suas matérias de divulgação científica.

1 Com quais fontes de informação você geralmente trabalha para compor suas matérias de divulgação científica? (marque todas as opções que te atendem)

- a) Releases de instituições de pesquisa
- b) Agências de notícias nacionais
- c) Agências de notícias internacionais
- d) Bases de dados do governo
- e) Outras bases de dados
- f) Revistas científicas
- g) Sites ou portais sobre ciência
- h) Diretamente com cientistas e pesquisadores
- i) Outros

2 Se tiver marcado a opção "outros", aponte quais fontes costuma usar, por favor.

3 Nessa área, o que é uma fonte confiável para você? (marque todas as opções que te atendem)

- a) Pesquisador (a) que já conheço
- b) Pesquisador (a) de uma instituição que conheço
- c) Qualquer pesquisador (a) ou cientista
- d) Agências de notícias
- e) Instituições de pesquisa e universidades públicas
- f) Instituições de pesquisa e ensino particulares
- g) Os governos
- h) Outros

4 Se tiver marcado a opção "outros", aponte quais fontes costuma confiar, por favor.

5 Marque as instituições que você considera confiáveis para o seu trabalho

- a) UFG
- b) UEG
- c) IFG
- d) IF Goiano
- e) PUC Goiás
- f) Unip

- g) Universo
- h) UniAnhanguera
- i) UniEvangélica
- j) UniAlfa
- k) UniAraguaia
- l) Senac
- m) Senai
- n) Fapeg
- o) SBPC Goiás
- p) Embrapa
- q) Ibama
- r) Outros

6 Se tiver marcado "outros", informe outras instituições que considera confiável, por favor.

7 Marque as instituições com quem você já trabalhou para a composição de suas matérias

- a) UFG
- b) UEG
- c) IFG
- d) IF Goiano
- e) PUC Goiás
- f) Unip
- g) Universo
- h) UniAnhanguera

- i) UniEvangélica
- j) UniAlfa
- k) UniAraguaia
- l) Senac
- m) Senai
- n) Fapeg
- o) SBPC Goiás
- p) Embrapa
- q) Ibama
- r) Outros

8 Se tiver marcado "outros", informe outras instituições que considera confiável, por favor.

Seção 4 - Sobre como você trabalha a informação (uso e compartilhamento)

Perguntas sobre como você usa e compartilha informações nas suas matérias de divulgação científica.

1 Na composição de suas matérias sobre ciência, você costuma utilizar todas as fontes que consultou?

- a) sim
- b) não
- c) às vezes

2 Você costuma confrontar os/as cientistas entrevistados(as)?

- a) sim
- b) não

c) às vezes

3 Após iniciar a etapa de entrevistas, você costuma fazer novas leituras ou consultas de informação?

- a) sim
- b) não
- c) às vezes

4 Durante a redação ou composição da matéria, o que te motiva a destacar os fatos, fontes e pontos que você destaca?

5 Você costuma compartilhar as matérias sobre ciência que produz?

- a) sim
- b) não
- c) às vezes

6 Você compartilha suas produções sobre ciência com orgulho?

- a) sim
- b) não
- c) às vezes

7 Se sua resposta tiver sido "sim" ou "às vezes", justifique brevemente, por favor.

8 Você sente ou já sentiu medo de compartilhar suas produções sobre ciência?

- a) sim

- b) não
- c) às vezes

9 Se sua resposta tiver sido "sim" ou "às vezes", justifique brevemente, por favor.

10 Você já sentiu que seu trabalho foi prejudicado ou mal interpretado por conta do título ou da chamada/olho de alguma matéria sua?

- a) sim
- b) não
- c) às vezes

11 Com relação a falhas técnicas ou a quando você sentiu que falhou, marque as alternativas que te contemplam (ou explique a situação brevemente em "outros"):

- a) escrevi ou falei sobre o tema sem entendê-lo com clareza
- b) senti que minhas fontes não foram as mais adequadas
- c) senti não ter tempo suficiente para abordar o tema da forma mais adequada
- d) senti que gerei desinformação com minha matéria
- e) fui acusado de gerar desinformação com minha matéria
- f) me equivoquei na abordagem
- g) me acusaram de ter me equivocado na abordagem
- h) usei falas ou argumentos de um(a) especialista de uma instituição confiável, mas que se mostrou equivocado(a) depois
- i) fui confrontado por outros(as) cientistas ou por entidades representativas
- j) outras: _____

12 Marque as opções que já ocorreram na produção ou edição das suas matérias:

- a) alteraram o título da minha matéria
- b) publiquei um texto vindo de uma assessoria de comunicação, sem edição
- c) publiquei um texto vindo de uma assessoria de comunicação, com edição
- d) publiquei um texto vindo de uma agência de notícias, sem edição
- e) publiquei um texto vindo de uma agência de notícias, com edição
- f) outras: _____

Seção 5 - Sobre sua relação com a ciência

Perguntas sobre aproximações e sentimentos relacionados a escrever sobre ciência no seu contexto.

1 Falar sobre ciência exige mais que outros tópicos de cobertura, no seu trabalho?

- a) Sim
- b) Não
- c) Às vezes

2 Você acha fácil o contato com essas instituições que considera confiáveis?

- a) Sim
- b) Não
- c) Às vezes

3 A cobertura de assuntos científicos te traz satisfação?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não sei dizer

4 A cobertura de assuntos científicos te traz dor?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não sei dizer

5 Quais os outros sentimentos ou sensações surgem nesse processo de escrita de matérias sobre ciência?

6 Você acha que a ciência é importante para a sociedade?

- a) Sim
- b) Não

7 Você acha que o jornalismo é importante para a sociedade?

- a) Sim
- b) Não

8 Você acha que a cobertura jornalística sobre ciência em Goiânia já performa de forma suficiente?

- a) sim, plenamente suficiente
- b) sim, mas pode melhorar
- c) não, mas chega perto
- d) não, é completamente insuficiente

9 Você aceitaria participar de uma entrevista breve, por vídeo e na condição de anonimato, para contribuir com a pesquisa? Se sim, por favor, deixe seu melhor e-mail ou WhatsApp: _____.

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DAS ENTREVISTAS

Roteiro com perguntas abertas:

1. Conhecer o/a entrevistado/a: quem é, de onde veio, onde se graduou jornalista, onde já trabalhou.
2. Perguntar a relação pessoal de cada jornalista com a ciência.
3. Quais áreas ou assuntos da área mais gostam de abordar em suas matérias.
4. Como o veículo em que trabalha permite abordar a área?
5. Como o jornalista busca informação: costuma ler revistas científicas, receber releases de instituições de pesquisa, ter contato direto com pesquisadores (as)? Continua a busca após as entrevistas?
6. Defina uma fonte confiável de informação sobre ciência.
7. Quais costumam ser necessidades e desafios na busca por informação científica?
8. Quais pontos na cobertura de pesquisas e estudos científicos mais trazem satisfação?
9. E desconforto ou tristeza?
10. Quais pontos destacaria na rotina/cultura de trabalho se o assunto for ciência?
11. O que motiva a compartilhar as matérias que escreve? O que impede que compartilhe?
12. Por que a ciência é importante?
13. Por que o jornalismo é importante?
14. Deixar aberto para o/a entrevistado/a acrescentar algum comentário.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**A cultura científica em portais: um estudo do comportamento informacional de jornalistas de mídia online em Goiânia**”. Em decorrência da pandemia de Covid-19, tal participação corresponde a uma entrevista virtual, a partir de videochamada, e individual. Meu nome é **Roldão Alves de Barros Junior**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Comunicação - Jornalismo. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, confirme sua participação após a leitura do termo, em vídeo, sendo garantida uma cópia do vídeo da entrevista completa para você. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail roldao.junior@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar e WhatsApp, através do seguinte contato telefônico: (62) 98221-4275. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

Investigamos, neste estudo, a difusão do conhecimento científico em veículos de mídia online em Goiânia, a partir da visão do comportamento informacional de jornalistas da cidade. Área fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer nação, a ciência e, por consequência a tecnologia, tem caráter estratégico em todo o mundo. No Brasil, levantamento realizado em 2015 pelo Centro de Gestão em Estudos Estratégicos (CCGE) em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), publicado no ano passado, revelou o interesse dos brasileiros pelos temas da ciência, com cerca de 61% dos entrevistados se considerando interessados ou muito interessados, mas destacou a falta de entendimento do impacto das pesquisas científicas no dia a dia da população. Nesse sentido, um estudo para identificar tendências na busca e uso de informação por parte de divulgadores científicos como jornalistas se faz tão importante e urgente. Em Goiânia, algo assim segue inexistente, até agora. Nosso trabalho, que busca resolver essa lacuna, tem como objetivo geral identificar o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia online da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos. Você será entrevistado em grupo e para isso será necessário reservar um período de, pelo menos uma hora do seu tempo, para que possamos conversar. Como as perguntas serão sobre seu trabalho, podem acontecer desconfortos emocionais ou constrangimentos, neste caso você poderá não responder a qualquer pergunta que lhe trazer desconforto ou angústia.

Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, se houver, e ainda, a pleitear indenização em caso de danos previstos em Lei. Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será

respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, como o veículo onde trabalha, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para a condução da entrevista é necessário o seu consentimento para a gravação em vídeo, portanto, indique a opção que valida sua decisão:

- () Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
- () Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações, novamente, garantindo seu anonimato. Faça a indicação da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
- () Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, novamente, garantindo seu anonimato. Assinale a opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
- () Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, indique a opção que concorda:

- () Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
- () Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

() Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **“Ciência nos portais: um estudo sobre o comportamento informacional de jornalistas de mídia online em Goiânia”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo (a) pesquisador (a) responsável Roldão Alves de Barros Junior sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do (a) participante

Assinatura por extenso do (a) pesquisador (a) responsável

APENDICE D – TCLE QUESTIONÁRIO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“A cultura científica em portais: um estudo do comportamento informacional de jornalistas de mídia online em Goiânia”**. Meu nome é **Roldão Alves de Barros Junior**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Comunicação - Jornalismo. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assinale a alternativa **“Eu concordo em participar da pesquisa”**. Só assim terá início o questionário. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail roldao.junior@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar e WhatsApp, através do seguinte contato telefônico: (62) 98221-4275. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

Investigamos, neste estudo, a difusão do conhecimento científico em veículos de mídia online em Goiânia, a partir da visão do comportamento informacional de jornalistas da cidade. Área fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer nação, a ciência e, por consequência a tecnologia, tem caráter estratégico em todo o mundo. No Brasil, levantamento realizado em 2015 pelo Centro de Gestão em Estudos Estratégicos (CCGE) em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), publicado no ano passado, revelou o interesse dos brasileiros pelos temas da ciência, com cerca de 61% dos entrevistados se considerando interessados ou muito interessados, mas destacou a falta de entendimento do impacto das pesquisas científicas no dia a dia da população. Nesse sentido, um estudo para identificar tendências na busca e uso de informação por parte de divulgadores científicos como jornalistas se faz tão importante e urgente. Em Goiânia, algo assim segue inexistente, até agora. Nosso trabalho, que busca resolver essa lacuna, tem como objetivo geral identificar o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia online da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos. Você responderá este questionário online e, para isso, será necessário reservar um período de pelo menos 15 minutos do seu tempo. Como as perguntas serão sobre seu trabalho, podem acontecer desconfortos emocionais ou constrangimentos, neste caso você poderá não responder a qualquer pergunta que lhe trouxer desconforto ou angústia.

Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, se houver, e ainda, a pleitear indenização em caso de danos previstos em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo e assegurados a privacidade e o anonimato. Reitero que nenhum momento está previsto a divulgação do seu

nome durante ou após a pesquisa, porém, por exigência legal, peço que marque a opção que mais te deixa confortável:

() Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa (adaptado para questionário online, anônimo):

Concordo em participar do estudo intitulado **“Ciência nos portais: um estudo sobre o comportamento informacional de jornalistas de mídia online em Goiânia”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo (a) pesquisador (a) responsável Roldão Alves de Barros Junior sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

APÊNDICE E - ENTREVISTA JORNALISTA 1

Transcrição de entrevista

E = entrevistador

J1 = jornalista 1, homem, 29 anos

E) Quem é você? Fale um pouco.

J1) Eu sou de Cuiabá, mas me mudei muito cedo para Goiânia. Sempre fui um péssimo aluno, sempre fui muito ruim na escola, mas eu sempre fui muito curioso, muito interessado por ciências. Desde muito cedo, eu consumo divulgação científica em revistas como a Superinteressante, Galileu, desde bem criança mesmo. Eu sempre gostei do planetário, essas coisas, apesar de não gostar muito da escola.

Posteriormente, em psiquiatra e psicólogos, eu descobri que era muito ruim na escola por conta do TDAH. Então, a minha atenção para aulas realmente era muito ruim, mas para explorações e experimentos práticos, isso me prendia no momento. Por conta disso, a primeira escolha que eu tive quando concluí o ensino médio foi Ciências Biológicas. Mas eu fiz dois anos e saí. Deixei porque vi que não era aquilo que eu queria realmente, porque estudar ciências exige muita concentração, disciplina, rotina, o que não era exatamente o que eu queria. Eu me interessava também por literatura, principalmente ficção, então fui para o rumo do jornalismo, que tem mais a ver com comunicação, e no jornalismo eu me encontrei. Eu realmente gostei muito do curso.

Durante a faculdade de jornalismo, eu fiz estágio na Ascom da UFG, trabalhei no Jornal UFG e atualizei o portal da UFG, mas o que mais me chamou atenção nesse trabalho foi a produção de releases para a imprensa. Eu ia até os pesquisadores, conversava com eles, entendia o que era a pesquisa científica que eles conduziam e eu traduzia aquilo em termos jornalísticos e enviava para a imprensa. Às vezes era publicado. Foi isso que me deu mais ou menos o rumo do que eu faria posteriormente, porque depois que eu me graduei eu comecei a trabalhar no jornal e trabalho em diversas editorias, mas sempre que tenho a oportunidade de dar uma sugestão de pauta, eu insisto em falar sobre ciência, que é o que eu mais gosto mesmo. Então eu meio que criei uma editoria de uma pessoa só, que já criou um espaço habitual. Sei que já tenho até leitores que sabem que toda semana vai ter um texto e vão lá conferir. Isso é legal.

E) Você fez jornalismo então na UFG, lá na FIC?

J1) Sim.

E) E você se formou tem dois anos, é isso?

J1) Eu concluí em 2017.

E) Biologia você fez em Goiânia também?

J1) Foi na UFG também, no ICB.

E) Você me explicou um pouquinho como é a sua relação pessoal com a ciência, que fez um curso de graduação e percebeu que não era aquilo, mas a sementinha estava plantada. Você já entendia um pouquinho de método científico, provavelmente, e quando chegou no jornalismo foi fazer estágio na UFG e aí se abriu um mundo. Você disse que ciência é o que você mais gosta de fazer, é isso?

J1) Sim, no jornalismo é a parte que mais me interessa.

E) Dentro da ciência, desse trabalho que você faz, quais as áreas que mais te interessam?

J1) Eu gosto de todas, na verdade. É difícil escolher uma que eu mais goste. As ciências humanas são um pouco mais difíceis de trabalhar para mim, não que eu goste menos, mas porque tenho que ter mais cuidado para trabalhar, porque todo mundo tem uma opinião sobre a sociedade. Abordar isso de uma forma científica, às vezes, é mais difícil.

Mesmo as áreas que não têm tanta aplicação na sua vida, como a Astronomia, eu gosto. A parte que eu me concentro é o que tem em comum em todas elas, que é o método científico. O método é sempre onde eu tento dar o meu enfoque e isso tem em todas as áreas, então eu gosto de tudo.

E) Com relação ao veículo que você trabalha hoje, você falou que eles te dão uma certa liberdade. Queria que você falasse um pouquinho disso, de como é esse ambiente de trabalho para você trazer esses textos de ciência. Isso já existia lá?

J1) O jornal X, assim como outros veículos, cedia espaço ocasionalmente, quando tinha alguma descoberta científica grande, mas não era uma coisa estruturada. A qualidade das matérias variava também, porque muitas vezes eles estavam mais interessados na aplicabilidade prática na vida dos leitores. Então não era mesmo uma matéria com interesse no método, na descoberta científica.

Depois que eu comecei a sugerir essas matérias, eles foram muito bacanas e me incentivaram a ir atrás disso. Só tenho a agradecer aos meus colegas, aos editores. Eles entenderam logo que a proposta das matérias era um pouco diferente, então não tive nenhum conflito no meu local de trabalho. Às vezes me falta tempo, porque tenho outras coisas para fazer lá, mas quando tenho tempo são bem aceitas as minhas sugestões.

E) Entendi, mas isso hoje parte das suas sugestões? Não existe nada estruturado lá dentro ainda?

J1) Não. Sempre que eles recebem uma sugestão de pauta relacionada com ciência, eles mandam para mim. Então eu avalio muito... às vezes nem só ciência, mas pautas de bem-estar e saúde, que têm a ver, eles mandam para mim.

E) Sobre como você busca informação, queria saber como você faz isso para o seu trabalho com a ciência. Você lê alguma revista, recebe os releases, tem contato direto com os pesquisadores... como essa informação costuma chegar?

J1) São várias formas. Primeiro, eu tento me manter sempre atualizado, lendo revistas de ciência mesmo, não de divulgação científica. Mas eu também tenho contatos com pesquisadores, principalmente nas áreas de Psicologia e Biologia, que são muitos amigos.

Sempre pergunto para eles se tem alguma novidade. Além disso, eu assino algumas newsletter, como a da revista Fapesp, que é muito boa, a Agência Bori, que é muito boa. Eles disponibilizam banco de contatos, pesquisas também antes de serem divulgadas, com embargo, que você tem esperar para divulgar no dia, mas é um bom jeito de ficar informado. Então tem esses jeitos. De vez em quando eu recebo também releases de assessores de imprensa de universidades.

E) Quando você fala de revistas científicas, são aquelas revistas em que cientistas escreveram artigos?

J1) Eu não assino nenhuma, muitas delas são pagas e você precisa peneirar aquilo. É muito difícil, porque são arquivos densos e é muito difícil peneirar. São artigos grandes e isso me demandaria muito tempo.

E) Com relação a Goiás, você faz alguma coisa?

J1) Olha, de Goiás... a UFG e a UEG têm assessorias e imprensa e eles sempre me mandam. Eu também sempre confiro com os pesquisadores que eu conheço. Mas não, eu acho que não.

E) Com relação a fontes confiáveis. No questionário você viu que eu perguntava "o que é uma fonte confiável para você" e eu tive respostas muito diferentes. Quero entender para você o que é uma fonte confiável nesse ambiente, da ciência.

J1) Antes de conversar com as fontes, eu tento primeiro fazer uma pesquisa. Essa pesquisa não vai me dar dados que de fato eu vou usar na minha matéria final, mas ela vai me esclarecer sobre o consenso na área. Então, se eu entrevistar um pesquisador, mesmo que ele seja renomado, e ele tiver uma opinião que eu percebo que é controversa, eu vou confrontar aquela opinião com outros pesquisadores.

Mas de forma geral eu posso dizer que pesquisadores de instituições conhecidas geralmente são confiáveis, acho que não consigo lembrar de nenhum exemplo de uma pessoa que já entrevistei que disse algo muito radical. Mas a gente sabe que existe e é importante confrontar.

E) Mas existe, na sua cabeça, alguma hierarquia, alguma diferenciação de instituições públicas, particulares, alguma variação?

J1) Acho que existe variação sim. Quanto mais restrita, renomada é a instituição, mais importância eu dou, eu acho. Vai do prestígio público que tem.

E) Você me falou um pouco sobre como você busca informação, como você confronta uma fonte às vezes. Se você tivesse que definir quais necessidades você tem na hora de redigir uma matéria, uma reportagem, quais seriam? O que você precisa, relacionado a informação, para conseguir escrever?

J1) Não sei se eu entendi bem a pergunta. As matérias variam. Cada uma vai ter um enfoque, uma abordagem. Eu tento privilegiar o método da descoberta, o método científico. Porque tem uma narrativa, né? Você tem que testar uma hipótese, dar um salto imaginativa.

Depende da pauta. Algumas vezes, a informação científica que a gente quer dar visibilidade confronta algum consenso que a gente tem no senso comum. Nesse caso, eu perguntaria para várias pessoas o que elas acham, confronto, perguntaria também para o autor da pergunta por que as pessoas têm uma concepção errada, então varia.

E) E desafio, você vê algum?

J1) Existem. Alguns pesquisadores não são acessíveis, às vezes eu gostaria que as pessoas fossem mais interessadas por ciência, gostaria que houvesse uma comunidade maior de jornalistas interessados em ciência em Goiás, isso facilitaria também bastante. São vários obstáculos.

E) Quando você fala do acesso ao cientista, você fala de contato mesmo?

J1) A parte de divulgação é meio malvista, às vezes, na academia. E também existe o medo, muitas vezes, do próprio cientista, de que o jornalista não dê conta de transmitir a informação, de que o jornalista cometa um erro e fique parecendo que o trabalho do cara tá errado. Então muitos cientistas têm receio sim de conversar com jornalistas.

E) O que você considera que te traz mais prazer ou alegria dentro desse trabalho?

J1) Tem muitas coisas. Eu gosto muito quando a minha fonte reconhece que o trabalho ficou bom, agradece e ela mesma divulga. Gosto quando as pessoas leem e dão um retorno, dizem que não sabiam daquilo, que aprenderam alguma coisa. Mesmo quando nenhuma dessas coisas acontecem, eu gosto quando eu leio a minha matéria e tenho um reforçador interno. São vários reforços que eu tenho.

Às vezes, na composição da matéria, quando eu converso com uma pessoa eu gosto, eu vejo o quanto eu gosto de conversar, de descobrir uma coisa nova, eu tenho essa profissão que me permite fazer perguntas idiotas.

E) E com relação a sentimentos ruins, tem algum?

J1) É. Como eu disse, eu gostaria que as pessoas se interessassem mais, que tivesse maior número de acesso, de leitura. Acho que os outros problemas se resolveriam por consequência.

E) Quais pontos da sua rotina você destacaria?

J1) A minha rotina já está bem estabelecida, porque faço isso já tem uns dois anos, então já está meio que no automático. Primeiro eu faço um estudo prévio e isso é importante, depois tenho que mapear quem é importante conversar, além do cientista, outras pessoas cuja área de atuação se relaciona com aquela, caso uma pesquisa tenha um desdobramento em várias áreas, se vai ter impacto econômico, daí eu já tenho que conversar com pessoas que não são cientistas. É difícil dizer, porque cada matéria tem seu processo.

Essas matérias que eu me dedico bem, eu me dedico uma semana inteira.

E) Imagino que você não fique por conta dessas matérias, né? Você divide o tempo?

J1) Sim. Eu tenho as matérias diárias. Como o trabalho depende muito da disponibilidade das fontes, então eu não posso reservar um período do dia só para aquilo, eu tento marcar as entrevistas e, quando a fonte pode eu peço para o pessoal do jornal segurar que eu tenho que fazer uma entrevista. Então vai meio que se acumulando as coisas. Você improvisa e vai fazendo.

E) O que te motiva a compartilhar as matérias que você escreve?

J1) Eu acho que orgulho pelo trabalho que eu fiz, provavelmente. Gostaria de ser visto no meio também e tal. Acho que é isso, principalmente. Eu gostaria que as matérias tivessem mais leitura, então compartilho, muita gente vem pelo facebook.

E) Tem algo que te impede de compartilhar? Já aconteceu?

J1) Às vezes a matéria é modificada por editores e, quando isso acontece, não compartilho. Quando toca em política também, porque senão vira um campo de batalha.

E) Se tivesse que elencar se mais compartilha ou não compartilha, como ficaria?

J1) Nessas matérias semanais, mais trabalhadas, sim, eu compartilho. As diárias, de hard news, raramente eu compartilho. Por semana eu compartilho, então, uma ou duas, no máximo, enquanto faço várias por semana.

E) Para você, por que a ciência é importante?

J1) Ciência é o método pelo qual a humanidade avança, é o único método que é capaz de dar respostas, mas de trazer satisfação sobre o método que aquilo foi encontrado. Então as outras explicações a respeito do mundo, as religiosas, que seja, elas não me interessam muito, porque eu não consigo muito discordar, verificar ou tentar confrontar, eu não vejo muita área onde eu possa atuar. A ciência, por outro lado, eu acho fascinante, porque as pessoas podem ver, muitas vezes, seu próprio quintal ali, fazer o experimento e ver se é fato ou não. Então, para mim a ciência é a língua em que o conhecimento avança.

E) E o jornalismo?

J1) Jornalismo é condição *si ne qua non* para tudo, para a democracia, para a atualização das pessoas sobre o que acontece no mundo, para elas sentirem seus arredores e conhecerem seu próprio ambiente. Jornalismo também é fórum público, serve de espaço de debate onde as pessoas conseguem conversar civilizadamente, embora isso tenha ficado cada vez mais difícil ultimamente.

APÊNDICE F – ENTREVISTA JORNALISTA 2

Transcrição de entrevista

E = entrevistador

J2 = jornalista 2, homem, 26 anos

E) Fale um pouco sobre você. Qual sua caminhada como jornalista até agora?

J2) Nasci em Goiânia, em 1997. Entrei no curso em 2016 e formalmente ainda sou estudante, apresento o TCC em maio, mas atuo como repórter desde 2019. No curso, tive minhas primeiras experiências atuando já em 2016, na rádio universitária na UFG. Ter essa experiência já de cara me deu gás.

Comecei com redação como estagiário em 2019 e, depois, como repórter. Não é muito tempo, mas já deu para ter alguma experiência.

No jornal (atual, nome removido) atuo como repórter, na editoria de Cidades no impresso e no on-line.

E) Qual a sua relação com a ciência?

J2) Eu vou tentar pegar umas lembranças mais antigas. A curiosidade sempre foi algo muito vivo em mim. A curiosidade de saber os porquês, não só de conhecer, mas de entender o porquê. Por que o céu é azul? Por que a chuva cai? Das minhas lembranças mais antiga é isso.

Agora, na academia, eu não tive tanto contato com isso, a não ser alguma disciplina ou outra, como jornalismo científico, em que os professores pincelavam, mas nada muito aprofundado. Quando chego na redação em 2019, passa a fazer parte das pautas que vem chegando para a gente. Na maioria das redações você não tem mais essa divisão entre jornalismo econômico, político essas coisas. Então cada dia cai uma coisa na sua mão. Um dia você escreve sobre ciência. Claro que, na redação, tem pessoas mais aptas a escreverem sobre determinados assuntos, mas acaba que vai girando e você escreve sobre tudo.

E) Desses assuntos, o que você se sente mais à vontade em falar?

J2) Astronomia, com certeza. Mas escrevi muito pouco sobre isso. Aqui em Goiânia não é muito pautado. Se eu for pensar futuramente, na área de ciência, o que eu gostaria de escrever com certeza é sobre astronomia.

E) E dentro do que você já escreveu, tem alguma que você acha mais fácil?

J2) Talvez saúde, mas aí eu posso estar contaminado pelo momento. Hoje eu te diria saúde, mas pelo momento.

E) Como é para você (e como era no outro jornal) a liberdade e a rotina para trabalhar?

J2) Se fosse outras editoriais, eu conseguiria fazer essa distinção, eu acho, de uma forma mais clara. Em ciência, acho bem parecido nos dois jornais. Existe uma liberdade editorial bem grande. Se a gente fosse comparar com política, por exemplo, seria bem diferente.

No outro jornal, o J1, não sei se você o entrevistou, ele sempre propôs pautas sobre ciência e nunca houve uma negação ou nada do tipo. Eu só quero fazer uma ressalva: dentro do nosso contexto de redação hoje, não é qualquer pauta de ciência que você vai conseguir vender (fazer com o que o editor te libere para iniciar), porque você não vai ter tempo de fazer. A pauta como ciência vai acabar sendo vista como menos importante do que as pautas de cotidiano, ela pode ir ficando para trás.

E) Agora sobre como você busca as informações que você precisa quando tem que falar de ciência. Onde você costuma buscar informação confiável?

J2) A gente entende que a dinâmica da redação, hoje em dia, boa parte das vezes a gente tem o chamado release. Que seja de agência, de uma assessoria de algum hospital ou médico, muitas vezes chega o release para você. A maioria das vezes, o release é acompanhado da sugestão de fonte, então a própria assessoria que te encaminhou ela te fala 'tem essa pessoa que você pode consultar'. É uma possibilidade e eu já acessei, mas assim, nos temas complexos, que eu acho que não foram muitos que eu tive acesso, eu buscava muito a assessoria da UFG para sugerir professores e pesquisadores para fazer parte da matéria. Sempre tive um feedback muito bom. Você manda o que você está querendo e eles mesmos procuram um pesquisador e te mandam.

Ademais, a gente acaba consultando outros veículos de comunicação, o que os maiores veículos já escreveram sobre aquilo. Então, se você vai falar sobre vacina, você pode ver nas semanas anteriores o que foi escrito sobre aquilo ali. A partir disso você tem nortes também.

E) Depois que você faz as suas entrevistas fica alguma dúvida ou você parte para a escrita?

J2) Essa questão da dúvida, não só sobre matérias de ciência, mas talvez principalmente, você escreve, formata, você tem que entregar, mas talvez você não entendeu completamente. Tem alguma brecha, mas você tem que entregar, porque jornalismo é tempo, é deadline (a 'linha da morte', ou último prazo de entrega). Se é para sexta-feira, é para sexta-feira.

E) Quando você pensa em fonte confiável, o que vem?

J2) Na minha experiência de redação eu tive pouco contato com a assessoria da PUC. Hoje eu colocaria a UFG primeiro, porque eu sei que conseguiria essas fontes e que elas são confiáveis. Eu confesso que como instituição, no trabalho jornalístico mesmo foi a UFG mesmo.

E) Com relação a necessidades de informação, o que você precisa?

J2) Não sei se eu entendi exatamente, mas de forma basilar eu preciso de fontes. Preciso das fontes para responder as perguntas-chave que eu consegui refletir inicialmente sobre aquela questão. Então acho que a consulta a outros veículos, a plataformas oficiais de governo acontece até mesmo antes da consulta às fontes (jornalísticas, os especialistas, no caso). Você cria questões gerais que você vai trabalhar com as fontes. Com essas fontes, muitas vezes, vão surgir outras questões também.

E) Se essa dúvida surgir ao falar com a sua fonte, onde você vai buscar informação?

J2) Seu eu tiver tempo hábil, com o mesmo especialista. Se não tiver, o que geralmente não acontece, procuro outra pessoa.

E) O que mais te traz satisfação nas matérias sobre ciência?

J2) Eu não tive experiência com matérias complexas. Talvez, com essas experiências eu teria mais esse tesão. O pouco que eu escrevi, eu acho que levar isso, ter a sensação de que você está informando e de certa forma traduzindo aquela questão e levando a um veículo que está acessível para todo mundo, nossa, isso talvez.

E) E tem alguma dor ou tristeza?

J2) Não sei se entra nessa categoria. Recebendo esses materiais de assessoria, teve um dia, em uma data próxima a luta contra o HIV e eu recebi um release do HDT (o Hospital de Doenças Tropicais, localizado em Goiânia). O release tinha o enviesamento que trazia muitos estigmas sobre a comunidade gay e essa matéria veio para mim. Quando eu tive que lidar com isso, eu fiquei muito mal, tive uma crise de pânico mesmo. E eu não sei por que... era um material com viés científico e já estava pré-pronto. O que foi orientado é que eu tinha que procurar algum especialista do próprio HDT para completar essa matéria e eu lembro muito pouco, porque eu fiquei realmente muito bravo, mas eu lembro que eu não busquei o especialista realmente, mas que eu soltei o release sem assinar.

E) Com relação à sua rotina, tem algum ponto que você destaca?

J2) Acho que a dificuldade de trabalhar com ciência acaba sendo um pouco maior. Como você está lidando sempre com fontes especialistas, você tem um cuidado assim, maior. Porque, quando você sai para a rua, para fazer uma reportagem, você tem cuidado com a sua fonte, mas talvez não seja o mesmo que você vai ter quando vai redigir uma matéria sobre ciência. Quem vai ler aquela matéria é, no mínimo, o cientista que você consultou. Acho que a grande diferença é essa, a do cuidado, do receio ao escrever essa matéria.

E) Você costuma compartilhar as matérias de ciência que escreve?

J2) Não sou nada presente nas redes sociais, então compartilho zero. Mando para amigos, no máximo, pelo WhatsApp.

E) E você já deixou de compartilhar alguma matéria sobre ciência que escreveu?

J2) Acho que de verdade não, porque o máximo que eu mando é para amigos.

E) A ciência é importante?

J2) Se eu pudesse ter formulado, eu talvez chegaria com um texto lindíssimo, porque eu reconheço cada elemento de importância da ciência, seja para saúde, seja para a gente se organizar enquanto sociedade, para a gente se entender. Então, assim, com certeza é importante. Dentro do jornalismo, pegar e poder compartilhar com o máximo de pessoas.

E) E o jornalismo?

J2) Muito importante. Acho que a partir do jornalismo que a gente consegue se fortalecer enquanto sociedade e democracia, entre outras coisas. E, também, que pra mim é a grande coisa, a gente tem a democratização dos diversos tipos de informação que a gente tem disponível. Apesar de ser muito clichê, pensar a academia é pensar na burocratização, tanto do acesso a documentos ou até mesmo a linguagem em si. Democratizar isso é uma das importâncias do jornalismo.

E) Tem algo a mais que quer falar?

J2) Vou reforçar que as minhas experiências com matérias sobre ciência foram poucas. A maioria foi de acessos a releases que chegaram, que trabalhei em cima. Não consigo me considerar um jornalista de ciência. Agora, extremamente interessado, é uma das editorias que eu trabalharia tranquilamente.

APÊNDICE G – ENTREVISTA JORNALISTA 3

E = entrevistador

J3 = jornalista 3, mulher, 35 anos

E) Quem é você? Fale um pouco.

J3) Comecei em jornal em 2006. Sou de Goiânia mesmo. Entrei no jornalismo meio que por conta própria de interesse mesmo. Comecei em um jornalzinho semanal e depois fui para jornais maiores.

Me formei em 2008.

E) Qual sua relação com ciência?

J3) Ciência mesmo não, nada que eu seja extremamente ligada. Mas eu gosto muito de algumas coisas que envolvem. Eu gosto muito de meteorologia, sou a menina do tempo aqui em casa. Tudo que envolve viajar eu olho o clima, tempo, tudo mais. Tenho dois filhos, então acompanho para saber se coloco roupa de manga curta, manga longa e tal.

Costumo ler para saber sobre isso. Acabou que conheci algumas pessoas da área. De trabalho eu acabo gostando de tudo que eu faço, mas pessoal eu acabo gostando dessa área de meteorologia.

E) No trabalho, qual área da ciência você mais gosta de abordar?

J3) Na verdade, acho que isso muda de acordo com o que passa. Não tem nenhuma coisa que eu goste mais. Gosto mesmo é de coisas novas, de curiosidades, sabe? Tipo, o que tem ali de pesquisa legal eu gosto de fazer. É legal contar para as pessoas, mas eu gosto de saber, sabe? Ver se vira assunto.

E) Como o veículo que você está hoje te permite trabalhar esses temas científicos?

J3) A gente tem oportunidade de apresentar sugestões de pauta, só que a gente teve um enxugamento recente nas redações de estarmos com menos da metade de repórteres da época que eu entrei, em 2014. Nós éramos 18 e hoje somos 8, 9. Essas pautas mais frias acabam ficando para depois.

Então, mesmo que eu apresente uma pauta, que eu seja interessada, desde que começou a pandemia a gente tem sido engolida mesmo pelas pautas de Covid, de mortos e afins. Nesse último ano, percebo que a gente não tá tendo mais abertura mesmo pra fugir muito disso. A parte que chega mais perto disso mesmo [da questão científica] é das pautas sobre covid.

Mas outras pautas que talvez a gente tenha interesse pessoal mesmo, curiosidade, gosto ou oportunidade, a gente não tá tendo mais oportunidade de falar.

E) Quando tem que escrever sobre ciência, como você busca essas informações?

J3) As sugestões de pauta aparecem de diversas maneiras, principalmente releases. Aparecem muitos releases e como eles são disparados para todo mundo, os jornais acabam largando, deixando de lado. Se a gente consegue alguma coisa por fora, seja por um amigo, que tem um amigo que fez uma pesquisa e deu um resultado, aí a gente apresenta como pauta e aí, por exemplo, tenho autorização para dar andamento.

Nessa hora, a gente vai atrás das universidades. Do próprio pesquisador que fez o estudo e das universidades, porque geralmente ou elas têm algo parecido ou tem alguém que pode nos dar um panorama, um parecer, uma opinião mesmo sobre o assunto.

E) E se o assunto for covid mesmo, como você tem feito?

J3) Cai todo dia. Quando são pesquisas específicas, a gente tem alguns infectologistas em Goiás que, digamos, acompanham essas discussões e tal. A gente já tem esse pessoal disponível para falar com a gente. Fora isso a gente procura as sociedades brasileiras.

E) Defina para mim o que é uma fonte confiável de ciência.

J3) Depende do momento da pauta. Se é uma pauta explícita, se eu estou, por exemplo, com uma matéria de um estudo específico, eu confio nesse pesquisador e aí a gente busca uma outra pessoa que conheça o assunto. Geralmente é na universidade, que é onde a gente entende que tem os estudiosos, as pessoas que entendem do assunto.

Geralmente a gente manda as perguntas para as assessorias de imprensa das universidades, seja em Goiás, Brasília, São Paulo, onde a gente encontre pessoas que estudem o assunto, o caso ou um caso parecido.

Eu considero essa pessoa confiável porque são pessoas que estão em instituições sérias, dedicam a vida a esse trabalho, tem trabalhos publicados. Quando a gente joga no Lattes a gente confere ali o que ela já fez, o que ela já estudou naquela área. Eu considero confiável por essas referências.

E) Se você tivesse que definir, dentre todas as universidades, uma hierarquia. Como seria?

J3) Existe. Primeiro universidades públicas federais, sempre começo pela UFG. Depois busco em Brasília, a UnB e depois em São Paulo, na USP. Não só porque são instituições que tem, digamos, mais credibilidade, mais estudos e dedicação à pesquisa, mas também porque os jornais do Brasil já têm caminho trilhado ali. A gente tem mais facilidade de apresentar uma pauta e receber retorno do que em uma universidade menor ou particular.

O problema das universidades particulares, na minha opinião, é que elas não têm muito investimento em pesquisa. Quando a gente busca uma questão, eles quase nunca têm um pesquisador sobre o assunto para indicar. É um pouco mais complexo. Então acabo que os meus colegas têm muito esse caminho. O IFG ajuda muito a gente também, o IF Goiano também.

E) No seu processo de trabalho, quais as necessidades de informação?

J3) Geralmente, quando chega um release, eu leio o release inteiro, jogo no Google para saber o que já saiu sobre o assunto, para saber se realmente é um assunto dominável, vamos dizer.

Em alguns momentos, pode ser que eu tenha dificuldade com o assunto. Quando isso acontece, eu peço mais tempo. Já aconteceu de pedir mais tempo. Uma vez, um cara da Nasa estava aqui em Goiânia, um cientista. E aí me falaram "você vai entrevistar ele" e eu fiquei "como assim? O que ele fala? Fala português?" e tal. Ele é daqui de Goiânia e foi ótimo conhecê-lo. Fui pesquisar a vida do cara.

Quando eu tenho uma entrevista presencial, eu vou pesquisar a vida da pessoa para entender como ela é mesmo. Quando são essas matérias mais complexas, a gente pede mais prazo mesmo para entender. A gente não pode chegar lá e passar vergonha. É fácil você sair e fazer uma entrevista sobre covid, porque acaba que todo mundo já sabe as vacinas disponíveis e tudo mais. Mas em situações como pesquisas e projetos a gente nunca sabe, então a gente pesquisa antes.

E) Quando você pede esse tempo, geralmente você consegue?

J3) Quando é matéria especial sim. Geralmente esse material nunca é pro outro dia, então nem que sejam duas ou três horas antes de fazer a primeira ligação a gente consegue.

E) E desafio, o que é para você nesse tipo de trabalho?

J3) Acho que tem um monte. Mas como não tem mais jornalismo especializado na redação em que estou, acaba que a gente fala de muita coisa superficialmente. O desafio para mim é conseguir entender, conseguir conversar com alguém, conseguir extrair um material relevante e conseguir traduzir isso no texto. Então, para mim é um desafio do começo ao fim. Geralmente não é um assunto que a gente lida fácil, que eu escrevo tranquilamente em uma tarde. Então o meu desafio é conseguir entender e falar de uma maneira clara para as pessoas que vão ler.

E) Tem algum ponto que te traz satisfação ou alegria?

J3) Acho legal quando eu consigo deixar claro e simples para as pessoas entenderem. Esse cara da Nasa é um caso que eu tenho satisfação mesmo de falar. Ele esteve em Goiânia e não queria falar com ninguém, porque ele disse que já teve experiências que já foram ruins e a gente passou uma tarde com ele, a gente teve esse prazo. Cheguei lá e ele muito sisudo, muito calado.

Ele falou "achei que você fosse vir com uma lista de perguntas e era isso". Convenci ele até a ir para o meio do morro fazer um book de fotos. O que foi interessante é que no outro dia ele falou para mim "achei ótimo, ficou claro". Ele tinha desenvolvido um sistema que ia conseguir ler as formações de tempestades em tempo recorde. Era muito interessante e era um assunto que eu gostava, então por isso acho que foi tranquilo. É legal quando a gente consegue traduzir.

Agora, fiz uma matéria sobre uso de medicamento precoce para covid. Conversei com alguns especialistas, incluindo um de São Paulo com uma opinião bem divergente da maioria, e bem complexo o que ele dizia, a pesquisa que ele fez. No final, eu fiquei até sem dormir pra entender o que ele estava falando. Essa eu mandei para ele ler antes de publicar. Eu não costumo fazer isso, mas em casos muito técnicos eu mando, porque não tenho a técnica do pesquisador né. É suor, sangue, lágrima e desespero.

E) Queria saber mais sobre a parte ruim.

J3) A gente se preocupa com o que vai ser publicado porque é o nosso trabalho ser claro e objetivo e conseguir transmitir um material legal. A minha dificuldade é ter certeza de ter um material do jeito que tem que ser. Eu me preocupo tanto que, nesses casos, eu peço ajuda mesmo pro próprio pesquisador ou para outras pessoas.

E) Isso é específico desse trabalho?

J3) Acho que é mais latente essa preocupação nos trabalhos científicos. Quando são outros assuntos mais fáceis e palpáveis a gente consegue passar por elas sem desespero.

E) Tem algo que te motiva ou te desmotiva a compartilhar essas matérias que faz?

J3) Essas matérias mais trabalhadas, que a gente tem mais tempo para fazer e pode ouvir mais pessoas, eu tenho um prazer maior em compartilhar, porque a gente tem um conteúdo melhor, mais interessante. Eu gosto disso. Tanto para compartilhamento quanto para levar pra minha mãe cortar e guardar.

E) Já teve algum caso de não querer compartilhar?

J3) Tive alguns. O mais recente foi uma matéria que eu fiz que era uma comparação de cidades que tinham distribuído o kit covid para o tratamento precoce com as cidades que não tinham. Foi uma ideia que os editores tiveram. Eles falaram assim "as cidades que distribuíram não tiveram redução dos casos, então a gente vai comparar as cidades". Eu falei "beleza, mas a gente precisa validar isso". Teve alguns pesquisadores que me falaram que não tínhamos como fazer essa relação assim. E aí, de toda maneira a gente teve o bate-pé lá na redação de que teríamos que fazer mesmo. Eu tive essa dificuldade e não conseguia a fala de ninguém. Acontece algumas vezes, que a gente poderia fazer um material de pesquisa mesmo, mas optam por fazer uma coisa no achismo do editor. Eu quase choro.

E) A ciência é importante?

J3) É extremamente importante. Nesses últimos dias, a gente chegou num momento em que a ciência está sendo questionada. Coisa que a gente não tinha antes. Agora, por questões políticas, ela tem sido. Eu vejo isso como uma dificuldade tão grande que me dá até vontade de chorar. Como a gente chega num ponto desses? A gente só tem um avançozinho se tiver ciência. Como a gente vai ter uma vacina? Como a gente vai ter qualquer coisa que seja nessa vida. Acho importante pelo seguimento da vida mesmo, pelo avanço de tudo que a gente precisa.

É importante desde o desenvolvimento de um tecido, até o medicamento que a gente vai tomar, sabe? Não tem nem como separar a vida da gente sem ciência.

E) E o jornalismo?

J3) Meu sentimento é que sim, muito. Temos um presidente eleito com fake news no Brasil. A gente tinha uma professora na faculdade que dizia que "jornalismo é tudo que ninguém quer mostrar" e eu fiquei sempre com isso na cabeça. Sempre tive um interesse muito grande pela área de cidades porque tenho um sentimento de justiça muito grande, interesse em ajudas

as pessoas. É a minha área de preferência por conta disso, de ser de gente. Tudo que ajuda as pessoas é importante. A gente precisa de informação de verdade, informação real, para evitar que novos presidentes assim sejam eleitos.

E) Quer deixar alguma mensagem ou reflexão?

J3) Eu tenho como importante no trabalho que a gente faz essa divulgação mesmo do que é novo, o que é legal. Eu gosto muito de curiosidades, desde criança. Sigo no instagram páginas de fatos curiosos. Acho que a gente tem que ter um outro lado, diferente das hard news. A maior parte dos estudos, das pesquisas, de alguma maneira é um avanço sempre. Se teve uma discussão, tem um avanço, nem que seja para falar "não é por aqui". Vejo que essas pesquisas sempre têm um caminho novo, mesmo que seja o de não seguir.

APÊNDICE H – ENTREVISTA JORNALISTA 4

Jornalista 4, homem, 28 anos

E = Entrevistador

E) Fale um pouco sobre você.

J4) Me formei em Jornalismo no final de 2019. Comecei a estagiar no sexto período e, após o estágio, fui contratado. Sou de Goiânia. Me formei na PUC Goiás.

E) Você tem alguma relação com ciência?

J4) Zero. Fiquei até pensando quando você falou que eu fiz uma matéria eu fiquei pensando. Com relação a ciência e pesquisa eu sou péssimo, não tenho intimidade.

E) E curiosidade?

J4) Pensando por esse lado sim. Eu já tive assinatura da Mundo Estranho (revista). Eu gosto muito desse tipo de conteúdo, nem tinha me tocado que pode ser ciência também. Gosto muito de curiosidades e matérias e reportagens inusitadas, que às vezes você nem percebe.

E) O que você mais gosta de abordar?

J4) Fora do entretenimento eu gosto muito de matérias que sejam interessantes e inusitadas. Gosto de coisas que a pessoa vai se interessar a ler só de ver o título. Hoje mesmo publiquei uma notícia sobre um avião que teve que pousar porque um gato atacou o piloto. Coisas assim.

E) Onde você trabalha, como te permitem abordar isso? Você tem liberdade?

J4) Sim. Na editoria em que estou agora eu tenho essa liberdade de ver o que está acontecendo e fazer sobre aquilo. Mas tem os editores que sugerem pautas. E eles sugerem mesmo, não mandam. Sou mais eu por conta própria pesquisando o que está acontecendo e fazendo matéria.

E) E como você busca informação?

J4) Agência de notícia ajuda muito, o Google Trends para ver os assuntos mais buscados e também o Twitter. Praticamente tudo começa no Twitter. É mais isso, mas sites grandes também, que costumam postar essas coisas que eu gosto, tipo o UOL, O Dia, Metrôpoles.

E) Com relação a essas notícias que têm a ver com ciência, você costuma entrevistar alguém?

J4) Não. É mais editando mesmo. Entrevista é mais com alguma matéria local ou que precisa falar com autoridade. Você falando de ciência, eu lembrei de um tipo de notícia que até ficou mais recorrente nesse tempo de BBB (Big Brother Brasil), que é a pesquisa de popularidade digital dos participantes. Tem até um instituto que faz esse tipo de pesquisa.

Mas esse tipo de matéria eu pego de agência, já vem tudo pronto e a gente não pode editar nem nada.

E) O que é uma fonte confiável para você?

J4) Primeiro eu acho que vem a agência de notícias, porque é uma coisa que a gente até paga para ter acesso. O texto já vem até pronto, a gente não pode modificar praticamente nada, então eu considero confiável. Além disso, tem as autoridades e acho que sites grandes também.

E) Nessa escrita sobre assuntos curiosos ou científicos, o que você considera necessário?

J4) Primeiro eu tento ver se, por exemplo, mais de um veículo de comunicação deu aquela notícia para ver se é mesmo confiável. Tem algumas coisas que você lê o título e acha que é fake news na hora, de tão louco. Vejo se as informações batem de uma fonte para outra, se não tem nada muito diferente.

Já aconteceu de publicar e depois eu ver que tinha alguma coisa errada e modificar. Mas acho que o principal é você ver se tudo aquilo que você está publicando é real, se não tem alguma informação inventada.

Cada assunto vai desenvolver de uma forma diferente.

E) Nesse conteúdo, tem algo que te traga mais satisfação na hora de produzir?

J4) Eu acho que talvez, em primeiro lugar, conhecer essas histórias, publicar para um público regional, que eu sei que talvez não teria acesso a essa notícia. Também alguma coisa pessoal, eu ficar sabendo daquilo que aconteceu. Antes de trabalhar com isso mesmo eu já gostava de ficar lendo essas coisas, não ficar lendo só sobre morte e sangue.

Notícias envolvendo animais me interessam muito, como essa do gato que eu falei.

E) E o contrário? Tem algo que te traga desconforto?

J4) Talvez só quando alguma coisa vai para o instagram. Dependendo dos comentários. Mas não é nada que atinja de uma forma que me faça não querer mais fazer. Hoje eu fico até rindo desses comentários. Mas não tem alguma coisa tão negativa assim.

E) Destaque um ou mais pontos da sua rotina quando você trabalha esse tipo de assunto. O que é diferente dos outros assuntos?

J4) O mais diferente é, por exemplo, muitas dessas notícias são internacionais. O mais diferente é ter que entrar em sites internacionais para comparar as notícias. Já aproveito e fico fazendo comparação do texto internacional com o nosso. Tem site que parece que não tem lead, uns com texto bem grande, outros não.

Às vezes tenho que usar o Google Tradutor para escrever uma matéria, às vezes demora mais porque em cada site está uma coisa. Ainda mais quando tem alguma coisa relacionada a pesquisa, que pode ter um dado diferente de um site para outro.

E) O que te motiva a compartilhar essas matérias?

J4) Acho que pensar que outras pessoas vão gostar de ler aquela notícia assim como eu gosto. Sair daquela mesmice de morte, sangue, política e Bolsonaro e ler alguma coisa diferente, que você não estava esperando.

E) E tem alguma coisa que te impede de compartilhar essas matérias em que você assina o seu nome?

J4) Não. Quando eu resolvo escrever já é alguma coisa que eu pensei que não vai dar problema nenhum. Eu faço uma lista de sugestões de pauta e filtro as melhores. As que eu já escrevo e chego a publicar são as que eu acho mais legais.

E) Você considera a ciência importante?

J4) Muito, porque a pessoa vai ler uma notícia e se não tiver por trás uma confirmação científica, aquilo vai estar inválido. Não vai ter veracidade. Pesquisa está comprovando alguma coisa, acho primordial, essencial.

Na vida também, com certeza. Tem muita coisa que a gente nem acha que é ciência, passa batido, mas é muito importante em qualquer âmbito.

E) E o jornalismo?

J4) Com certeza, por se informar do que está acontecendo, em vários assuntos, confiar, saber que aquilo que você está lendo não tem uma inverdade. Tem a responsabilidade social do jornalista, de comprometimento com a sociedade.

Até mesmo na questão do entretenimento. É importante você tirar um tempo para ler algo que vai te relaxar. Além de saber de tudo que vai interferir na sua vida, o preço das coisas e tudo mais.

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO Nº 3.752.286



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A cultura científica em portais: um estudo do comportamento informacional de jornalistas de mídia online em Goiânia

Pesquisador: ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 23659219.0.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.752.286

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado sobre a publicação de reportagens de cunho científico por jornalistas na cidade de Goiânia. O recorte temporal para a pesquisa tem como foco os jornalistas de mídia online atuantes na cidade de Goiânia que foram autores de alguma publicação sobre pesquisa científica em um período de 12 meses, entre setembro de 2018 e setembro de 2019. Em levantamento inicial on line, o pesquisador identificou cerca de 40 jornalistas que publicaram textos científicos no recorte temporal da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia online da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Tendo em vista que os instrumentos de coleta de dados serão um grupo focal e aplicação de questionários, o pesquisador cita como risco o constrangimento em responder perguntas com foco na atuação profissional. Mas o pesquisador garante a interrupção na realização das perguntas e a possibilidade de se afastar da pesquisa sem nenhum prejuízo. Em relação aos benefícios, a pesquisa poderá trazer dados sobre as necessidades e esforços dos jornalistas locais na produção de materiais sobre ciência e esses dados poderão ser convertidos em estratégias para a melhoria

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.752.286

desse trabalho.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Como instrumentos de coleta de dados serão utilizados o grupo focal para quatro jornalistas e aplicação de questionários on line a 36 jornalistas. O número de participantes ainda pode ser alterado a partir do uso da técnica de mineração de dados em páginas públicas por meio de webscraping, técnica que utiliza a linguagem de programação Python para a seleção automatizada de dados em uma página – no caso deste estudo, o nome dos jornalistas autores de matérias sobre estudos e pesquisas científicas em veículos de mídia online com estrutura física, as “redações”, em Goiânia. Foi apresentado o roteiro do grupo focal que tem como foco a formação do jornalista, seu conhecimento sobre ciência e suas fontes de acesso a informações científicas. Foram apresentadas as questões norteadoras para o questionário on line que estão relacionadas ao perfil de formação, acesso às questões de ciência e fontes de informação sobre divulgação científica. Os jornalistas serão recrutados para o grupo focal por telefone e e-mail, a partir de seus contatos comerciais, disponibilizados pelos veículos onde trabalham. Nesta etapa, os quatro participantes escolhidos serão os primeiros a responderem o convite, mostrando sua disponibilidade. O GF será realizado na UFG, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação que disponibiliza o espaço para o pesquisador. A coleta de dados está prevista para se iniciar a partir de janeiro de 2020. Os questionários serão aplicados durante o ano de 2020. A análise dos dados será feita por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin. O financiamento é próprio.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos: Folha de Rosto e Termo de Compromisso devidamente assinados, projeto de pesquisa, Anuência do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, TCLE para os participantes do Grupo Focal, TCLE para os participantes que responderão aos questionários. Os TCLEs apresentam a possibilidade de ligação a cobrar para o pesquisador em caso de dúvidas, garantem sigilo, possibilidade de que o participante se afaste da pesquisa sem nenhum prejuízo, possibilidade de indenização em caso previstos em lei e estão escritos em linguagem clara. O TCLE do GF explicita o instrumento de registro (gravação de voz) e tem espaço para as autorizações dos participantes de uso de voz e opinião.

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
 Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.090-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.752.286

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências anteriores foram atendidas (apresentação da forma de recrutamento dos participantes, local para realização do GF, apresentação das questões norteadoras para elaboração do questionário, explicitação da forma de registro do GF no TCLE, inclusão do espaço para autorização do uso de voz e opinião no TCLE do GF, adequação do cronograma de coleta de dados para janeiro/fevereiro de 2020). Considera-se, dessa forma, que o projeto encontra-se adequado em relação às normas éticas da pesquisa com seres humanos e aprovado por este Comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa. Abril de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1451107.pdf	05/12/2019 22:50:28		Aceito
Outros	NOVO_Instrumento_de_coleta_questionario.docx	05/12/2019 22:46:55	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	NOVOcarta_resposta_CEP.pdf	05/12/2019 22:45:46	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	NOVO_termo_anuencia_ppgcom.pdf	05/12/2019 22:44:45	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	NOVO_projeto_mestrado_2019_CEP.docx	05/12/2019 22:44:17	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Cronograma	NOVO_cronograma_isolado.docx	05/12/2019 22:43:57	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE_grupofocal.doc	05/12/2019 22:42:07	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocep.pdf	14/10/2019 15:42:00	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Outros	Termo_para_Uso_Imagem_Voz_CEP.	09/10/2019	ROLDAO ALVES DE	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
 Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.690-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.752.286

Outros	docx	19:25:10	BARROS JUNIOR	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta.docx	09/10/2019 19:24:45	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Cronograma	cronograma_isolado.pdf	09/10/2019 19:24:17	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_questionario_online.doc	09/10/2019 19:23:32	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_grupofocal.doc	09/10/2019 19:23:25	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_CEP.docx	09/10/2019 19:17:06	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_mestrado_2019_CEP_final.pdf	09/10/2019 19:16:03	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 09 de Dezembro de 2019

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com

ANEXO 2 - PARECER CONSUBSTANCIADO CEP/UF 4.627.518 (EMENDA)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A cultura científica em portais: um estudo do comportamento informacional de jornalistas de mídia online em Goiânia

Pesquisador: ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 23659219.0.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.627.518

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado sobre a publicação de reportagens de cunho científico por jornalistas na cidade de Goiânia. O recorte temporal para a pesquisa tem como foco os jornalistas de mídia online atuantes na cidade de Goiânia que foram autores de alguma publicação sobre pesquisa científica em um período de 12 meses, entre setembro de 2018 e setembro de 2019. Em levantamento inicial on line, o pesquisador identificou cerca de 40 jornalistas que publicaram textos científicos no recorte temporal da pesquisa. Houve dilação do prazo para finalização do mestrado e solicita-se alteração do prazo para realização de entrevistas.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar o comportamento informacional de jornalistas de veículos de mídia online da cidade de Goiânia para a redação e publicação de matérias sobre pesquisas e estudos científicos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Tendo em vista que os instrumentos de coleta de dados serão um grupo focal e aplicação de questionários, o pesquisador cita como risco o constrangimento em responder perguntas com foco na atuação profissional. Mas o pesquisador garante a interrupção na realização das perguntas e a possibilidade de se afastar da pesquisa sem nenhum prejuízo. Em relação aos benefícios, a pesquisa poderá trazer dados sobre as necessidades e esforços dos jornalistas locais na produção de materiais sobre ciência e esses dados poderão ser convertidos em estratégias para a melhoria

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 4.627.518

desse trabalho.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A primeira etapa da pesquisa já foi realizada (aplicação de questionários). NO próximo movimento serão realizadas entrevistas com alguns participantes selecionados. As entrevistas serão no formato online.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos: Folha de Rosto e Termo de Compromisso devidamente assinados, projeto de pesquisa, Anuência do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, Histórico em que consta que o pesquisador já passou pela qualificação, TCLE. O TCLE apresenta a possibilidade de ligação a cobrar para o pesquisador em caso de dúvidas, garante sigilo, possibilidade de que o participante se afaste da pesquisa sem nenhum prejuízo, possibilidade de indenização em caso previstos em lei e estão escritos em linguagem clara.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências anteriores foram atendidas (apresentação de um novo TCLE para a entrevista a ser realizada de forma virtual, envio de documento dos pesquisadores se comprometendo com a nova coleta de dados apenas após aprovação da emenda pelo CEP). Dessa forma, o projeto encontra-se adequado às normas éticas da pesquisa com seres humanos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera a presente solicitação de Emenda APROVADA, pois a mesma foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para 31/08/2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_170715_5_E1.pdf	25/03/2021 17:34:48		Aceito
Outros	resposta_2021.pdf	25/03/2021	ROLDAO ALVES DE	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
 Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.090-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 4.627.518

Outros	resposta_2021.pdf	17:33:55	BARROS JUNIOR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_coleta_2021.docx	25/03/2021 17:15:23	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE_entrevista_individual_por_video.doc	25/03/2021 17:14:30	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Outros	historico_2019100802_prorrogado.pdf	23/02/2021 09:31:23	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Cronograma	prorrogado_cronograma_isolado.pdf	23/02/2021 09:30:08	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Outros	NOVO_Instrumento_de_coleta_questionario.docx	05/12/2019 22:46:55	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	NOVOcarta_resposta_CEP.pdf	05/12/2019 22:45:46	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	NOVO_termo_anuencia_ppgcom.pdf	05/12/2019 22:44:45	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	NOVO_projeto_mestrado_2019_CEP.docx	05/12/2019 22:44:17	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Cronograma	NOVO_cronograma_isolado.docx	05/12/2019 22:43:57	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocep.pdf	14/10/2019 15:42:00	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Outros	Termo_para_Uso_Imagem_Voz_CEP.docx	09/10/2019 19:25:10	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta.docx	09/10/2019 19:24:45	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Cronograma	cronograma_isolado.pdf	09/10/2019 19:24:17	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_questionario_online.doc	09/10/2019 19:23:32	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_grupofocal.doc	09/10/2019 19:23:25	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_CEP.docx	09/10/2019 19:17:06	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_mestrado_2019_CEP_final.pdf	09/10/2019 19:16:03	ROLDAO ALVES DE BARROS JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
 Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.690-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 E-mail: cep.prpi@ufg.br

